UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO

Mariana Zancan

Plasticidade dos espinhos somáticos e dendríticos e implicações funcionais da amígdala medial póstero-dorsal em ratos

Porto Alegre
2015

Mariana Zancan

Plasticidade dos espinhos somáticos e dendríticos e implicações funcionais na amígdala medial póstero-dorsal em ratos

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Dr. Alberto Antonio Rasia- Filho

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Alberto Antonio Rasia Filho, por todas as oportunidades concedidas, por seu entusiasmo contagiante pela ciência, por todos e tantos valiosos diálogos. Fica aqui minha admiração e respeito!

Aos meus pais, Hélio e Aneila, por sempre me incentivarem a buscar caminhos mais distantes, entenderem a minha ausência e vibrarem comigo em cada vitória. E ao meu irmão Mateus, pela parceria que firmamos, pela paciência, confiança e amor.

Aos meus tios Selvino e Ires, pela acolhida e por todos os momentos reconfortantes.

Aos meus amigos que sempre compreenderam a importância do mestrado pra mim.

Ao colega Edson por toda a ajuda, especialmente na perfusão dos animais e na estatística. À colega Aline, pelo empenho imensurável em abrilhantar todas as imagens e pela troca de experiências.

Às técnicas do laboratório de Fisiologia, Carmen e Monice, pelo auxílio e por tornarem a convivência agradável. Às técnicas do Biotério Neca e Inês, pela colaboração durante este período.

Às veterinárias do Biotério, Prof. Fernanda e Joana, por nunca medirem esforços na disponibilização de animais para pesquisa e assim incentivarem o caminho científico.

Ao centro de Microscopia Eletrônica da UFRGS, especialmente o técnico Henrique, pelo auxílio na captura das imagens.

À FAPERGS, à UFCSPA e ao Programa de Pós- Graduação em Ciências da Reabilitação.

Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos.

Isaac Newton

RESUMO

O subnúcleo póstero dorsal da amígdala medial (MePD) é uma área sexualmente dimórfica, com alta concentração de receptores para hormônios gonadais e capaz de modular comportamentos sociais em ratos. Fêmeas apresentam uma variação dinâmica de espinhos dendríticos ao longo do ciclo estral, indicando a ocorrência de plasticidade neural dependente dos níveis fisiológicos dos hormônios ovarianos em circulação para controle da secreção neuroendócrina e da emissão de comportamentos femininos relacionados com a reprodução. Comparativamente com núcleos hipotalâmios interconectados, nada se sabe sobre as sinapses feitas nos corpos neuronais no MePD de ratas durante as diferentes fases do ciclo ovulatório. Em machos, o MePD se relaciona com o comportamento sexual masculino e a quantidade de espinhos dendríticos fica reduzida após a castração de animais adultos. Não se conhece o que ocorre com a morfologia dos espinhos dendríticos no MePD após castração de longo tempo em ratos. De forma inédita, a presente dissertação teve como objetivos: (1) estudar a forma como ocorre a cobertura glial e axonal do corpo neuronal, a possível modificação cíclica nas sinapses axo-somáticas e nos contatos gliais sobre a membrana do corpo neuronal local e a presença e variação na densidade e morfologia dos espinhos somáticos no MePD de ratos e ratas ao longo das diferentes fases do ciclo estral empregando-se microscopia eletrônica de transmissão; e (2) estudar a densidade e a morfologia de espinhos dendríticos de ratos machos adultos submetidos à castração de longa data (3 meses) quando comparados a respectivos grupos controle empregando-se microscopia confocal. Para o primeiro objetivo, foram utilizados ratos Wistar adultos (3 meses de idade, n= 6 machos e 22 fêmeas), mantidos em condição padrão de biotério e sob cuidados éticos. As fêmeas foram estudadas nas fases de diestro, proestro (manhã e noite) e estro. Fotomicrografias da ultraestrutura do MePD foram reconstruídas, mensurou-se o perímetro do pericário e calculou-se o percentual da membrana do corpo celular coberta por processos gliais, axônio e dendritos. A densidade de espinhos somáticos (total e por tipo diferente morfológico) foi calculada dividindo-se o número total de espinhos pelo perímetro somático. Os resultados demonstraram que a membrana somática dos neurônios do MePD é recoberta, em sua maior parte, por processos gliais, porém não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos estudados. No entanto, encontrou-se

maior quantidade de espinhos somáticos em fêmeas no final do proestro que em estro e tais espinhos somáticos em proestro apresentaram-se com forma variável, incluindo-se espinhos achatados, espessos, finos, em formato de cogumelo, ramificados, com aspecto transicional entre formatos ou com morfologia atípica. Para contemplar o segundo objetivo foram utilizados 15 ratos Wistar adultos distribuídos nos grupos: não manipulados experimentalmente (“intactos”, n= 6), submetidos à castração fictícia (Sham= 4) ou castrados (n= 5) e estudados 90 dias depois da remoção cirúrgica dos testículos. A seguir, os encéfalos foram processados histologicamente e empregou-se o corante fluorescente DiI para aquisição e reconstrução tridimensional de imagens dos espinhos dendríticos proximais do MePD por microscopia confocal. Machos castrados apresentaram uma diminuição na densidade de espinhos dendríticos, com diminuição dos valores para os espinhos dos tipos finos, cogumelos e ramificados ao mesmo tempo em que aumentou a densidade de espinhos dendríticos do tipo achatado e espesso quando comparados aos grupos controle. Estes resultados contribuem para o entendimento da plasticidade morfológica dos neurônios do MePD e do dimorfismo sexual local com possível implicação na modulação de comportamento reprodutivo dependente de ações estáveis e/ou de variações dinâmicas dos hormônios gonadais em circulação em ratos.

ABSTRACT

The dorsal posterior subnucleus of the medial amygdala (MePD) is a sexually dimorphic area with a high concentration for gonadal hormones receptors and able to modulate social behavior in rats. Females have a dynamic range of dendritic spines during the estrous cycle, indicating the occurrence of neural plasticity dependent on physiological levels of ovarian hormones in circulation to control the neuroendocrine secretion and the issue of women's behaviors related to reproduction. Compared with interconnected hypotalamic nucleus, nothing is known about the synapses made in neuronal bodies in MePD of rats during different phases of the ovulatory cycle. In males, MePD is related to male sexual behavior and the amount of dendritic spines is reduced after castration of adult animals. It is not known what happens to the morphology of dendritic spines in MePD long term after castration in rats. In an unprecedented way, this dissertation aimed to: (1) study how occurs the glial and axonal coverage of the neuronal body, the possible cyclical change in axo-somatic synapses and glial contacts on the membrane of the local neuronal body and the presence and variation in density and morphology of somatic spines on MePD males and females during the different phases of the estrous cycle employing transmission electron microscopy; and (2) study the density and morphology of dendritic spines of adult male rats subjected to long-term castration (3 months) when compared to respective control groups employing confocal microscopy. For the first aim adult Wistar rats were used (3 months of age, n = 6 males and 22 females), kept under standard vivarium conditions and under ethical guidelines. The females were studied in the diestrus phase, proestrus (morning and evening) and estrus. Photomicrographs of the ultrastructure of MePD were reconstructed, measured to the perimeter of the soma and calculated the percentage of cell body membrane covered by glial processes, axon and dendrites. The density of somatic spines (total and by different morphological type) was calculated by dividing the total number of spines by somatic perimeter. The results showed that the somatic membrane of neurons MePD is covered, for the most part by glial processes, but there was no statistically significant difference between groups. However, we found a greater amount of somatic spines in females at the end of proestrus to estrus and such somatic spines in proestrus were presented with variable form, including stubby, wide, thin, mushroom, branched, with transitional aspect between formats or with atypical

morphology. To address the second objective were used 15 Wistar adult rats distributed in the following groups: non-manipulated experimentally ("intact", n = 6) underwent sham castration (Sham = 4) or castrated (n = 5) and studied 90 days after the surgical removal of the tests. Subsequently, the brains were processed histologically and used the fluorescent dye DiI for acquisition and reconstruction of three-dimensional images of dendritic spines of proximal MePD by confocal microscopy. Castrated males showed a decrease in the density of dendritic spines, with decreased values for spines of thin, mushrooms and branched at the same time increased the dendritic spines density of the stubby and wide type when compared to control groups. These results contribute to the understanding of morphological plasticity of neurons MePD and local sexual dimorphism with possible involvement in modulating the reproductive behavior depending on stable shares and/or dynamic variations of gonadal hormones in circulation in rats.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Artigo I

Artigo II

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMPA	Alfa-amino-3-hidroxi-metil-5-4-isoxazolpropiónico
ACe	Amígdala central
BDNF	Fator neurotrófico derivado do encéfalo
DiI	Percloreto de 1,1'-dioctadecil-3,3,3',3'-tetrametil-indocarbocianina
GFAP	Proteína ácida fibrilar glial
GnRH	Hormônio liberador de gonadotrofinas
IGF-1	Fator de crescimento semelhante à insulina
LTP	Potenciação de longa duração
MeA	Amígdala medial
MeAD	Amígdala medial ântero- dorsal
MeAV	Amígdala medial ântero- ventral
MePD	Amígdala medial póstero- dorsal
MePV	Amígdala medial póstero- ventral
MePDi	Porção intermediária da amígdala medial póstero- dorsal
MePDl	Porção lateral da amígdala medial póstero- dorsal
MePDm	Porção medial da amígdala medial póstero- dorsal
NCAM	Molécula de adesão neuronal
NMDA	N-metil-D-aspartato
PSD	Densidade pós sináptica
REL	Retículo Endoplasmático Liso
SNC	Sistema Nervoso Central
TO	Trato óptico

SUMÁRIO

1. Introdução

1.1 Amígdala

A amígdala ou complexo amigdaliano é uma estrutura complexa composta por núcleos e subnúcleos localizados no lobo temporal, lateral ao hipotálamo e ventral ao estriado no prosencéfalo basal de mamíferos[1,2,3]. Em primatas, é caracterizada como uma estrutura ovóide de substância cinzenta subcortical rostral ao hipocampo[1,4]. Em ratos, localiza-se anteriormente ao hipocampo, ventral e lateral ao trato óptico (TO) ao longo de toda sua extensão rostro-caudal[2,5,6].

O termo amígdala foi empregado, previamente para se referir a uma região do cérebro de mamíferos constituída por um conjunto de núcleos em forma de amêndoa, de onde surgiu seu nome[7]. Conforme Kamal e Tömböl (1975)[8], foram os estudos de Johnston, Humphrey e Crosby que descreveram primeiramente a estria terminal, que representa a maior via de ligação entre a amígdala e as regiões médio-basais do telencéfalo além da organização citoarquitetônica desta estrutura e suas divisões. Considerava-se a amígdala dividida em uma região córtico- medial e outra basolateral; a primeira composta pelos núcleos basal e lateral, representando a região mais recente na escala evolutiva e a segunda constituída pelos núcleos central, medial (MeA) e cortical, representando a área filogeneticamente mais antiga. Além desses núcleos, foi descrita a existência de um terceiro grupo, denominado de amígdala anterior, do qual faziam parte os núcleos laterais do trato olfativo, áreas de transição e núcleos não classificados.

Mais recentemente a classificação da amígdala de ratos divide-a em quatro regiões que, segundo a sua citoarquitetura e hodologia são: 1) amígdala “expandida”, assim chamada por se estender além de seus limites anatômicos. Subdivide-se em núcleos central e MeA e estruturas anatomicamente correlacionadas; 2) amígdala com características corticais, subdividida em porção basolateral e em porções que se ligam às vias olfativas e vomeronasal; 3) região de transição, situada entre a porção ventral dos núcleos da base e a amígdala “expandida”; e 4) núcleos ainda não classificados, constituídos por um grande grupo de células dispersas na substância branca e no interior do núcleo próprio da estria

terminal[1,9]. Os limites anatômicos precisos da amígdala e a classificação plena de todas as suas subdivisões permanecem, no entanto, ainda controversos[2,7].

A amígdala de ratos compreende subnúcleos que formam uma complexa rede estrutural inter-relacionada e multifuncional, uma vez que está envolvida na modulação de diversos comportamentos sociais[1,2,10,11,12]. Os núcleos amigdalianos integram vias preservadas filogeneticamente, como as aferências que recebe do bulbo olfatório principal e acessórios e as eferências que envia para os diversos núcleos e subsistemas funcionais do hipotálamo[13,14]. Para realizar suas funções, a amígdala recebe diferentes informações sensoriais, tanto interoreceptivas quanto exteroceptivas, que acabam modificando sua atividade e estimulando diversas regiões do sistema nervosos central (SNC) em resposta ao estímulo inicial com relevância social para o indivíduo e sua espécie[15,16,17]. À vista disso, sabe-se, presentemente, que a amígdala não tem uma função unitária simples, mas um papel de integração de atividades comportamentais, endócrinas e simpático/parassimpáticas[10,18]. Atribui-se à amígdala funções como: percepções de estímulos olfativos e hormonais (como o dos esteroides sexuais e os glicocorticoides), interpretação e respostas comportamentais a estímulos gerados por medo e ansiedade, modulação do comportamento alimentar, reprodutivo, maternal e agressivo, e participação na aquisição de memória e aprendizado condicionados[10,11,12,15,16,17,19,20,21,22,23].

Alguns núcleos da amígdala são sexualmente dimórficos em ratos. Por exemplo, diferenças entre machos e fêmeas são evidenciadas quando compara-se a área total da MeA, maior em ratos a partir da terceira semana de vida pós-natal e mais notável após a puberdade[24,25,26,27]. Tal fato está na dependência da ação dos hormônios gonadais em ambos os sexos[26,28,29,30]. A MeA possui neurônios que apresentam receptores para os esteroides sexuais testosterona, estradiol e progesterona[27,31,32]. De modo geral, devido à sua capacidade de gerar alterações nos circuitos neurais, esses hormônios influenciam a plasticidade do SNC e causam alterações morfológicas como: modificação no número de neurônios, promoção da maturação neuronal e crescimento de neuritos, determinação da sinaptogênese e formação de circuitos neurais específicos[33,34], alteração no comprimento dendrítico, na arborização dendrítica e no número de espinhos dendríticos[33,35,36,37,38]. Tais

efeitos sobre dendritos e espinhos dendríticos variam de um sexo para outro e de uma região do SNC para outra[5,6,29,38]. O tema desta dissertação envolve as alterações morfológicas na membrana do soma neuronal, na densidade e na forma dos espinhos dendríticos de subnúcleo da MeA relacionadas com variações normais ou induzidas por hormônios gonadais em ratos

1.2 Amígdala Medial

1.2.1 Localização e divisão

A MeA é um dos núcleos superficiais do complexo amigdaloide, ocupando seu aspecto rostromedial. É formada por uma coluna de células que surgem em justaposição à superfície lateral das fibras que ascendem pelo TO[1,2]. Inicia medial e posteriormente ao núcleo do trato olfativo estendendo-se caudalmente até o surgimento do corno temporal do ventrículo lateral. Nesta altura, a MeA localiza-se dorso-medialmente ao polo cefálico da área de transição amígdalo-hipocampal, formando a região medial da parte anterior desta porção do ventrículo. Ao longo de toda sua extensão, a MeA encontra-se lateralmente com a região ventro-lateral do TO. Seus limites rostral com a amígdala anterior e lateralmente com as camadas profundas do núcleo cortical anterior não estão claramente elucidados[1,22].

Dorso-lateralmente, a MeA é separada da porção medial da ACe por uma região pobre em células, que é substituída mais ventral e caudalmente pelo núcleo próprio da estria terminal. Caudalmente e na posição dorsal, grupos de fibras que ascendem dentro da estria terminal estão interpostos entre a MeA e outros grupos amigdaloides[1,39].

Pitkänen (2000)[22] sugeriu que a MeA fosse composta por 3 partes: rostral, central (dorsal e ventral), e caudal. Alheid et al (1995)[1] e Paxinos e Watson (1998)[39] dividem-na da forma como tem sido mais utilizada e nos seguintes subnúcleos: ântero-dorsal (MeAD), ântero-ventral (MeAV), póstero-dorsal (MePD) e póstero-ventral (MePV). O MePD pode ser dividido conforme a disposição colunar de seus neurônios em uma porção mais superficial e medial (MePDm), uma intermediária com menos células agrupadas (MePDi) e uma porção lateral (MePDl) novamente com mais células justapostas[2,23,40,41]. Ademais, o MePD, área de estudo deste trabalho, separa-se do TO por uma camada com escassos corpos celulares, a qual

torna-se estreita em direção rostral e dorsal e desaparece completamente próximo ao MeAD[2,9]. Esta região deve ser considerada, preferentemente, como o local de passagem de axônios procedentes do núcleo próprio da via olfativa acessória para transmissão de informação vomeronasal, e não como uma dita “camada molecular” própria do MePD[2,42].

Em função da neurogênese na MeA em ratos ocorrer aproximadamente no 16º dia de vida intra-uterina e se iniciar antes nas regiões anterior e ventral concomitantemente ao estabelecimento de conexões com o sistema olfativo[43], Wood e Newman (1995)[21] sugeriram que os subnúcleos anteriores da MeA estariam sendo influenciados especialmente por informações olfativas e feromonais enquanto a região posterior seria a preferentemente afetada por hormônios gonadais. Tal divisão anátomo- funcional não é absolutamente exata pois há ações dos esteroides sexuais nos quatro subnúcleos da MeA e conexões sinápticas recíprocas entre todas as partes[21,22,31,32].

No entanto, a distribuição de receptores para hormônios sexuais na MeA não é uniforme. Neurônios com receptores para hormônios gonadais estão presentes em todos os subnúcleos da MeA, mas particularmente os maiores acumulados estão no MePD e MePV de machos[31,44,45,46]. De fato, é no MePD onde se encontra a maior quantidade de receptores para testosterona na MeA[31,47]. Aromatase, a enzima que converte testosterona em estradiol, também é encontrada na MeA[48,49]. No MePD, 80 a 90% dos neurônios que possuem receptores para estrógeno também possuem para andrógenos, enquanto o contrário acontece somente em cerca de 30% dos casos[50]. É notável que no MePD são encontrados neurônios com receptores do tipo α e β para estradiol[30,32,43,51,52,53] sendo que a concentração de receptores é tão marcada no MePD que chega a ter a mesma intensidade que nos diversos núcleos hipotalâmicos relacionados com a secreção neuroendócrina do hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH) e que modulam o comportamento reprodutivo masculino e feminino[31,49,53]. O MePD também apresenta receptores para a progesterona[46,54,55]. Em conjunto, esses dados sugerem fortemente que hormônios sexuais masculinos e femininos são capazes de modular a morfologia e a função das células presentes neste subnúcleo de machos e fêmeas.

1.2.2 Hodologia e Função da MeA

A MeA de ratos possui uma vasta rede de conexões neurais entre seus subnúcleos, com outros núcleos da amígdala e também com núcleos extra-amigdaloides[13,56]. Suas principais aferências são provenientes do córtex cerebral (da área pré-límbica, córtex entorrinal, infralímbico e perirrinal dorsal), de núcleos do hipotálamo (por exemplo, da área pré-óptica), da área septal, do tronco encefálico (núcleo dorsal da rafe e núcleo parabraquial) e da via olfativa e estruturas interconectadas (córtex piriforme, bulbo olfativo acessório e núcleo endopiriforme)[57]. Dentre as aferências intra-amigdalianas destacam-se as da área de transição amigdalo-hipocampal, dos núcleos basal e basal acessório e as dos núcleos corticais anterior, posterior, lateral e medial[22,57].

As eferências do MePD incluem, dentre as mais significativas e estudadas, as hipotalâmicas (para o núcleo periventricular ântero- ventral, para a área pré-óptica e para o núcleo pré-mamilar ventral, dentre outros), as corticais (para a área entorrinal lateral, área de transição pós-piriforme e região CA1 hipocampal), as para o tronco encefálico (para a área tegmentar dorsal e a substância cinzenta periaqueductal) e as para outras regiões como, por exemplo, o núcleo próprio da estria terminal (parte ântero-dorsal e posterior principal) e para a substância “inominata” sublenticular[13,56,58,59]. Dentre as eferências intra-amigdalianas destacam-se aquelas para os núcleos central e cortical póstero-lateral e póstero-medial[13].

O MePD participa da interpretação de informações sensoriais interoceptivas e exteroceptivas[60,61,62], na regulação de comportamentos sociais[63,64] incluindo-se os comportamentos agressivo[6], sexual de machos e fêmeas[19,23,65], maternal[66] e na modulação da memória condicionada e do aprendizado onde componente emocional esteja envolvido[10]. Este último achado foi observado em testes de esquiva inibitória[67] em respostas neuroendócrinas frente a um evento estressor[68,69] e em vários testes envolvendo comportamentos sociais, tais como o defensivo e o agressivo[61] ou com estímulo causador de medo[70]. Para tanto, o MePD também desencadeia ajustes cardiovasculares simpáticos e parassimpáticos muito provavelmente relacionados à gênese e à modulação de comportamentos sociais[71,72,73].

Dentre todos estes comportamentos, é importante destacar o papel na gênese e regulação de comportamentos reprodutivos em ratos e hamsters[15,21,74,75]. Por existirem aferências oriundas do bulbo olfatório, do órgão vomeronasal[76] e de diversos núcleos do hipotálamo[57], o MePD está em posição estratégica para modular comportamentos que requisitam estimulação quimiossensorial para sua ocorrência, como a atividade sexual[76]. Em ratos, a MeA como um todo facilita as respostas aos estímulos sexuais, enquanto nas fêmeas este parece ser um componente neural do sistema inibitório de regulação do comportamento de cópula[74]. Lesões principalmente da parte posterior da MeA de ratos adultos resultou na diminuição na frequência de ejaculações, aumento no número de intromissões penianas que precedem a primeira ejaculação e aumento do intervalo entre as intromissões, quando comparados com animais sem lesão[74,77].

Estudos mais detalhados sugerem que os subnúcleos da MeA possuem diferentes atribuições referentes à regulação do comportamento sexual masculino[23,63,76]. Isto foi observado em ratos com lesão no MePD que reduziram o comportamento copulatório e perderam a ereção peniana provocada pelo odor da fêmea em estro[75]. De outro modo, a investigação olfativa genital, feita por machos em fêmeas, leva a um aumento da proteína Fos no MePD, o que igualmente ocorre após a ejaculação neste subnúcleo[65]. Isso coloca o MePD como importante área de estudo da morfologia dos neurônios locais em machos e fêmeas e, a possível modulação feita pelos hormônios gonadais em estrutura sexualmente dimórfica, relevante para a organização de comportamentos necessários para a reprodução e perpetuação de uma espécie animal. No presente estudo, focaremos nos dados existentes até o presente momento obtidos em ratos e, adicionalmente, na contribuição que a presente dissertação apresenta para a literatura pertinente.

1.3 Ação dos hormônios gonadais na plasticidade neural do MePD de ratos: dados sobre membrana somática e espinhos dendríticos

Em mamíferos, as diferenças sexuais determinadas geneticamente ou por fatores epigenéticos são capazes de alterar a morfologia neuroglial e o funcionamento de circuitos neurais caracteristicamente em machos e fêmeas[25,28]. Isso decorre em grande parte pela ação dos hormônios gonadais no SNC ao longo do desenvolvimento intrauterino e em diferentes períodos pós-natais, incluindo a puberdade e a vida adulta[20,79]. O MePD não só possui neurônios e astrócitos que possuem receptores e respondem aos hormônios gonadais como também está incluído em circuitos cujas aferências são igualmente moduladas por tais esteroides. Neste sentido a modulação das aferências para o MePD e a própria ação dos hormônios sexuais podem modificar sítios pós-sinápticos neste subnúcleo[5,20]. De fato, o MePD apresenta diferenças morfológicas, neuroquímicas e nas conexões de seus neurônios quando comparam-se machos e fêmeas[5,6]. Em hamsters, há diminuição do comprimento dendrítico total e do percentual de neurônios com ramos dendríticos terciários na parte posterior da MeA[28] sugerindo que o neurópilo possa ser o local preferencial de mudanças morfológicas mediadas por esteroides sexuais nos neurônios do MePD[29]. Não obstante, há efeito da variação cíclica dos hormônios ovarianos no volume do corpo celular dos neurônios do MePD[79]. Ou seja, embora machos e fêmeas em diestro apresentem resultados similares, ambos os grupos têm valores maiores do que fêmeas em proestro e estro[79].

Esses dados no MePD de ação hormonal no corpo neuronal são importantes porque remetem a achados prévios no núcleo arqueado hipotalâmico relevante para a secreção neuroendócrina cíclica e comportamento reprodutivo em fêmeas, como será descrito a seguir e que serviu para a elaboração do primeiro artigo da presente dissertação. Ou seja, plasticidade sináptica evidente foi encontrada previamente no núcleo arqueado hipotalâmico de ratos, área envolvida na liberação cíclica e tipicamente feminina de GnRH e de prolactina, e onde ocorre modificação no número de sinapses axo-somáticas e na proporção da membrana celular do soma neuronal recoberta por processos gliais em ratas ao longo do ciclo ovulatório[80,81]. Isto é, em níveis fisiológicos, a variação hormonal presente ao longo das fases do ciclo estral da rata (diestro, proestro, estro e metaestro) é capaz de modificar a

morfologia e a funcionalidade dos neurônios e dos astrócitos hipotalâmicos[82]. Durante a fase de estro há tanto uma redução no percentual de membrana celular somática estabelecendo contatos sinápticos com terminais axonais pré-sinápticos quanto um aumento no percentual desta membrana recoberta por prolongamentos gliais[83]. Esse remodelamento funcional dinâmico da membrana celular é absolutamente importante para o estabelecimento ou o deslocamento mecânico de contatos inibitórios GABAérgicos que controlam a secreção cíclica de GnRH e, consequentemente, a reprodução em fêmeas[81,84]. Da mesma forma, diferenças entre os sexos e ao longo do ciclo estral foram encontradas na imunorreatividade para a proteína fibrilar ácida glial (GFAP), constituinte de filamentos intermediários do citoesqueleto de astrócitos maduros, sendo maior em fêmeas em proestro do que em machos e, notavelmente, no MePD[85,86]. Esses achados passaram a ter maior relevância uma vez que existem evidências indicando a possível interrelação funcional entre neurônios e células da glia no MePD e que, adicionalmente, este subnúcleo participa de circuitos integrados para a secreção neuroendócrina e emissão de comportamento reprodutivo em ratos. Não se sabe, no entanto, o que ocorre com a ultraestrutura da cobertura axonal e glial dos somas neuronais do MePD de machos e fêmeas ao longo do ciclo estral, tema desta dissertação e, para o que, emprega-se técnica de microscopia eletrônica de transmissão.

Adicionalmente, plasticidade neuronal vinculada aos esteroides sexuais foi detalhadamente descrita para os dendritos e seus espinhos, incluindo-se achados especificamente no MePD de ratos[5,6,40,41,87], o que serviu para embasar o segundo artigo da presente dissertação. Os espinhos dendríticos têm recebido atenção devido à sua relevância e correlação funcional com a modulação de informações sinápticas aferentes[6,88] podendo servir como um quarto elemento importante para a atividade celular[89,90,91,92,93]. Espinhos podem ser encontrados no soma e no segmento inicial do axônio de vários neurônios, mas são encontrados em muito maior quantidade em ramos dendríticos[29,90,94,95]. Todos os vertebrados e alguns invertebrados possuem espinhos dendríticos e o seu tamanho varia ao longo das diferentes regiões nervosas ou dentro de uma mesma área, assim como entre diferentes espécies[96]. O aspecto padrão de um espinho é definido pela presença de

uma “cabeça” (com volume de aproximadamente 0,001 a 1 μm³) conectada ao neurônio por um “pescoço” (com diâmetro menor que 0,1 μm³)[97,98].

Considera-se como base que um espinho usualmente representa uma sinapse e, assim, a determinação do número de espinhos por segmentos dendrítico tem servido para estimar a menor ou maior ocorrência de sinapses locais[97,99]. Os espinhos dendríticos formam pequenos compartimentos multifuncionais especializados para a integração da transmissão sináptica e a atividade eletrofisiológica neuronal[89,100] com receptores para neurotransmissores capazes de modular propriedades dendríticas passivas e ativas e sequências bioquímicas intracelulares locais e ao longo do neurônio[95]. Desta maneira, os espinhos podem representar os principais sítios celulares para as funções conectivas e integrativas dos neurônios relevantes para a formação e a estabilização de circuitos neurais[6,92,101,102,103,104]. Os receptores para neurotransmissores estão no espinho em justaposição ao elemento pré-sináptico represetado geralmente por um botão axonal terminal[105]. No espinho, a área pós-sináptica é reconhecida pela densidade pós-sináptica (PSD), zona de material elétron-denso formada por receptores, canais iônicos, actina e sistemas de sinalização intracelulares implicados na transmissão sináptica e no acoplamento da atividade sináptica à atividade pós-sináptica[95]. Usualmente, a PSD no espinho tem aspecto assimétrico em relação ao elemento pré-sináptico e são consideradas tais sinapses como excitatórias[90,96,106]. Muito embora não possuam mitocôndrias e microtúbulos, os maiores espinhos contêm retículo endoplasmático liso (REL), os quais podem formar uma estrutura denominada “aparelho do espinho”[90,107] cuja função deve ser a manutenção de cálcio intracelular em níveis não patológicos, o que se associa ao processo de neuroproteção[108].

Os receptores ionotrópicos ou metabotrópicos na PSD geram fluxo iônico através da membrana celular, resultando em mudança da voltagem local e possibilitando demais respostas pós-sinápticas sequenciais[95,106]. A transdução deste sinal, por propiciar variabilidade na compartimentalização bioquímica, pode ser afetada pela morfologia dos espinhos[89,96]. Por exemplo, espinhos com pescoço estreito podem não gerar uma elevação significativa do cálcio no interior dendrítico, compartimentalizando-o na cabeça do espinho e reduzindo o tempo e a amplitude

da alteração de voltagem induzida por neurotransmissor excitatório; alternativamente, em espinhos com pescoço largo e menor resistência, o aumento da concentração de cálcio por ativação sináptica pode ser mais prontamente disperso para dentro do dendrito adjacente e pode atingir outros espinhos próximos[107,109]. Isso pode favorecer a alteração da corrente elétrica local, como detector de coincidência de atividade e sincronização de voltagem, e contribuir para a ocorrência de atividade potencializada de longo prazo (LTP)[89,103]. De outra forma, os espinhos também podem atuar como subcompartimentos elétricos, onde a geometria do pescoço do espinho pode exercer resistência à passagem de corrente elétrica para o dendrito. Desse modo, há uma diferença de potencial elétrico localmente que pode ativar canais iônicos dependentes de voltagem ou estabelecer uma diferença de capacitância com toda a árvore dendrítica conforme as propriedades ativas ou passivas existentes no local[95]. Com isso, a morfologia do espinho gera um nível adicional de complexidade para o processamento da informação sináptica e com um grau de modulação maior do que poderia ser obtido com sinapses feitas diretamente sobre troncos dendríticos. De fato, faz parte da plasticidade sináptica que alguns espinhos possam variar dinamicamente sua forma, em um processo que envolve o rápido rearranjo do citoesqueleto de actina no seu interior, e que pode ocasionar mudança na estrutura e no número de espinhos[100,110].

"Filopódio" é o nome que se atribui à protrusão dendrítica que não tem cabeça definida e é fino e comprido; acredita-se que ou seja a forma precursora dos espinhos em busca do elemento pré-sináptico ou a forma de retração do espinho que está involuindo. Já os espinhos tem sido classificados segundo sua morfologia com a seguinte nomenclatura: "fino" (do inglês, *thin*), apresenta pescoço fino e geralmente comprido que se termina em uma cabeça definida; "espesso ou achatado" (do inglês, *wide or stubby*), o qual não apresenta um pescoço delimitado e mostra-se com uma elevação bulbosa a partir do contorno dendrítico; em forma de "cogumelo" (do inglês *mushroom*), como se infere de sua nomenclatura, com uma cabeça bem mais volumosa que seu pescoço e que parece ser o tipo mais estável no que diz respeito a mudanças numéricas e contatos sinápticos duradouros; e, "ramificado" onde um mesmo pescoço pode originar mais de uma cabeça no mesmo

espinho[90,93,111]. Há formas intermediárias entre esses tipos e que se caracterizam como um *continuum* entre as diferentes classificações[107,112,113].

Sabe-se que diferenças no tamanho da cabeça do espinho são diretamente relacionadas com o tamanho da PSD[106,110] e a forma dos espinhos pode afetar a estabilidade e a função sináptica[96,106,114]. Com isso, o padrão de desenvolvimento, a forma e a função dos espinhos dendríticos modifica de forma marcante a excitabilidade neuronal e, por sua vez, a demanda sináptica pode modificar o número e a forma dos espinhos, o que torna o estudo de sua morfologia tema importante para a compreensão das bases celulares de funcionamento do sistema nervoso[5,6,38,59,96,106,114]. Em neurônios em cultura a ativação de receptores glutamatérgicos do tipo N-metil-D-aspartato (NMDA) provoca aumento rápido e transitório no tamanho dos espinhos pré-existentes e gradativa formação de novos espinhos dendríticos[32,115]. Embora haja controvérsias, sugere-se que espinhos com cabeças maiores são mais estáveis, expressam maior número de receptores do tipo AMPA e contribuem para atividades sinápticas mais vigorosas enquanto espinhos com cabeças pequenas são mais instáveis e contribuem para conexões sinápticas que podem ser do tipo “silenciosas” envolvendo receptores NMDA que necessitam de ativação por ligante após alteração da voltagem local e desbloqueio, causado pelo deslocamento do magnésio, deste receptor[95].

No MePD de ratos, dados de imunomarcação para sinaptofisina, proteína presente no elemento pré-sináptico, e microscopia confocal permitiram identificar que a maioria dos espinhos dendríticos parece estabelecer conexões[112.] Dados ultraestruturais anteriores mostraram a ocorrência de sinapses unitárias formadas por um axônio terminal e um espinho como elemento pós-sináptico[116] o que se confirmou com reconstrução tridimensional da ultraestrutura dos espinhos dendríticos[93]. Desta forma, o estudo do número e da forma dos espinhos dendríticos constitui-se importante para a compreensão das bases celulares de funcionamento do sistema nervoso[5,6,38,111] e, no presente caso, do MePD de ratos.

Utilizando-se a técnica de Golgi descobriu-se que machos possuem maior densidade de espinhos dendríticos no MePD do que fêmeas ao longo do ciclo estral, preferentemente após a fase de diestro[20]. Ademais, a diminuição no número de espinhos dendríticos no MePD de fêmeas em proestro é coincidente com a redução

na imunorreatividade para sinapsina, proteína presente em terminais pré-sinápticos, o que pode estar associado com o estabelecimento de um menor número de conexões neste momento[117] e a modulação que o MePD faz na ocorrência da secreção de GnRH e do comportamento sexual feminino[5,6]. Estes achados são interessantes porque sugerem uma possível relação entre os diferentes níveis de hormônios gonadais em circulação, dimorfismo sexual na estrutura e remodelamento do citoesqueleto neuronal e mudanças sinápticas rápidas e fásicas no aporte sináptico no MePD de ratos, machos e fêmeas, em idade adulta. Em ratos, observou-se diferenças eletrofisiológicas relacionadas com potenciais pós-sinápticos excitatórios entre ratos pré-púberes machos e fêmeas[33,118]. Machos apresentam mais desta atividade no lado esquerdo do que fêmeas[33,118], provavelmente envolvendo uma maior quantidade de espinhos dendríticos no MePD esquerdo. Em idade adulta, a castração reduz a densidade de espinhos dendríticos em machos coincidindo com o declínio evidente do comportamento sexual desses animais[87].

Não obstante, ainda não é conhecida a modificação da morfologia dos espinhos dendríticos que ocorre concomitante à redução da densidade no MePD de ratos submetidos à castração em idade adulta[87]. Para tanto, a técnica de reconstrução tridimensional dos espinhos empregando-se o corante fluorescente do grupo das carbocianinas denominado DiI e visualizados por meio da microscopia confocal constitui-se uma das melhores abordagens metodológicas disponíveis na atualidade[112,119,120] a qual foi empregada na presente dissertação.

Baseado nesses dados precedentes, estudou-se, de forma inédita, a ultraestrutura das sinapses axo-somáticas e da cobertura glial na membrana do corpo celular de neurônios do MePD de ratos adultos machos e de fêmeas ao longo do ciclo estral, buscando um possível dimorfismo sexual e o efeito dos hormônios ovarianos na conectividade e na plasticidade desta importante área encefálica.

Da mesma forma, buscou-se avançar os conhecimentos a respeito da redução na densidade de espinhos dendríticos no MePD de ratos castrados em idade adulta[87] e demonstrar qual é a modificação na morfologia dos espinhos dendríticos que ocorre de forma concomitante com a diminuição desses locais de contato pós-sináptico. Atentou-se para possíveis diferenças hemisféricas

relacionadas com a funcionalidade do MePD[118,121 122] uma vez que já foram descritos registros eletrofisiológicos de correntes despolarizantes e a ocorrência de sinapses excitatórias nos neurônios locais de modo diferente no MePD de cada hemisfério cerebral de machos e fêmeas[118].

Com base nisso, elaboraram-se os objetivos a seguir para contribuição de forma inédita com conhecimentos sobre o MePD de ratos, machos e fêmeas ao longo do ciclo ovulatório, e sua correlação funcional plausível com tais dados experimentais.

2 Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

Caracterizar a ultraestrutura de sinapses axo-somáticas, dos contatos gliais e axonais na membrana do corpo neuronal e a presença e morfologia de espinhos somáticos no MePD de ratos adultos, machos e fêmeas ao longo do ciclo estral, empregando-se microscopia eletrônica de transmissão.

Estudar a plasticidade na densidade e na morfologia dos espinhos dendríticos em neurônios do MePD de ratos submetidos à castração de longa data empregando-se microscopia confocal.

2.2 Objetivos específicos

Estudar a ultraestrutura, a ocorrência e possíveis mudanças na cobertura somática neuronal relacionadas à variação fisiológica dos níveis de hormônios gonadais, no que diz respeito à presença de prolongamentos gliais, de axônios e dendritos, no MePD de ratos e em ratas ao longo do ciclo ovulatório normal.

Descrever os efeitos dos esteroides ovarianos no padrão de cobertura glial do soma neuronal e comparar os resultados com os de outras áreas cerebrais que estão envolvidas na secreção neuroendócrina e na modulação de comportamentos sexuais em ratas.

Demonstrar a presença e descrever a morfologia de espinhos somáticos no MePD de machos e fêmeas ao longo do ciclo estral.

Determinar o efeito da retirada dos hormônios gonadais sobre a densidade e a morfologia dos espinhos dendríticos proximais no MePD de ratos machos castrados em idade adulta, comparando resultados prévios com o método de Golgi.

3 Materiais, Métodos e Discussão

3.1 Artigo I

Journal of Comparative Neurology

Submission Confirmation

Thank you for submitting your revised manuscript to *Journal of Comparative Neurology*.

Manuscript ID:	JCN-14-0245.R1
Title:	GLIAL AND AXONAL PERIKARYAL COVERAGE AND SOMATIC SPINES IN THE POSTERODORSAL MEDIAL AMYGDALA OF MALE AND CYCLING FEMALE RATS
Authors:	Zancan, Mariana Dall'Oglio, Aline Sarzenski, Taís Maher, Martin Garcia-Segura, Luis Miguel Rasia-Filho, Alberto
Date Submitted:	26-Feb-2015

Print Return to Dashboard

© Thomson Reuters | © ScholarOne, Inc., 2014. All Rights Reserved.
ScholarOne Manuscripts and ScholarOne are registered trademarks of ScholarOne, Inc.
ScholarOne Manuscripts Patents #7,257,767 and #7,263,655.

@ScholarOneNews | System Requirements | Privacy Statement | Terms of Use

Associate Editor: Dr. Paul E. Sawchenko

Original Research

GLIAL AND AXONAL PERIKARYAL COVERAGE AND SOMATIC SPINES IN THE POSTERODORSAL MEDIAL AMYGDALA OF MALE AND CYCLING FEMALE RATS

Mariana Zancan [1], Aline Dall'Oglio [1], Taís Malysz Sarzenski [2], Martin Ian Maher [3], Luis Miguel Garcia-Segura [3 #] and Alberto A. Rasia-Filho [1,4 #]

[1] Federal University of Health Sciences/DCBS-Physiology, Porto Alegre, Brazil

[2] Federal University of Rio Grande do Sul/ICBS-Anatomy, Porto Alegre, RS, 90050-110, Brazil

[3] Instituto Cajal, C.S.I.C., Madrid, Spain

[4] Federal University of Rio Grande do Sul/Graduation Program in Neurosciences, Porto Alegre, Brazil

Abbreviated title: Perikaryal coverage and somatic spines

Key-words: Estrous cycle, Extended amygdala, Neuronal membrane, Spine density, Synaptic plasticity.

 # Corresponding authors:

L.M. Garcia-Segura, Instituto Cajal, C.S.I.C., Av. Dr. Arce 37, 28002 Madrid, Spain. E-mail: lmgs@cajal.csic.es

Alberto A. Rasia-Filho, UFCSPA/Fisiologia, Sarmento Leite 245, 90050-170 Porto Alegre-RS, Brazil. E-mail: rasiafilho@pq.cnpq.br, aarf@ufcspa.edu.br

Acknowledgements: Grants from Brazilian Agency CAPES to MZ, AARF is a CNPq researcher, and ADO is the owner of a CNPq grant (no. 150049/2014-5-PDJ).

3.1.1 Abstract

The posterodorsal medial amygdala (MePD) is a sex-steroid sensitive area that modulates reproductive behavior in rats. The volume of the neuronal cell body, density of dendritic spines, and glial fibrillary acidic protein-immunoreactivity are sexually dimorphic or affected by gonadal hormones in the MePD. Here, we add new data to this panorama and describe the ultrastructure of the glial and axonal coverage of the perikaryal membrane and the somatic spines in the MePD of males and cycling females (in diestrus, early proestrus, late proestrus, and estrus). Transmission electron microscopy data (mean values from 7-11 neurons per rat, 5-6 animals per group) showed that the rat MePD has most of the perikaryal membrane covered by glial processes and a relatively high amount (up to 40%) of axonal processes contacting the neuronal cell body. No statistically significant difference was found between groups for these somatic coverages ($p > 0.5$). However, the density of somatic spines along the length of the perikaryal membrane was higher in the late proestrus than in estrus ($p < 0.05$), and somatic spines in early and late proestrus showed variable shapes with stubby/wide, thin, mushroom-like, ramified, transitional or atypical aspects. These findings add to the rapid adjustable synaptic changes in the MePD and in the integrated neural circuits that control neuroendocrine secretion and the hormonally modulated timely display of social behaviors in rats.

3.1.2 Introduction

The posterodorsal medial amygdala (MePD) assembles few subpopulations of neurons (Choi et al., 2005; García-López et al., 2008; Carney et al., 2010; Bupesh et al., 2011) with a general morphology of multipolar bitufted or stellate cells (de Castilhos et al., 2008; Niimi et al., 2012; Rasia-Filho 2012b; Bian, 2013) in the "extended amygdala" of the rat basal forebrain (de Olmos et al., 2004; Dall'Oglio et al., 2008). Local astrocytes, identified with glial fibrillary acidic protein-immunoreactivity (GFAP-ir), have rod to stellate cell bodies with radiating branched processes (Rasia-Filho et al., 2002; Salazar et al., 2014) of varying complexity (Johnson et al., 2008; 2013).

The MePD serves as an interface with olfactory and pheromonal sensorial cues (Meredith and Westberry, 2004; Pereno et al., 2011), mating-related genitosensorial stimulation (Pfaus and Heeb, 1997; Polston et al., 2001), and the actions of gonadal hormones (Gréco et al., 1998; Isgor et al., 2002; Gréco et al., 2003; Simerly, 2004; Blake and Meredith, 2011) for the modulation of emotionally-loaded information and social behaviors in male and female rats (Newman, 1999; Choi et al., 2005; Rasia-Filho et al., 2012b). The MePD has one of the highest expressions of androgen receptors, α- and β-estrogen receptors, and progesterone receptors in the brain, which resemble levels found in different hypothalamic nuclei (Simerly et al., 1990; Österlund et al., 1998; Phillips-Farfán et al., 2007). Local neurons also coexpress both estrogen receptors, α and β, or estrogen and progesterone receptors (Gréco et al., 1998; 2001, 2003).

As part of an interconnected sex-steroid responsive network, the rat MePD has dense projections to the hypothalamic medial preoptic area (MPOA), the anteroventral periventricular nucleus, the ventral premammillary nucleus, and, to a lesser extent, to the ventrolateral part of the ventromedial nucleus (VMH), and the arcuate nucleus (ARC; Dong et al., 2001; Petrovich et al., 2001). In males, these connections modulate the occurrence of intromission and ejaculation (Coolen et al., 1997; Coolen and Wood, 1999; Newman, 1999; Rasia-Filho et al., 2012b). In females, they coordinate neuroendocrine secretion of both gonadotrophin releasing hormone (GnRH) and prolactin and the display of reproductive behaviors (Beltramino and Taleisnik, 1978; Newman, 1999; Polston et al., 2001; Rasia-Filho et al., 2004; Simerly, 2004; de Castilhos et al., 2008; Lin et al., 2011). The rat MePD shows a sexual dimorphism evidenced by a higher nuclear volume in males than in females (Mizukami et al., 1983; Hines et al., 1992; Morris et al., 2008). At the cellular level, males have a higher volume of the neuronal cell body (Hermel et al., 2006b) and a higher density of dendritic spines, considered as multifunctional integrative postsynaptic units for excitatory inputs (GarcíaLópez et al., 2010; Segal, 2010; Yuste, 2013), than proestrus or estrus females (Rasia-Filho et al., 2004; 2012a). The decrease in dendritic spine density in the MePD of females in proestrus is coincident with reduced synapsin reactivity, associated with synaptic pruning (Oberlander and Erskine, 2008), and with increased GFAP-ir (Martinez et al., 2006). This suggests a

dynamic synaptic organization in the female MePD, involving plastic and inversely related responses of local neurons and glial cells along the estrous cycle. Furthermore, the intensity of GFAP-ir is subregion-specific (higher in the MePD than in the other medial amygdala subnuclei), and is affected by sex steroids since diestrus females display higher levels than males, proestrus females have the highest levels along the estrous cycle and, in ovariectomized females, estradiol alone or estradiol plus progesterone increased GFAP-ir in the MePD (Rasia-Filho et al., 2002; Martinez et al., 2006).

There is no current report on the glial coverage or synaptic features on the perikaryal membrane of MePD neurons. Neuronal membrane remodeling and synaptic turnover was previously found in the hypothalamic ARC, an area involved in the regulation of GnRH surge and prolactin secretion (Garcia-Segura et al., 1994; GarciaSegura and McCarthy, 2004). In the ARC of estrus females, the amount of perikaryal membrane covered by presynaptic terminals decreases due to the close apposition of glial processes, which reduce the number of GABAergic axo-somatic contacts. These synaptic changes may be involved in the control of the cyclic secretion of GnRH, allowing the peak of GnRH for ovulation, and, ultimately, species reproduction (Olmos et al., 1989; Párducz et al., 1993; Garcia-Segura et al., 1994). Similar plastic changes may occur in the female MePD, although it is also likely that glial heterogeneity can define different brain areas (Emsley and Macklis, 2006), and the cross-talk between neurons and glia can have region specific features even in functionally integrated circuits of the rat brain (Garcia-Segura and McCarthy, 2004 and references therein).

Here, we describe for the first time the ultrastructure of the glial and axonal coverage of the perikaryal membrane as well as the presence and morphology of somatic spines in the MePD of males and cycling female rats.

3.1.3 Materials and Methods

3.1.3.1 Animals

Adult Wistar rats (3-month-old, n= 6 males and 22 females) were housed under standard laboratory conditions with free access to food and water, room temperature around 21°C, and a 12-h light/dark cycle (lights on at 6 h). Daily vaginal

smears were obtained along 2 consecutive weeks prior to the beginning of the experiment. The regularity of the estrous cycle was determined according to cytological criteria (Singletary et al. 2005). Here, the term estrous means the cycle itself whereas diestrus, proestrus, and estrus refer to each phase (Rasia-Filho et al., 2004). Normally cycling females were studied between 10:30 and 12:30 h of diestrus (n= 6), proestrus ("early proestrus", n= 5) or estrus (n= 5), and between 18 and 20 h on proestrus ("late proestrus", n= 6; based on Csakvari et al., 2007). We studied females during two periods of the proestrus phase (morning and night) corresponding to the estrogen surge and, afterwards, progesterone surge in circulation (Anselmo-Franci and Szawka, 2005).

Rats were manipulated according to international laws and guidelines for the care and use of laboratory animals (European Communities Council Directive of 24 November 1986, 86/609/EEC) and the Animal Ethics Committee of the UFCSPA (Brazil; approved protocol no. 248/13).

3.1.3.2 Transmission Electron Microscopy

Rats were deeply anesthetized with intraperitoneal injections of ketamine and xylazine (80 mg/kg and 10 mg/kg, respectively). Perfusion through the left cardiac ventricle was done with a single injection of heparin (1000 IU) and 500 ml of 1% paraformaldehyde and 1% glutaraldehyde in 0.1 M phosphate buffer (0.1 M, pH 7.4; PB) at room temperature (RT). Using a peristaltic pump (Control Company, Brazil), flow was rapid in the beginning (50 ml during the first 90 s after chest opening) and, then, slowed to last for additional 30 min (15 ml/min flow) to maintain fine ultrastructural integrity (cf. Tao-Cheng et al., 2007). Brains were removed and immersed in the same fixative solution for 90-150 min, rinsed in PB, and coronally sectioned using a Vibratome (VT 1000S, Leica Microsystems, Germany). The MePD was studied from 3.0 to 3.4 mm posterior to the bregma, lateral to the optic tract and ventral to the stria terminalis (Paxinos and Watson, 2008; Figure 1A). The left MePD was selected for further study because of its higher local astrocyte complexity in males (Morris et al., 2008; Johnson et al., 2008; 2013) and because the electrochemical stimulation of the left medial amygdala increases LH secretion in female rats (Carrer et al., 1978). The number of excitatory synapses and the frequency of miniature excitatory postsynaptic currents are also higher in the left

MePD of young males than in females, with no difference in the right MePD (Cooke and Woolley, 2005).

We dissected the MePD from one single 400-µm-thick coronal slice and the tissue obtained had an isosceles triangle shape, base down, taking the caution of considering the differences between males and females in the apparent MePD volume (Figure 1B and C). Samples were taken from the intermediate to lateral part of the MePD (de Olmos et al., 2004; Dall'Oglio et al., 2008), avoiding the medial "molecular layer" which is a cell-sparse region close to the optic tract mainly formed by axons from the accessory olfactory path (Scalia and Winans, 1975; Pro-Sistiaga et al., 2007; Figure 1B and C). Each tissue block was post-fixed in the same perfusion solution for additional 18 h, washed in phosphate-buffered solution (PB, 0.1 M, pH 7.4), and postfixed in 1% osmium tetroxide (Sigma Chemicals Co., USA) for 1 h at RT. Thereafter, sections were washed in PB, dehydrated in a graded series of alcohol and propylene oxide (Electron Microscopy Sciences, USA), embedded in resin (Durcupan, ACM-Fluka, Switzerland), left in vacuum for 24 h, and put onto slides with resin to polymerize for 48 h at 60 °C.

Ultrathin sections (65-70 nm) containing the MePD were obtained with an ultramicrotome (Leica EM UC6, Austria). Sections were mounted on copper grids (200 mesh) and stained with 1% uranyl acetate (Merck, Germany) followed by 1% lead citrate (Merck, Germany). We examined the ultrathin sections with a transmission electron microscope (JEM-1200EX II, Jeol, Japan) operated at 80 kV. The images were recorded with a camera SIS MegaView III CCD (Germany).

3.1.3.3 Morphological Data Acquisition

To avoid the possible bias introduced by the observer, no attempt of selection was made when the perikarya were photographed, except that only perikaryal profiles showing the cell nucleus were included in the study. Therefore, all the neuronal perikarya profiles that were encountered in a given section were photographed first at 6,000 X magnification and then at 20,000 X. Multiple adjacent and partially overlapping microscopic fields were photographed to include the complete perikaryal profile. Three or more sections were studied for each rat until photographs from 7-11 complete neuronal perikaryal profiles were obtained. Images

were saved with the maximum resolution available (originally at 1.42 Mpx and 24 bits per pixel). Photographs were printed on paper and complete profiles of the perikarya were reconstructed using paper photomontages. A cartographer's curvimeter wheel was used to assess the perykarial perimeter and the length of the cell body plasma membrane covered by: 1) ensheating glial processes; 2) axon terminals, assumed as axosomatic contacts when the axonal bouton and the perikaryal membrane were in direct contact and have synaptic vesicles present in the presynaptic element (Párducz et al., 1993), as well as small boutons containing synaptic vesicles that appeared as non-terminals thin axons apposed on the perikarium; or 3) dendritic processes. The ultrastructural aspect of these cellular elements was in accordance with the characteristic morphological features described elsewhere (Peters et al., 1991). Those few cellular components that were not clearly identifiable were also counted and classified as ''unknown.'' The percentual values for the average length of perikaryal membrane covered by each element was calculated and divided by the number of neurons studied per rat in each group and, from these data, the glial:axonal ratio for the somatic coverage in males and females was estimated.

We also evaluated the occurrence, number, and shape of somatic spines randomly found during data collection. The identification of these spines was based on their ultrastructural membrane and cytoplasmic features. We recorded the length of the spine (L), the diameter of the neck (DN), the number of protrusions from a single stalk, and the diameter of the head (DH). Somatic spines were classified according to their apparent shape as: stubby/wide, thin, mushroom-like, and ramified. That is, morphological criteria for assigning spines to shape classes were: stubby/wide spines had DH higher or equal to L, thin spines had L higher than DH and DH higher than DN, mushroom-like spines had a characteristic large head and DH higher than DN, and ramified spines had a branched neck with two or more heads (adapted from Harris et al. 1992; Arellano et al., 2007; Brusco et al., 2010; 2014). Some spines could not be reliably included in one of the above mentioned types, although they were also counted to provide mean values per rat and compared between groups. These latter spines included transitional shapes and "atypical" protrusions with unusual complex aspects of neck and head.

Axo-somatic and axo-spine synapses were identified by the apposition of presynaptic and postsynaptic membranes, synaptic cleft, aspect and thickness of presynaptic and postsynaptic densities, and clustering of synaptic vesicles near the presynaptic terminal. The general density of somatic spines was calculated dividing the number of all spines by the perykarial perimeter (in μm) measured as mentioned above. Average values were obtained per rat in each group. The number of somatic spines of each shape class was counted and the respective spine density was calculated using the mean perykarial perimeter in each group.

Images had final fine adjustments of sharpness, brightness, and contrast made in Photoshop CS3 (Adobe Systems, Inc., USA) without altering their content.

3.1.3.4 Statistical Analysis

The Kolmogorof-Smirnof test was used to determine data normality and the Bartlett's test to assess for the homogeneity of variances. The "n" for the statistical analysis was the number of animals studied in each group. Percentage data of the perikaryal membrane coverage and density of somatic spines were submitted to square root and root transformations, respectively. Results were compared between groups using the one-way analysis of variance (ANOVA) test followed by the Tukey test. The statistically significant level was set a priori at $p < 0.05$.

3.1.4 Results

The general ultrastructural appearance of the MePD neuronal perikarya is similar to that described previously for adult male rats (Hermel et al., 2006a). However, we found that the MePD cell bodies had glial processes in close apposition to the perikaryal membrane, some with evident continuous glial processes covering the perikarya while others were intermingled among axonal boutons (Figures 2A and B, 3). Layers of glial processes were also observed at a position adjacent to the perikaryal membrane (Figure 2C) or ensheathing axons and isolating them from the somatic membrane (Figure 2D from a late proestrus female). Axon terminals with synaptic vesicles were found in direct contact upon the neuronal cell body membrane, either isolated or as clusters of bulbous processes. It was unusual to observe a well-developed postsynaptic density in these axo-somatic (Figure 2B) or in some axo-spine contacts (Figure 4) and we could not, therefore, determine the

percentage of symmetric or asymmetric synapses. Dendrites were not usually found in direct contact with the perikarya (Figure 2A).

Percentual values for the perikaryal coverage are shown in Figure 3A. In males and cycling females, glial ensheating of the neuronal cell body membrane ranged from 55% to 62% whereas axonal contacts accounted for 34% to 40%. Perikaryal coverage by dendrites varied from 0.1% to 0.7% (Figure 3A). When data were compared between groups, no statistically significant difference was found for the glial [$F(4,23) = 0.45$, $p = 0.76$], the axonal [$F(4,23) = 0.54$, $p = 0.70$] or the dendritic coverage [$F(4,23) = 0.65$, $p = 0.62$] on the cell bodies of the MePD neurons. The glial:axonal ratio for the perikaryal membrane coverage ranged from 1.4 in the estrus to 2.1 in the late proestrus. These data would be suggestive of a proportionally higher glial coverage in the latter group, but values did not reach statistical significance [$F(4,23) = 0.66$, $p = 0.63$].

From all studied animals, one male and one estrus female did not show somatic spines in the sampled neurons. A total of 162 somatic spines were counted in males and cycling females. The density of spines along the perikaryal membrane length was different between groups [$F(4,21) = 3.34$, $p = 0.02$] and the Tukey's test showed that the late proestrus females had higher values than the estrus ones ($p < 0.05$; Figure 3B).

We observed somatic spines as a continuum of shapes and sizes in all studied groups. Females in the late proestrus phase showed highest densities of somatic spines of all different shapes (Figure 3B and C). Representative examples of somatic spines with the apparent diameter of the spine head and neck and the spine length are shown in Figure 4. Spines were classified as stubby/wide (Figure 4A and B), thin (Figure 4C), mushroom-like (Figure 4D), ramified (Figure 4E), with a transitional aspect between these shapes (Figure 4F) or with atypical aspects of elongated or undefined shapes (Figure 4G and H). These somatic spines were found either isolated or intermingled with other types along adjacent parts of the perikaryon (Figure 4G). A total of 101 somatic spines could be classified according to their morphological aspect. Spines in male neurons usually had a thin shape (40%) and in females in diestrus 53% were stubby/wide. The shape diversity increased in the night of proestrus with 33% of stubby/wide spines, 22% of thin spines, and 36% with a

ramified, transitional or atypical aspect. In estrus, somatic spines were 84% of the stubby/wide type. The densities of the differently shaped somatic spines in each group are shown in Figure 3C.

In some cases somatic spines had synaptic contacts at their base, head or neck and putative asymmetric (Figure 4A, D, I) or symmetric aspect (Figure 4E). We also found spinules emerging from the head of somatic spines (Figure 4 I).

3.1.5 Discussion

Our findings indicate that the adult rat MePD has most of the perikaryal membrane covered by glia and a relatively high amount (up to 40%) of the neuronal somatic membrane in contact with axonal processes. No apparent effect of sex steroids was found in the percentage of perikaryal coverage by neuro-glial processes, which contrasts with data from an anatomically and functionally interconnected area, the ARC (Olmos et al., 1989; Párducz et al., 1993; Garcia-Segura et al., 1994). Nevertheless, some observations suggest the existence of a phasic synaptic remodeling during the ovarian cycle. These include the already described sex difference and plastic change in the volume of the neuronal cell body in the MePD of cycling females (Hermel et al., 2006b), and the change in the density and shape of somatic spines in proestrus compared to males and females along the other estrous phases. Our data have also to be adjoined with the plastic, reversible synaptic changes that occur for axonal contacts made directly on dendritic shafts and on dendritic spines in the MePD of cycling females. Altogether, these modifications may be important for the processing and integration of sensorial inputs, for the modulatory effects of gonadal hormones, and for the display of reproductive behavior within a physiologically relevant time frame that are organized differently in male and female rats.

At first glance, our present study did not identify a sexual dimorphism or cycling changes in the perikaryal coverage of MePD neurons. However, another interpretation is plausible. That is, proestrus females did have a local reduction in somatic volume and a higher GFAP-ir although showing no changes in the cell body surface covered by glial or axonal processes. This suggests that glial processes can dynamically modify their extension, possibly restructuring the astrocytic cytoskeleton

and folding properties to accompany the changeable available surface of perikaryal membrane. In proestrus, a decreased surface would obligate glial processes to partially retract and condense, possibly contributing to increase the GFAP-ir in the MePD neuropil. In addition, the MePD neuronal activity in the late proestrus phase would involve the intrinsic biophysical properties of the perikaryon for computing synaptic inputs and generate somatic action potentials associated with the modulatory function of new somatic spines with increased density and different shapes. In estrus, when ovarian hormones drop in circulation, this same condition no longer occurs.

Considering the number of synapses along the available membrane, it could be assumed that the perikaryon is not the principal site of synaptic input to nerve cell. However, axo-somatic synapses generate important consequences for the neuronal output (Spruston et al., 2013). Furthermore, the emergence of perisomatic axo-spine synapses provide an additional amount of perikaryal surface to establish dynamically regulated contacts, in a place closer to the axon hillock, that can strategically influence the neuronal output (Peters et al., 1991). This was evident in late proestrus females with a higher density of spines along the perikaryal perimeter, which could represent the type of labile spines with plastic capacities for local information processing and behavior modulation along the estrous cycle. The existence of spinules is also suggestive of plastic properties for the somatic spines in the MePD of proestrus females. Spinules were associated with an enhanced cellular activity since they are rapidly formed after synaptic stimulation (Applegate and Landfield, 1988; Schuster et al., 1990; Tao-Cheng et al., 2009; Brusco et al., 2014), serve for transferring large molecules between pre and postsynaptic elements (Tarrant and Routtenberg, 1977), and for intercellular signaling between active spines and the presynaptic element (Spacek and Harris, 2004).

Moreover, somatic spines in the MePD showed a variety of shapes, which is at the current scholarly debate about the functional impact of synapses made on spines with different geometries (Kasai et al., 2010; Segal, 2010; Chen et al., 2011; Chen and Sabatini, 2012; Yuste, 2013). Considering the morphological features of stubby/wide spines, thin spines with long necks, and large head, mushroom-like spines, it is likely that each spine class can differ in the available area for the

postsynaptic density and receptor trafficking, the local electrical resistance, the degree of biochemical compartmentalization and ultimately, synaptic strength, integration, and enduring effects (Arellano et al., 2007; Yuste, 2013; Tonnesen et al., 2014). Synaptic processing might also occur in microdomains in ramified spines or in more complex and atypical forms (Verzi and Noris, 2009). In the MePD, somatic spines appeared as postsynaptic elements, but additional efforts are required to obtain 3D-reconstructions and electrophysiological recordings to determine the functional properties of these spines in males and cycling females.

In addition, it is noteworthy that sex steroids can remarkably alter the function of the MePD cells by concomitantly affect the number of dendritic spines (reviewed in Rasia-Filho et al., 2012a) and the synaptic inputs in both dendritic shafts and spines of cycling female rats (Brusco et al., 2014). That provides the female MePD with a changeable somatic and dendritic processing of the incoming synaptic activity and a local switch in the neurotransmission depending on the levels of the ovarian hormones (Micevych et al., 1988; Oro et al., 1988; Polston and Erskine, 2001; Lehmann and Erskine, 2005; Lehmann et al., 2005; de Castilhos et al., 2008). We hypothesize that the morphological and synaptic rearrangement in the left MePD can change the inhibitory impact of output projections on hypothalamic circuits during the proestrus phase to disinhibit both the activity in the VMH, involved in lordosis behavior, and in the MPOA, for the display of proreceptive behavior (Pfaus and Heeb, 1997; see additional data and comments in Rasia-Filho et al., 2012a; Brusco et al., 2014). One possible reason for this hemispheric lateralization is that the left medial amygdala would be specialized for chemosensory and/or steroid negative feedback regulation of the secretion of hypothalamic luteinizing hormone (discussed in Cooke and Woolley, 2005). These changes in the MePD occur during the proestrus phase and, therefore, some hours prior to those reported in the ARC of estrus females relevant for the GnRH surge and ovulation. This is in quite contrast with the dendritic spine and ultrastructural data from males (see Arpini et al., 2010; Brusco et al., 2014) that indicate redundancy, but not amplification, of the androgenic effects in the medial amygdala of both brain hemispheres (Coolen and Wood, 1999).

3.1.6 Concluding remarks

Present ultrastructural findings indicate that the MePD of rats have neurons whose perikaryal membrane can have plastic properties to modulate synaptic inputs along the estrous cycle. This composes an intriguing new area of research aiming to establish the relationship between spine structure and the synaptic information processing. The somatic spines in MePD neurons can compute different phasic afferents that potentially change the activity of a sex-steroid sensitive circuit involved with the neuroendocrine secretion and the display of reproductive behavior, with contrasting features in males and in normally cycling females.

3.1.7 Conflict of Interest

The authors declare no conflict of interest regarding the present project and results.

3.1.8 Role of authors

All authors had full access to all the data in the study and take responsibility for the integrity of the data and the accuracy of the data analysis.

Study concept and design: MZ, TMS, LMGS, AARF.

Acquisition of data: MZ, TMS, MIM, LMGS, AARF.

Analysis and interpretation of data: MZ, ADO, MIM, LMGS, AARF.

Drafting of the manuscript: MZ, ADO, TMS, MIM, LMGS, AARF.

Critical revision of the manuscript for important intellectual content: MZ, ADO, TMS, MIM, LMGS, AARF.

Statistical analysis: MZ, LMGS, AARF. Administrative, technical, and material support: TMS, MIM, LMGS

3.1.9 Literature Cited

Anselmo-Franci JA, Szawka RE. 2005. Controle neuroendócrino da reprodução feminina. In: Antunes-Rodrigues J. (Ed.). Neuroendocrinologia Básica e Aplicada. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, pp. 318-340.

Applegate MD, Landfield PW. 1988. Synaptic vesicle redistribution during hippocampal frequency potentiation and depression in young and aged rats. J Neurosci 8:1096–1111.

Arellano JI, Benavides-Piccione R, DeFelipe J, Yuste R. .2007. Ultrastructure of dendritic spines: correlation between synaptic and spine morphologies. Front Neurosci 1:131-143.

Arpini M, Menezes IC, Dall'Oglio A, Rasia-Filho AA. 2010. The density of Golgiimpregnated dendritic spines from adult rat posterodorsal medial amygdala neurons displays no evidence of hemispheric or dorsal/ventral differences. Neurosci Lett 469:209-213.

Beltramino C, Taleisnik S. 1978. Facilitatory and inhibitory effects of electrochemical stimulation of the amygdala on the release of luteinizing hormone. Brain Res 144: 95-107.

Bian X. 2013. Physiological and morphological characterization of GABAergic neurons in the medial amygdala. Brain Res 1509:8-19.

Blake CB, Meredith M. 2011. Change in number and activation of androgen receptorimmunoreactive cells in the medial amygdala in response to chemosensory input. Neuroscience 190: 228-238.

Brusco J, Dall'Oglio A, Rocha LB, Rossi MA, Moreira JE, Rasia-Filho AA. 2010. Descriptive findings on the morphology of dendritic spines in the rat medial amygdala. Neurosci Lett 483:152-156.

Brusco J, Merlo S, Ikeda ÉT, Petralia RS, Kachar B, Rasia-Filho AA, Moreira JE. 2014. Inhibitory and multisynaptic spines, and hemispherical synaptic specialization in the posterodorsal medial amygdala of male and female rats. J Comp Neurol 522: 2075-2088.

Bupesh M, Legaz I, Abellán A, Medina L. 2011. Multiple telencephalic and extratelencephalic embryonic domains contribute neurons to the medial extended amygdala. J Comp Neurol 519: 1505-1525.

Carney RS, Mangin JM, Hayes L, Mansfield K, Sousa VH, Fishell G, Machold RP, Ahn S, Gallo V, Corbin JG. 2010. Sonic hedgehog expressing and responding cells generate neuronal diversity in the medial amygdala. Neural Dev 27: 5-14.

Carrer H, Whitmoyer DI, Sawyer CH. 1978. Effects of hippocampal and amygdaloid stimulation on the firing of preoptic neurons in the proestrus female rat. Brain Res 142: 363-367.

Chen S, Sabatini BL. 2012. Signaling in dendritic spines and spine microdomains. Curr Opin Neurobiol 22:389-396.

Chen X, Leischner U, Rochefort NL, Nelken I, Konnerth A. 2011. Functional mapping of single spines in cortical neurons in vivo. Nature 475:501-507.

Choi GB, Dong H-W, Murphy AJ, Valenzuela DM, Yancopoulos GD, Swanson LW, Anderson DJ. 2005. Lhx6 delineates a pathway mediating innate reproductive behaviors from the amygdala to the hypothalamus. Neuron 46: 647–660.

Cooke BM, Woolley CS. 2005. Sexually dimorphic synaptic organization of the medial amygdala. J Neurosci 25: 10759-10767.

Coolen LM, Peters HJPW, Veening JG. 1997. Distribution of Fos immunoreactivity following mating versus anogenital investigation in the male rat brain. Neuroscience 77: 1151–1161.

Coolen LM, Wood RI. 1999. Testosterone stimulation of the medial preoptic area and medial amygdala in the control of male hamster sexual behavior: redundancy without amplification. Behav Brain Res 98: 143-153.

Csakvari E, Hoyk Z, Gyenes A, Garcia-Ovejero D, Garcia-Segura LM, Párducz Á. 2007. Fluctuation of synapse density in the arcuate nucleus during the estrous cycle. Neuroscience 144: 1288-1292.

Dall'Oglio A, Gehlen G, Achaval M, Rasia-Filho AA. 2008. Dendritic branching features of posterodorsal medial amygdala neurons of adult male and female rats: further data based on the Golgi method. Neurosci Lett 430: 151-156.

de Castilhos J, Forti CD, Achaval M, Rasia-Filho AA. 2008. Dendritic spine density of posterodorsal medial amygdala neurons can be affected by gonadectomy and sex steroid manipulations in adult rats: a Golgi study. Brain Res 1240: 73-81.

de Olmos JS, Beltramino CA, Alheid G. 2004. Amygdala and extended amygdala of the rat: a cytoarchitectonical, fibroarchitectonical, and chemoarchitectonical survey. In: Paxinos G. (Ed.). The Rat Nervous System. Elsevier Academic Press, London, pp. 509-603.

Dong H-W, Petrovich G, Swanson LW. 2001. Topography of projections from amygdala to bed nuclei of the stria terminalis. Brain Res Rev 38: 192–246.

Emsley JG, Macklis JD. 2006. Astroglial heterogeneity closely reflects the neuronaldefined anatomy of the adul murine CNS. Neuron Glia Biol 2: 175-186.

García-López M, Abellán A, Legaz I, Rubenstein JLR, Puelles L, Medina L. 2008. Histogenetic compartments of the mouse centromedial and extended amygdala base on gene expression patterns during development. J Comp Neurol 506: 46-74.

García-López P, García-Marín V, Freire M. 2010. Dendritic spines and development: towards a unifying model of spinogenesis- a present day review of Cajal's histological slides and drawings. Neural Plast 2010:769207.

Garcia-Segura LM, Chowen JA, Dueñas M, Torres-Aleman I, Naftolin F. 1994. Gonadal steroids as promoters of neuro-glial plasticity. Psychoneuroendocrinol 19: 445- 453.

Garcia-Segura LM, McCarthy MM. 2004. Minireview: Role of glia in neuroendocrine function. Endocrinology 145: 1082-1086.

Gréco B, Allegretto EA, Tetel MJ, Blaustein JD. 2001. Coexpression of ER beta with ER alpha and progestin receptor proteins in the female rat forebrain: effects of estradiol treatment. Endocrinology 142: 5172-5181.

Gréco B, Blasberg ME, Kosinski EC, Blaustein JD. 2003. Response of ERα-IR and ERβ-IR cells in the forebrain of female rats to mating stimuli. Horm Behav 43: 444–453.

Gréco B, Edwards DA, Michael RP, Clancy NA. 1998. Androgen receptors and estrogen receptors are colocalized in male rat hypothalamic and limbic neurons that express Fos immunoreactivity induced by mating. Neuroendocrinol 67: 18-28.

Harris KM, Jensen FE, Tsao B. 1992. Three-dimensional structure of dendritic spines and synapses in rat hippocampus (CA1) at postnatal day 15 and adult ages: implications for the maturation of synaptic physiology and long-term potentiation. J Neurosci 12: 2685-2705.

Hermel ES, Faccioni-Heuser MC, Marcuzzo S, Rasia-Filho AA, Achaval M. 2006a. Ultrastructural features of neurons and synaptic contacts in the posterodorsal medial amygdala of adult male rats. J Anat 208: 565-575.

Hermel ES, Ilha J, Xavier LL, Rasia-Filho AA, Achaval M. 2006b. Influence of sex and estrous cycle, but not laterality, on the neuronal somatic volume of the posterodorsal medial amygdala of rats. Neurosci Lett 405: 153-158.

Hines M, Allen LS, Gorski R A. 1992. Sex differences in subregions of the medial nucleus of the amygdala and the bed nucleus of the stria terminalis of the rat. Brain Res. 579:321–326.

Isgor C, Huang GC, Akil H, Watson SJ. 2002. Correlation of estrogen β-receptor messenger RNA with endogenous levels of plasma estradiol and progesterone in the female rat hypothalamus, the bed nucleus of stria terminalis and the medial amygdala. Mol Brain Res 106: 30–41.

Johnson RT, Breedlove SM, Jordan CL. 2008. Sex differences and laterality in astrocyte number and complexity in the adult rat medial amygdala. J Comp Neurol 511: 599-609.

Johnson RT, Breedlove SM, Jordan CL. 2013. Androgen receptors mediate masculinization of astrocytes in the rat posterodorsal medial amygdala during puberty. J Comp Neurol 521: 2298-2309.

Kasai H, Fukuda M, Watanabe S, Hayashi-Takagi A, Noguchi J. 2010. Structural dynamics of dendritic spines in memory and cognition. Trends Neurosci 33:121-129.

Lehmann ML, Erskine MS. 2005. Glutamatergic stimulation of the medial amygdala induces steroid dependent c-fos expression within forebrain nuclei responsive to mating stimulation. Neuroscience 136: 55–64.

Lehmann ML, McKellar H, Erskine MS. 2005. Coding for the initiation of pseudopregnancy by temporally patterned activation of amygdalar NMDA receptors. J Neurosci 25: 8696–8703.

Lin Y, Li X, Lupi M, Kinsey-Jones JS, Shao B, Lightman SL, O'Byrne KT. 2011. The role of the medial and central amygdala in stress-induced suppression of pulsatile LH secretion in female rats. Neuroendocrinol 152: 545-555.

Martinez FG, Hermel EE, Xavier LL, Viola GG, Riboldi J, Rasia-Filho AA, Achaval M. 2006. Gonadal hormone regulation of glial fibrillary acidic protein immunoreactivity in the medial amygdala subnuclei across the estrous cycle and in castrated and treated female rats. Brain Res 1108: 117-126.

Meredith M, Westberry JM. 2004. Distinctive responses in the medial amygdala to same-species and different-species pheromones. J Neurosci 24: 5719–5725.

Micevych PE, Matt DW, Go VLW. 1988. Concentrations of cholecystokinin, substance P, and bombesin in discrete regions of male and female rat brain: sex differences and estrogen effects. Exp Neurol 100: 416–425.

Mizukami S, Nishizuka M, Arai Y. 1983. Sexual difference in nuclear volume and its ontogeny in the rat amygdala. Exp Neurol 79:569–575.

Morris JA, Jordan CL, Breedlove SM. 2008. Sexual dimorphism in neuronal number of the posterodorsal medial amygdala is independent of circulating androgens and regional volume in adult rats. J Comp Neurol 506: 851-859.

Newman SW. 1999. The medial extended amygdala in male reproductive behavior. A node in the mammalian social behavior network. Ann NY Acad Sci 877: 242- 257.

Niimi K, Horie S, Yokosuka M,Kawakami-Mori F, TanakaK, Fukuyama H, Sahara Y. 2012. Heterogeneous electrophysiological and morphological properties of neurons in the mouse medial amygdala in vitro. Brain Res 1480: 41-52.

Oberlander JG, Erskine MS. 2008. Receipt of vaginal-cervical stimulation modifies synapsin content in limbic areas of the female rat. Neuroscience 153: 581-593.

Olmos G, Naftolin F, Perez J, Tranque PA, Garcia-Segura LM. 1989. Synaptic remodeling in the rat arcuate nucleus during the estrous cycle. Neuroscience 32: 663-667.

Oro AE, Simerly RB, Swanson LW. 1988. Estrous cycle variations in levels of cholecystokinin immunoreactivity within cells of three interconnected sexually dimorphic forebrain nuclei. Neuroendocrinol 47: 225–235.

Österlund M, Kuiper GG, Gustafsson JA, Hurd YL. 1998. Differential distribution and regulation of estrogen receptor-alpha and –beta mRNA within the female rat brain. Brain Res. Mol. Brain Res 54: 175-180.

Párducz A, Perez J, Garcia-Segura LM. 1993. Estradiol induces plasticity of GABAergic synapses in the hypothalamus. Neuroscience 53: 395-401.

Paxinos G, Watson C. 2008. The Rat Brain in Stereotaxic Coordinates. Academic Press, San Diego.

Pereno GL, Balaszczuk V, Beltramino CA. 2011. Detection of conspecific pheromones elicits fos expression in GABA and calcium-binding cells of the rat vomeronasal system-medial extended amygdala. J Physiol Biochem 67: 71-85.

Pérez J, Naftolin F, Garcia-Segura LM. 1990. Sexual differentiation of synaptic connectivity and neuronal plasma membrane in the arcuate nucleus of the rat hypothalamus. Brain Res 527: 116-122.

Peters A, Palay SL, Webster H. 1991. The Fine Structure of the Nervous System. Oxford University Press, New York. 514 pp.

Petrovich GD, Canteras NS, Swanson LW. 2001. Combinatorial amygdalar inputs to hippocampal domains and hypothalamic behavior systems. Brain Res Rev 38: 247–289.

Pfaus JG, Heeb MM. 1997. Implications of immediate-early gene induction in the brain following sexual stimulation of female and male rodents. Brain Res Bull 44: 397-407.

Phillips-Farfán BV, Lemus AE, Fernández-Guasti E. 2007. Increased estrogen receptor alpha immunoreactivity in the forebrain of sexually satiated rats. Horm Behav 51: 328–334.

Polston EK, Erskine MS. 2001. Excitotoxic lesions of the medial amygdala differentially disrupt prolactin secretory responses in cycling and mated female rats. J Neuroendocrinol 13: 13–21.

Polston EK, Heitz M, Barnes W, Cardamone K, Erskine MS. 2001. NMDA-mediated activation of the medial amygdala initiates a downstream neuroendocrine memory responsible for pseudopregnancy in the female rat. J Neurosci 21: 4104-4110.

Pro-Sistiaga P, Mohedano-Moriano A, Ubeda-Bañon I, Arroio-Jimenez MDM, Marcos P, Artacho-Pérula E, Crespo C, Insausti R, Martinez-Marcos A. 2007. Convergence of olfactory and vomeronasal projections in the rat basal telencephalon. J Comp Neurol 504: 346-362.

Rasia-Filho AA, Xavier LL, dos Santos P, Gehlen G, Achaval M. 2002. Glial fibrillary acidic protein immunodetection and immunoreactivity in the anterior and posterior medial amygdala of male and female rats. Brain Res Bull 58: 67-75.

Rasia-Filho AA, Fabian C, Rigoti K, Achaval M. 2004. Influence of sex, estrous cycle and motherhood in dendritic spine density in the rat medial amygdala revealed by the Golgi method. Neuroscience 126: 839-847.

Rasia-Filho AA, Dalpian F, Menezes IC, Brusco J, Moreira JE, Cohen RS. 2012a. Dendritic spines of the medial amygdala: plasticity, density, shape, and subcellular modulation by sex steroids. Histol Histopathol 27: 985-1011.

Rasia-Filho AA, Haas D, de Oliveira AP, de Castilhos J, Frey R, Stein D, Lazzari VM, Back F, Pires GN, Pavesi E, Winkelmann-Duarte EC, Giovenardi M. 2012b. Morphological and functional features of the sex steroid-responsive posterodorsal medial amygdala of adult rats. Mini Rev Med Chem 12: 1090- 1106.

Salazar AP, Quagliotto E, Alves J, Oliveira FA, Saur L, Xavier LL, Pagnussat AS, RasiaFilho AA. 2014. Effect of prior exercise training and myocardial infarctioninduced heart failure on the neuronal and glial densities and the

GFAPimmunoreactivity in the posterodorsal medial amygdala of rats. Histol Histopathol (in press).

Scalia F, Winans SS. 1975. The differential projections of the olfactory bulb and accessory olfactory bulb in mammals. J Comp Neurol 161: 31–55.

Schuster T, Krug M, Wenzel J. 1990. Spinules in axospinous synapses of the rat dentate gyrus: changes in density following long-term potentiation. Brain Res 523:171–174.

Segal M. 2010. Dendritic spines, synaptic plasticity and neuronal survival: activity shapes dendritic spines to enhance neuronal viability. Eur J Neurosci 31:2178-2184.

Simerly RB. 2004. Anatomical substrates of hypothalamic integration. In: Paxinos G. (Ed.). The Rat Nervous System. Academic Press, San Diego, pp. 335–368.

Simerly RB, Chang C, Muramatsu M, Swanson LW. 1990. Distribution of androgen and estrogen receptor mRNA-containing cells in the rat brain: an in situ hybridization study. J Comp Neurol 294: 76-95.

Singletary SJ, Kirsch AJ, Watson J, Karim BO, Huso DL, Hurn PD, Murphy SJ. 2005. Lack or correlation of vaginal impedance measurements with hormone levels in the rat. Contemp Top Lab Anim Sci 44:37–42.

Spacek J, Harris KM. 2004. Trans-endocytosis via spinules in adult rat hippocampus. J Neurosci 24:4233–4241.

Spruston N, Häusser M, Stuart G. 2013. In: Squire LR, Berg D, Bloom FE, Du Lac S, Ghosh A, Spitzer NC. (Eds.). Fundamental Neuroscience. Academic Press,Waltham, pp. 231-260.

Tarrant SB, Routtenberg A. 1977. The synaptic spinule in the dendritic spine: electron microscopic study of the hippocampal dentate gyrus. Tissue Cell 9: 461-473.

Tao-Cheng J-H, Dosemeci A, Gallant PE, Miller S, Galbraith JA, Winters CA, Azzam R, Reese TS. 2009. Rapid turnover of spinules at synaptic terminals. Neuroscience 160:42-50.

Tao-Cheng J-H, Gallant PE, Brightman MW, Dosemeci A, Reese TS. 2007. Structural changes at synapses after delayed perfusion fixation in different regions of the mouse brain. J Comp Neurol 501: 731-740.

Tonnesen J, Katona G, Rózsa B, Nägerl UV. 2014. Spine neck plasticity regulates compartmentalization of synapses. Nat Neurosci 17: 678-685.

Yuste R. 2013. Electrical compartmentalization in dendritic spines. Annu Rev Neurosci 36:429-49.

Verzi DW, Noris OY. 2009. A compartmental model for activity-dependent dendritic spine branching. Bull Math Biol 71:1048-1072.

3.1.10 Legends

Figure 1 – (A) Schematic diagram of the ventral aspect of a coronal brain section showing the posterodorsal medial amygdala (MePD; in this case at – 3.0 mm posterior to the bregma) close to the optic tract (opt) and the stria terminalis (st) in the rat brain. Spatial coordinates correspond to: D, dorsal; L, lateral; M, medial; V, ventral. Scale bar = 0.5 mm. Adapted from Paxinos and Watson (2008). **(B, C)** Microscopic images of hematoxylin and eosin stained matched coronal brain sections exemplifying, at higher magnification, the location of the MePD from where tissue samples (limited by doted lines) were obtained for ultrastrutural studies in males and females, respectively. ml, molecular layer. Scale bar = 0.1 mm.

Figure 2 – Digitized photomicrographs of the ultrastructure obtained from female posterodorsal medial amygdala in late proestrus females showing **(A)** glial processes (highlightened in blue) engulfing a neuronal perikaryal membrane and **(B)** terminal axonal boutons and various small boutons containing synaptic vesicles (green) in direct contact with the somatic membrane. **(C)** Perikaryal membrane in direct contact to various glial processes (arrows), and **(D)** an axonal bouton ensheathed by various glial concentric layers (arrow) isolating it from the perikaryal membrane. den: dendrite. Fine adjustments were made in Photoshop CS3 (Adobe Systems, Inc., USA). Scale bar = 1 μm.

Figure 3 – Untransformed values (mean and standard deviation) of **(A)** the percentual coverage of neuronal cell body membrane accomplished by glial

processes, axons, dendrites or unclassified (“unknown”) elements, **(B)** density of somatic spines along perykarial perimeter (length in µm), and **(C)** histogram of the density of differently shaped somatic spines in the neurons of the rat posterodorsal medial amygdala (MePD) of males and cycling females in diestrus, early (morning) and late (night) proestrus or estrus. In **A**, no statistically significant difference was found between groups. In **B** *$p < 0.05$ compared to females in estrus (one way ANOVA test and Tukey post hoc test).

Figure 4 – Digitized photomicrographs of the ultrastructure of the posterodorsal medial amygdala showing representative somatic spines (highlighted in yellow) observed in female rats in the late proestrus. Somatic spines were assigned to different classes according to their shapes: stubby **(A)**, wide **(B)**, thin **(C)**, mushroom-like **(D)**, ramified **(E)**, with a transitional aspect **(F)** or with an “atypical” and more complex appearance (**G** and **H**). The presence of spinule (I) was also observed (arrow). See text for details. Fine adjustments were made in Photoshop CS3 (Adobe Systems, Inc., USA). Scale bar = 0.5 µm.

Figure 1

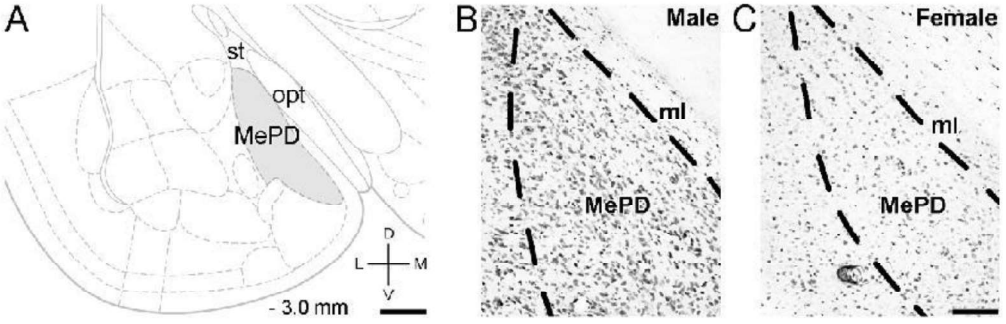


Figure 2

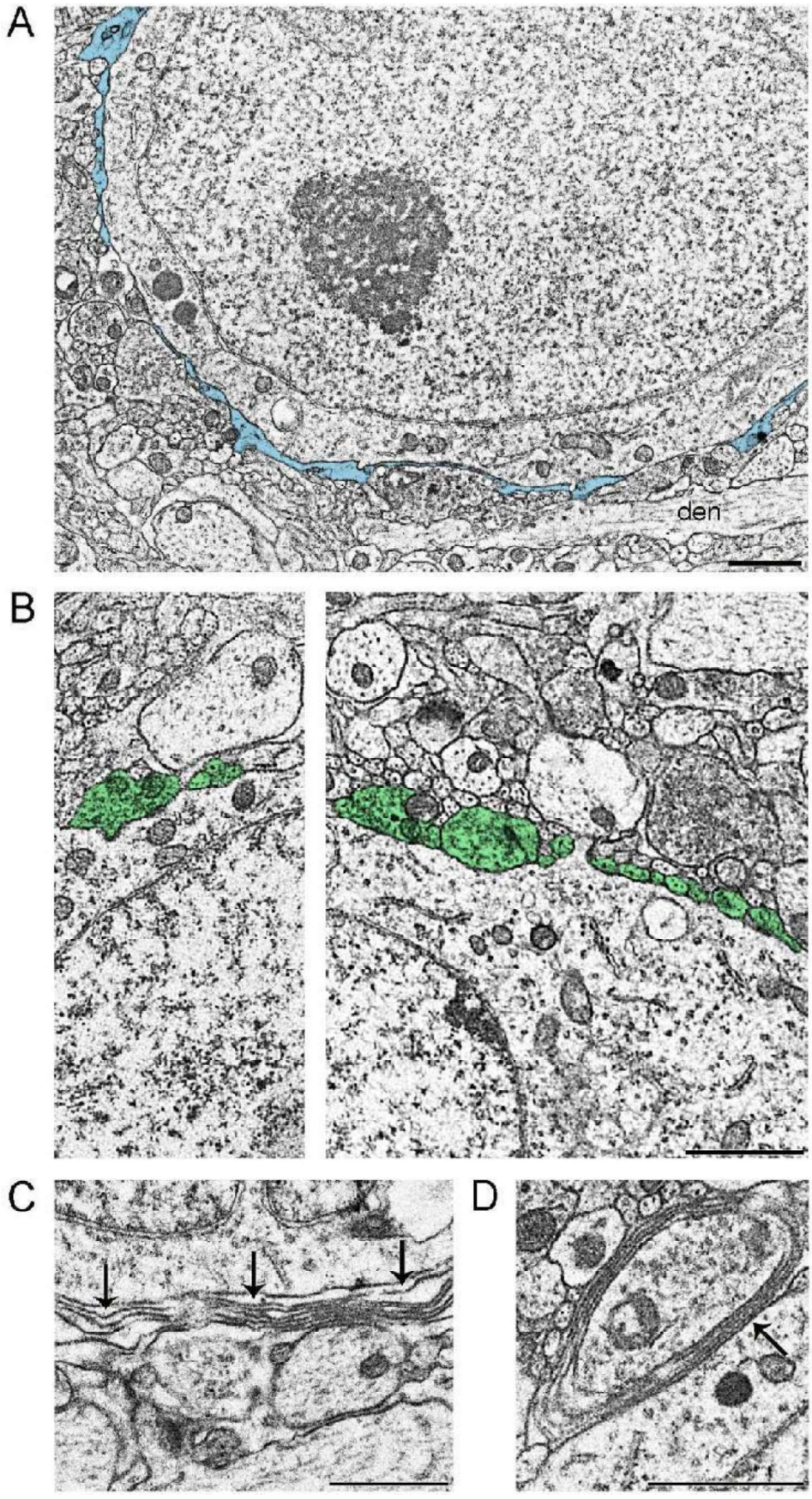


Figure 3

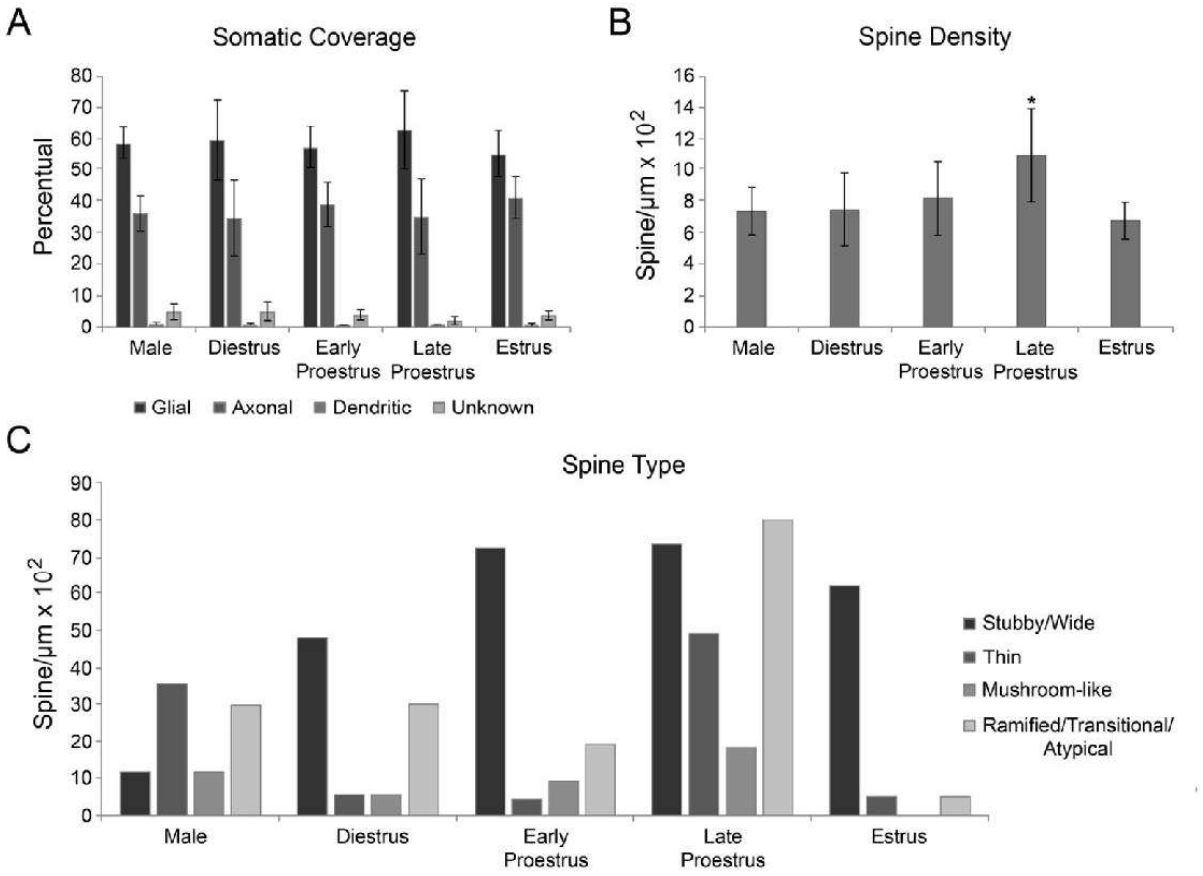
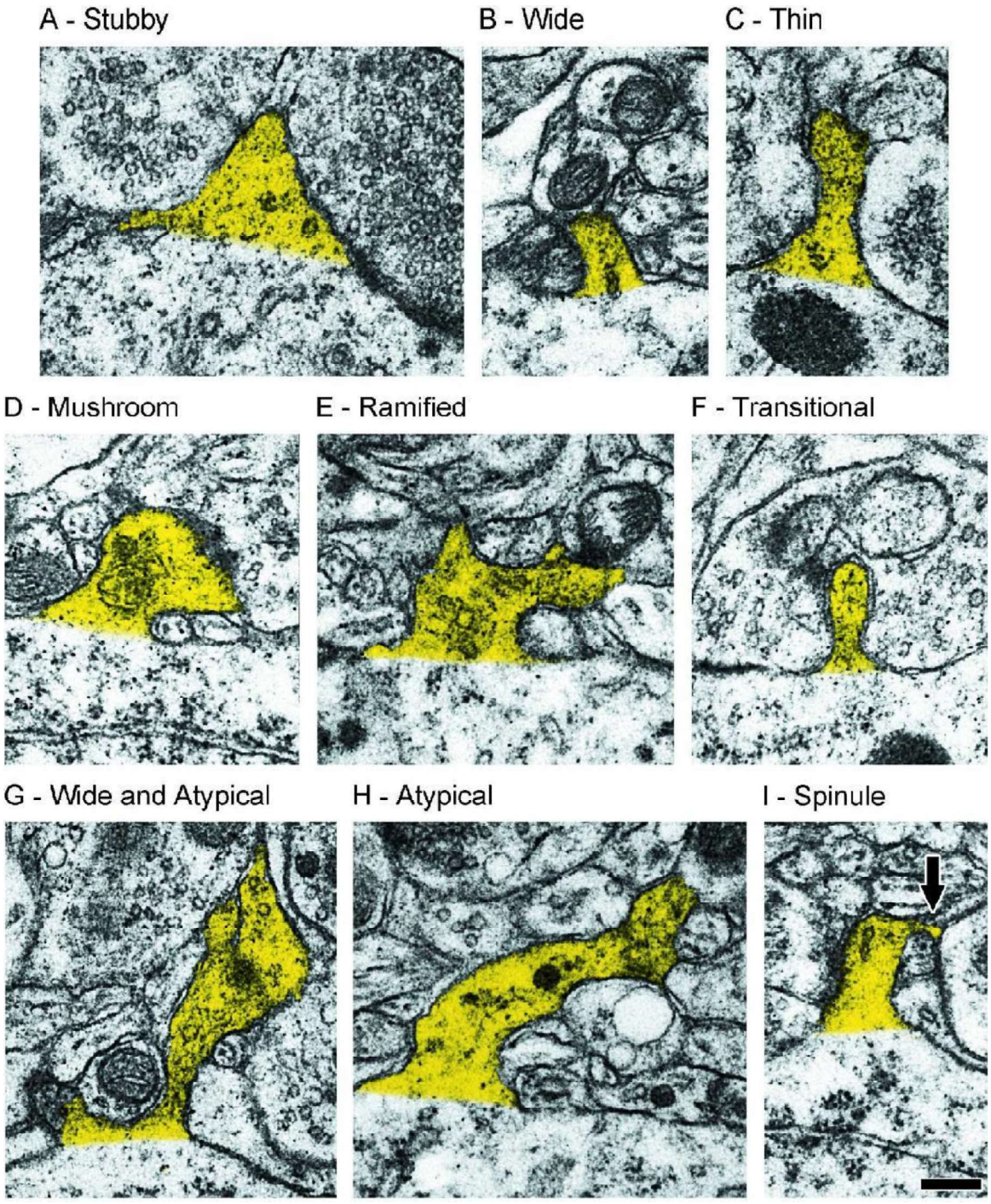

A
Somatic Coverage
Percentual
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Male
Diestrus
Early Proestrus
Late Proestrus
Estrus
Glial
Axonal
Dendritic
Unknown
B
Spine Density
Spine/µm x 10-2
16
14
12
10
8
6
4
2
0
*
Male
Diestrus
Early Proestrus
Late Proestrus
Estrus
C
Spine Type
Spine/µm x 10-2
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
Male
Diestrus
Early Proestrus
Late Proestrus
Estrus
Stubby/Wide
Thin
Mushroom-like
Ramified/Transitional/ Atypical

Figure 4


A - Stubby
B - Wide
C - Thin
D - Mushroom
E - Ramified
F - Transitional
G - Wide and Atypical
H - Atypical
I - Spinule

3.2 Artigo II

Original Research – A ser encaminhado à *The Anatomical Record*

Castration modifies the density and shape of dendritic spines in the posterodorsal medial amygdala of male rats

Mariana Zancan[a,b], Aline Dall'Oglio[a], Edson Quagliotto[a], Alberto A. Rasia-Filho[a-c*]

[a] Federal University of Health Sciences, Department of Basic Sciences/Physiology, Laboratory of Neural Morphology and Physiology, Porto Alegre, Brazil.

[b] Federal University of Health Sciences, Graduation Program in Rehabilitation/Neurology, Porto Alegre, Brazil.

[c] Federal University of Rio Grande do Sul, Graduation Program in Neuroscience, Porto Alegre, Brazil.

Corresponding Author: Alberto A. Rasia-Filho, UFCSPA/DCBS/Physiology, Sarmento Leite 245, Porto Alegre, RS, 90050-170, Brazil.
Phone: +55 51 33038751
E-mail: rasiafilho@pq.cnpq.br

3.2.1 Abstract

The posterodorsal medial amygdala (MePD) is a sex-steroid responsive area involved in sensorial stimuli processing in the social behavior neural network of male rats. At the cellular level, spines serve as specialized postsynaptic elements relevant for synaptic plasticity. Here, we add new data to the effects of long-term gonadectomy (GDX) on the density and shape of dendritic spines in the right and left MePD of adult male rats using DiI dye, tridimensional image reconstruction, and confocal microscopy. Adult male rats were studied as nonmanipulated ("Intact", n = 6), submitted to a sham GDX ("Sham", n = 4) or castrated and studied 90 days after GDX (n = 5). In intact males, there were 1.1 spines/dendritic μm, and thin spines were the most abundant type found (~48% of the total), followed by the mushroom-like (~25%), and stubby/wide ones (~20%) in proximal branches. Results showed that GDX males had a decrease in the density of spines when compared to intact males ($p < 0.05$). Furthermore, males submitted to long-term GDX showed marked reductions in the density of thin, mushroom-like, and ramified spines at the same time that there was a marked increase in the density of the stubby/wide spines in the right MePD when compared to control groups ($p < 0.05$ in all cases). Similar results were obtained in the left MePD, with the exception of no significant effect for ramified spines. These data indicate that GDX induces a reduced synaptic input on spines by reducing their number and the remodeling of differently shaped spines with no hemispheric lateralization differences in the MePD of adult male rats. It is likely that the MePD remodeling after GDX can have implications in the impairment of sexual behavior display that is also observed in long-term castrated rats.

Keywords: Extended amygdala, androgen withdrawal, spine shape, synaptic plasticity.

3.2.2 Introduction

Several lines of connectivity, neurochemical, and functional evidence (Veinante and Freund-Mercier, 1997; Newman, 1999; Rochefort and Konnerth, 2012; Rasia- Filho et al., 2004; Brusco et al., 2014; Kasay et al., 2010) indicate the posterodorsal subnucleus of the medial amygdala (MePD) as an important area in the subcortical network that modulates social behaviors in rats (Newman, 1999; Rasia-Filho et al., 2012b). The MePD serves as an interface to integrate chemosensory cues and the effects of gonadal hormones (Blake and Meredith, 2011) for the interpretation of the social relevance of olfactory and vomeronasal stimuli (Meredith and Westberry, 2004; Baum and Bakker, 2013; Petrulis, 2013), the genitosensorial stimulation associated with the occurrence of mating behavior (Coolen et al., 1997; Dass and Vyas, 2014), and the occurrence of ejaculations (Phillips-Farfán and Fernández-Guasti, 2007; Veening and Coolen, 2014). The rat MePD assembles coexisting subpopulations of multipolar neurons with a general bitufted or stellate appearance (reviewed in Rasia-Filho et al., 2012). Some neurons co-express the inhibitory markers calbindin, neuronal nitric oxide synthase (a marker also for projection neurons), and somatostatin (Carney et al., 2010) that underlie the connectivity and functions of MePD interneurons and projection neurons (Bian et al., 2008; Niimi et al., 2012). Near 80% of all the mice MePD neurons are transcription factor Lhx6-immunoreactive cells (Choi et al., 2005) and are connected to specific hypothalamic nuclei to modulate reproduction (Petrovich et al., 2001; Choi et al., 2005; Cavalcante et al., 2006). That is, by projecting to the anteroventral periventricular nucleus, the medial preoptic area, and the ventral premamillary nucleus, the MePD neurons links the perception of sexually relevant stimuli with the display of sexual behavior (Dominguez and Hull, 2001; Cavalcante et al., 2014; Will et al., 2014). Lesions of the MePD impair penile erection (Kondo and Sachs, 2002) and, involving other adjacent areas, also the occurrence of ejaculation in rats (reviewed in Meisel and Sachs, 1994; Petrulis, 2013; Will et al., 2014).

The MePD expresses one of the highest concentration of androgen receptors and is a sexually dimorphic area in rats (Blake and Meredith, 2011; Simerly et al., 1990; Sheridan et al, 1979; Gréco et al., 1998). Males and females differ in the MePD volume, neuron and glial cells number, spatial domain of the dendritic

branches, synaptic connectivity with functional hemispheric lateralization, neurotransmitter binding sites, and expression of neuropeptides (reviewed in Rasia-Filho et al., 2012; Brusco et al., 2014; and references therein). Sex steroids alter the function of the MePD cells as implanted estradiol restores mounting behavior following gonadectomy (GDX) in male rats (Rasia-Filho et al., 1991) or by testosterone or estradiol in male hamsters (Wood, 1996). Furthermore, a higher number of double-labeled Fos and androgen receptors cells were found in the MePD of male hamsters after exposure to reproductively-related odour from sexually receptive females (Blake and Meredith, 2011). After mating stimuli in rats, the MePD c-fos expression increases in neurons that co-express androgen receptors (Gréco et al., 1996; 1998), with clusters of neurons activated concomitantly to intromission or ejaculation (Coolen et al., 1997). An increased density of estrogen receptors α in the male rat MePD is also associated with ejaculation and sexual satiety (Phillips-Farfán et al., 2007).

The sex steroid-mediated actions in the MePD can involve direct actions on the morphology and function of local cells as well as in interconnected brain areas that induce synaptic changes relevant for the display of male behavior. In this regard, androgen influences on dendritic spines of MePD neurons have been currently studied (Cunningham et al., 2007; Cooke and Woolley, 2009; Rasia-Filho et al., 2012) since they have connectional and functional implications for the occurrence of complex behaviors (Rasia- Filho et al., 2004; Gréco et al., 2003; Simerly 2004). Spines are postsynaptic elements with a range of critical properties for synaptic establishment, strength, and plasticity (Nimchinsky et al., 2002; Segal, 2005; DonCarlos et al., 2006; Nuriya et al., 2006; Vasudevan and Pfaff, 2007). The processing demand placed on dendrites influences the number of spines (Jacobs et al., 1997; Segal, 2010). In this regard, each dendritic spine in the male rat MePD is usually innervated by one axon terminal with ultrastructural excitatory features (Hermel et al., 2006a; see complementary data in Brusco et al., 2014). Pleomorphic spines are found in the MePD of male rats with thin spines as the most abundant type (~53%), followed by mushroom-like (~21% each, a value almost twofold more than females), and stubby/wide ones (Rasia-Filho et al., 2012). Males also have a higher proximal dendritic spine density than females (Rasia-Filho et al., 2004)

suggesting a different synaptic organization and sexual dimorphism in the circuits and inputs that reach the MePD of rats (Dall´Oglio et al., 2008a; Rasia-Filho et al., 2012a,b; Brusco et al., 2014). Moreover, long-term GDX causes a significant decrease in the density of Golgi-impregnated MePD spines at the same time that occurs strikingly reductions in the display of intromission and ejaculatory behavior (Rasia-Filho et al., 1991; de Castilhos et al., 2006; Rasia- Filho and Lucion, 1996), in the MePD volume, and in local substance P immunoreactivity (Malsbury and McKay, 1994). These findings reinforce the proposition that androgens influence the synaptic organization and neuronal activity in the MePD of adult male rats.

Here, we describe the effects of long-term GDX on the density and shape of dendritic spines in the MePD of adult male rats using tridimensional (3D) image reconstruction and confocal microscopy. We also looked for differences in the left and right MePD. Our findings confirm the reduction of spine number after testes removal (de Castilhos et al., 2008) and add new data regarding the change in the geometry of local spines, with variable results for differently shaped spines.

3.2.3 Material And Methods

Methodological approach was based on de Castilhos et al. (2008) and Brusco et al. (2010). Age-matched, adult male male Wistar rats (N= 15, 3 months old at the beginning of the experiment) were housed in groups in standard laboratory conditions, with food and water *ad libitum,* room temperature kept at 22 ◦C, and a 12 h light-dark cycle.

All efforts were made to minimize the number of animals studied and their suffering. Rats were manipulated according to the international laws for the ethical care and use of laboratory animals (European Communities Council Directive of 11.24.1986, 86/609/EEC) and the Animal Ethics Committee of the UFCSPA (Brazil; approved protocol no. 227/13).

Animals were divided randomly into 3 experimental groups: (1) nonmanipulated intact rats (“Intact”, n = 6), (2) rats submitted to a sham GDX and studied 90 days following this procedure (“Sham”, n = 4), and (3) castrated rats studied 90 days after GDX (n = 5). For these two latter groups, males were anesthetized with ketamine and xilazine (80 and 10 mg/kg, i.p. injected, respectively)

and submitted to GDX. Males were castrated via an incision in the scrotum to remove both testes. Sham GDX was performed in males under the same anesthetical and surgical procedure, except that the gonads were not removed. Animals showed an adequate recovery from the surgical procedure and no apparent sign of illness.

Following 3 months, all animals were anesthetized as above mentioned and submitted to transcardiac perfusion with a single injection of heparin (1000 IU) and immediately afterwards with 400 ml of 1.5% paraformaldehyde in phosphate buffer solution 0.1M and pH 7.4 (PBS) at room temperature (RT), and using a peristaltic pump (Control Company, Brazil). Flow was initially rapid (50-100 ml during the first 90 s after chest opening) and, then, slowed to last for additional 20 min (15 ml/min flow) in order to maintain fine ultrastructural integrity (Tao-Cheng et al., 2007). The brains were removed and maintained in the same fixative solution for 1 h and coronally sectioned (200 µm-thick) using a Vibratome (VT 1000S, Leica Microsystems, Germany). The MePD was studied from 3.0 to 3.4 mm posterior to the bregma, lateral to the optic tract and ventral to the stria terminalis (ST; Paxinos and Watson, 2008; Figure 1). The MePD of both brain hemispheres were studied apart to allow comparisons about a possible effect of laterality.

Afterwards, sonicated, fine powdered DiI (cat. no. D-282, Molecular Probes, USA; cf. Rasia-Filho et al., 2010) was applied on the surface of the ST, brain slices were covered with PBS, and DiI was allowed to diffuse to the MePD for 20 h at RT. Additional fixation was done with 4% paraformaldehyde in PBS for 30 min, slices were washed with PBS, mounted with an anti-fading media (Fluoromount EMS, USA) under coverslips, and images of the MePD neurons were obtained along 1 week. Bitufted and stellate multipolar neurons were observed in the MePD, but randomly sampled bitufted cells accounted for more than 94% of all studied neurons in the 3 experimental groups.

Proximal dendritic spines were imaged using a confocal microscope (Zeiss LSM 700, Germany), with a plan-apochromat 63×/1.25 oil-immersion lens, spectral detectors adjusted to capture emission to laser 555 nm of wavelength, z-stack acquisition at 0.1 µm step size, 1024×1024 pixel resolution per frame, and avoiding over and undersaturated pixels. One dendritic branch/neuron was imaged on 96 different neurons in intact rats (48 in both the right and left MePD), 48 neurons in the

Sham group (23 in the right and 25 in the left MePD, and 76 neurons in the GDX group (37 in the right and 39 in the left MePD). A maximum of 8 neurons was studied per hemisphere and per rat. Spines were imaged in proximal dendritic shafts of primary to secondary order and along 30-40 μm (based on Rasia-Filho et al., 2004; de Castilhos et al., 2006; 2008). The 3D reconstruction of each dendritic segment and spines was made with the software Carl Zeiss Zen 2012 SP 1 (Germany).

The morphological criteria for assigning dendritic spine shapes to different types were based on Harris et al. (1992) and Arellano et al. (2007), considering spine length, the diameters of the head and neck, and the number of protusions from a single stalk. The diameters of the spine neck and head were measured on the stack that had the maximal central diameter in the plane of section (Harris et al., 1992). Spines were classified as thin, mushroom-like, stubby/wide, ramified or atypical (when with a transitional aspect between classes or an unusual shape). In principle, a salient round broadening on a dendritic shaft, resembling a spine head without a visible neck, was considered as a stubby spine. Examples are shown in Figure 2 and additional description of each shape can be found elsewhere (Peters and Kaiserman-Abramof, 1970; Fiala and Harris, 1999; Brusco et al., 2010; 2014). Each spine was visualized in the z planes to avoid misinterpretation for the shape classification and/or spine quantifications. The same classification criteria were used for all experimental groups. In few cases, some spines could not be reliably included in one of the above mentioned types and were named “nonclassified”. Images had final fine adjustments of sharpness, brightness, and contrast made in Photoshop CS3 (Adobe Systems, Inc., USA) without altering spine counting or classification.

From the original 3D images, spine density was calculated as the number of spines per micrometer of dendritic segment, as previously employed (Canteras et al., 1995; Carrillo et al., 2007; Rasia- Filho et al., 2004). This was done to obtain data of overall spine density (i.e., total counts including all spine types) in the right and left MePD of each experimental group and to to compare data with a previous report from de Castilhos et al. (2008). We also calculated the density of each type of spine per hemisphere and per experimental group. Mean values per rat were used for statistical comparisons.

Data (presented as mean ± standard deviation) were tested for the normality distribution and homocedasticity using the Kolmogorov and Smirnov test and the Bartlett test, respectively. The overall density of dendritic spines were submitted to a two-way analysis of variance (ANOVA) test for repeated measures (comparing experimental groups, brain hemispheres, and interaction of these factors) followed by the Bonferroni test. The density of each class of dendritic spine per brain hemisphere and per experimental group was submitted to an one-way ANOVA and the Tukey multiple comparisons *post hoc* test. Data were not parametric only for the density of ramified and atypical spines and, then, values were compared using the Kruskal-Wallis test and the Dunn multiple comparison test. Statistical level of significance was set as $p \leq 0.05$.

3.2.4 Results

DiI dye allowed the visualization of cell bodies, dendritic shafts, pleomorphic spines and thin varicose axons in the MePD of both hemispheres and in the 3 studied groups. Confocal microscopy images could be reconstructed and dendritic spines were found either isolated or in clusters along the dendritic shafts. These spines showed a *continuum* of different shapes and sizes (Figure 2A-C).

As an overall control result, there were approximately 1.1 spines/dendritic µm in the MePD of intact males (Figure 3A), and thin spines were the most abundant type found (~48% of the total), followed by the mushroom-like (~25%), and stubby/wide ones (~20%). Spine shapes including ramified and, to a lesser extent, other atypical or nonclassified shapes accounted for the remaining values (Figure 3 B and C).

The overall density of dendritic spines in the MePD showed a statistically significant difference when data were compared between the experimental groups [$F(2,12) = 4.307$, $p = 0.03$], but there were no difference due to hemispherical laterality [$F(1,12) = 2.778$, $p = 0.12$] nor in the interaction of these two factors [$F(2,12) = 0.05$, $p = 0.94$]. The Bonferroni *post hoc* test showed that GDX males had a decrease in the density of spines when compared to intact males ($p < 0.05$; Figure 3A).

Furthermore, the density of the differently shaped spines in both the right and left MePD were modified after GDX. In the right MePD (Figure 3B), compared to the control intact and sham GDX data, males submitted to long-term GDX showed marked significant reductions in the density of the thin [~40% less; $F(2,12) = 84.612$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ compared to both control groups], the mushroom-like [40% to 25% less; $F(2,12) = 23.337$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ and $p< 0.05$ compared to intact and sham GDX, respectively], and the ramified spines [~40% less; $F(2,12) = 4.002$ $p = 0.04$; Tukey post hoc test, $p < 0.05$ compared to sham GDX] whereas there was a marked increase in the density of the stubby/wide ones in the GDX group [~125% more; $F(2,12) = 113.96$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ compared to both control groups]. The density of atypical spines was not different between groups ($p = 0.19$). Intact and sham GDX showed similar results ($p > 0.05$ in all cases), with the exception of the density of mushroom-like spines (higher in intact males, $p < 0.05$).

In the left MePD (Figure 3C), compared to the control intact and sham GDX data, males submitted to long-term GDX showed marked significant reductions in the density of the thin [~40% less; $F(2,12) = 46.98$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ compared to both control groups], the mushroom-like [40% to 25% less; $F(2,12) = 14.096$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ and $p< 0.05$ compared to intact and sham GDX, respectively], and the atypical spines [Kruskal-Wallis test, $p = 0.01$; Dunn post hoc test, $p < 0.05$ compared to sham GDX] whereas there was a marked increase in the density of the stubby/wide ones in the GDX group [~135% more; $F(2,12) = 290.59$, $p < 0.01$; Tukey post hoc test, $p < 0.01$ compared to both control groups]. The density of ramified spines was not different between groups ($p = 0.09$). Intact and sham GDX showed similar results ($p > 0.05$ in all cases), with the exception of the density of atypical spines (lower in intact males, $p < 0.05$).

3.2.5 Discussion

Our data reinforces previous reports by demonstrating that: 1) the values obtained for the density of proximal dendritic spines and the percentage of differently shaped spines in the adult male rat are similar to that described by Brusco et al. (2010), 2) the density of Golgi-impregnated proximal dendritic spines do not show lateralization differences in the MePD of adult male rats (Arpini et al., 2010), which

add to the idea that androgenic effects are redundant, but not additive, in the MePD of both hemispheres (Coolen and Wood, 1999). And, 3) long-term GDX induces a significantly reduction in the density of Golgi-impregnated dendritic spines in the MePD of adult male rats (de Castilhos et al., 2008). Furthermore, we found that the shape of dendritic spines in this sex steroid-responsive brain area is affected by GDX. In the MePD, castrated males had ~20 % less proximal dendritic spines than intact animals and in, both right and left hemispheres, there were decreases in thin and mushroom-like shaped spines whereas stubby/wide spines increased locally. Ramified spines had a reduced density in the right MePD. Present results exemplify the neural morphological reorganization in the nervous tissue that accompany the long-term reduction of testosterone and metabolites in circulation and for which other sources of sex steroids, such as the adrenal ones, cannot compensate for the androgen drop in GDX males (Thompson et al., 1976).

Currently it is not possible to affirm that spine number reduction and spine shape change in the MePD of castrated males promote the marked sexual behavior in these rats. However, there are relevant data that directly links the MePD with male sexual arousal and performance, including Fos expression (Coolen et al., 1997) and electrophysiological recordings (Smock et al., 1992; Stark et al., 1998). Specific lesions of the MePD decrease the preference for opposite-sex odors, but copulatory activities can still occur (Veening and Coolen, 2014). Unilateral MePD microinjection of a 5-HT1A receptor agonist decreased the latencies to intromission and ejaculation and reduced the duration of the postejaculatory refractory period, the same effect obtained after systemic injections in rats (de Castilhos et al., 2006). In addition, in the rat MePD, unilateral microinjections of glutamate and histamine reduced the latency to ejaculation whereas GABA decreased the latency for the first intromission, probably due to a local disinhibitory effect (Rasia-Filho et al., 2012b). In the MePD of gerbils, glutamate accounts for ~70% of all ejaculation-activated cells and GABAergic neurons for ~50% of the activated cells following mating (Simmons and Yahr, 2003). Then, the synaptic input and plasticity of MePD neurons can be related to sexual behavior in male rats, with a complex processing of social cues and memories of contextual processing of sexual encounters and the sexual experience of the animal (Kondo, 1992; Stark et al, 1998; Stark, 2005). This allows the MePD to be part of a

dynamic, sex-steroid sensitive and neurochemically-modulated neural network with local cells integrating different demands from specific sensorial pathways that controls the social demands to the animal at each moment (Newman, 1999; Rasia-Filho et al., 2012b; Baum and Bakker, 2013; Petrulis, 2013).

Different microscopic approaches provided insights for the dendritic spines on the synaptic organization and plasticity of the adult rat MePD (Rasia-Filho et al., 2004; Brusco et al., 2010; 2014). Previously, it was demonstrated that most MePD spines were associated with immunolabeling for the pre-synaptic protein synaptophysin either with a single punctum close to the spine head and neck or with multiple puncta suggestive of multisynaptic sites (Brusco et al., 2010). Therefore, sex steroid-induced modifications in the density and shape of dendritic spines alter the number of available postsynaptic sites and, consequently, synaptic coding, and excitability of MePD neurons. Proximal spines are strategically located to modulate synaptic inputs to affect cell body voltage and neuronal action potentials discharge (Rasia-Filho et al., 2004; de Castilhos et al., 2006; Marcuzzo et al., 2007; de Castilho et al., 2008). Moreover, it is highly likely that spiny neurons have functions set at each single spine level and dependent on each brain region (Scalia and Winans, 1975; Nishizuka and Arai, 1983; Dielenberg and McGregor, 2001). Here, we found that more than a general effect of reduced androgenic support on local dendrites, which would equally decrease the number of all classes of spines, GDX promoted a spine-specific change in the male MePD. The remaining density of spines in GDX males probably reflects the local subpopulation of spines that are more stable and/or not sensitive, directly or indirectly via synaptic inputs of interconnected circuits, to the levels of plasma androgens. It was suggested that stable spines provide steady properties in sexually dimorphic neural circuits needed for sex-specific behavioral displays, whereas labile spines have intrinsic plastic properties to adapt their number and function for the ongoing synaptic processing and behavior modulation (Brusco et al., 2010; Rasia-Filho et al., 2012b). This could reflect the need for a balance between stability and plasticity in neural circuits (Spruston et al., 2013), with a high importance in nodal points related with social adaptation and species reproduction, such as the MePD.

Our MePD data also showed that structure of dendritic spines can be varied even on a single neuron (Spruston et al., 2013). The shape of a dendritic spine depends on the specific synaptic demand upon it (Segal, 2010) and, vice versa, the the spine geometry can impact on the synaptic processing, local electrical compartmentalization and coupling to the adjacent dendritic voltage (Spruston et al., 2013; Yuste, 2013). There can be a direct structure-function coupling for differently shaped dendritic spines (Bupesh et al., 2011; Dall'Oglio et al., 2008b), but this issue has not reached a consensus for all the studied brain areas (Nimchinsky et al., 2002; Yuste, 2013). Depending on the geometry and spacing along the dendrites, spines can either amplify or filter synaptically-mediated membrane potentials, associate ionic currents and postsynaptic potentials with those of other adjacent spines and dendritic shafts, activate intracellular biochemical cascades, and induce long-term changes in neuronal excitability (Rasia- Filho et al., 2010; Toni et al., 1999; Nimchinsky at al., 2002; Kasai et al., 2010; Stuart et al., 1999; Arellano et al., 2007; Rochefort and Konnerth, 2012). In this regard, thin spines can be more plastic and transient protrusions, have more NMDA-type glutamate receptors (Bourne and Harris, 2007), and their long necks can induce biochemical and electrical compartmentalization of synaptic inputs in the spine head (Yuste, 2013). Mushroom spines can be more stable (Bourne and Harris, 2007), have a characteristic large spine head and, accordingly, their postsynaptic densities are largest and have more AMPA-type glutamate receptors (Spruston et al., 2013). Stubby/wide or ramified spines were considered "immature" shapes (Bourne and Harris, 2007) and it is likely that stubby spines impose a relatively low resistance to synaptic input and voltage propagation to the adjacent dendrite (Spruston et al., 2013) whereas branched spines can have different microdomains for synaptic integration (Verzi and Noris, 2009). In conjunction, our present data indicate that GDX change the number of synaptic input made by axo-spine contacts and, likely, the synaptic strength and excitatory responses in the MePD. It is notably that stubby/wide spines are twofold more abundant in GDX than in control males, but the reduction in the other spine types led to decreased density of spines following castration. These data address further research on the presence and function of androgen receptors within and outside classical nuclear sites, including dendrites (Sarkey et al., 2008), and how testosterone can modulate cytoskeletal molecules for dendritic structural flexibility

(Takagi and Kawashima, 1993). It could be suggested that the lack of androgenic support in the MePD neurons makes some thin and mushroom-like spines lose their enlarged shape and begin to shrink, dismantle, and some disappear, showing a stubby/wide appearance and even reducing total number of spines. Other studies are needed to determine the role of each spine class on the neuronal activity and their relationship with socially-relevant sensorial inputs in the MePD. Electrophysiological recordings can demonstrate whether androgens influence the activity in the outuput projections from the MePD of intact and GDX males that reach interconnected hypothalamic nuclei for the display of sexual behavior (Choi et al., 2005; Will et al., 2014).

In conclusion, adult males submitted to long-term GDX have a significant reduction in the density and shape of proximal dendritic spines in the MePD compared to control animals. Castration induce a remodeling of differently shaped spines, decreasing thin, mushroom-like, and ramified spines and increasing stubby/wide spines with basically the same results in the right and left hemispheres. These data are important for the neuronal structural modulation made by sex steroids in the social behavior network in the adult male brain.

3.2.6 Acknowldegements

Authors are thankful to those colleagues from the Center of Microscopy (Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil) for their technical support. ADO has a postdoctoral grant from Brazilian granting agency CNPq and AARF is a CNPq researcher.

3.2.7 Conflict of Interest

Authors declare no actual or potential conflict of interest for the present work.

3.2.8 References

[1] Arellano JI, Benavides-Piccione R, Defelipe J, Yuste R. 2007. Ultrastructure of dendritic spines: correlation between synaptic and spine morphologies. Front Neurosci 1:131-143.

[2] Arpini M, Menezes IC, Dall'Oglio A, Rasia-Filho AA. 2010. The density of Golgi-impregnated dendritic spines from adult rat posterodorsal medial amygdala neurons displays no evidence of hemispheric or dorsal/ventral differences. Neurosci Lett 469:209-213.

[3] Baum MJ, Bakker J. 2013. Roles of sex and gonadal steroids in mammalian pheromonal communication. Front Neuroendocrinol 34:268-284.

[4] Becker RO, Lazzari VM, Menezes IC, Morris M, Rigatto K, Lucion AB, Rasia-Filho AA, Giovenardi M. 2013. Sexual behavior and dendritic spine density of posterodorsal medial amygdala neurons in oxytocin knockout female mice. Behav Brain Res 256:95-100.

[5] Blake, CB Meredith M. 2011. Change in number and activation of androgen receptor-immunoreactive cells in the medial amygdala in response to chemosensory input. Neuroscience 2011, 190: 228- 238.

[6] Bian X, Yanagawa Y, Chen WR, Luo M. 2008. Cortical-like functional organization of the pheromone-processing circuits in the medial amygdala. J Neurophysiol 99:77-86.

[7] Bourne JN, Harris KM. Do thin spines learn to be mushroom spines that remember? 2007. Curr Op Neurobiol 17:381-386.

[8] Brusco J, Dall'Oglio A, Rocha LB, Rossi MA, Moreira JE, Rasia-Filho AA. 2010. Descriptive findings on the morphology of dendritic spines in the rat medial amygdala. Neurosci Lett 483:152-156.

[9] Brusco J, Merlo S, Ikeda ÉT, Petralia RS, Kachar B, Rasia-Filho AA, Moreira JE. 2014. Inhibitory and multisynaptic spines and hemispherical synaptic specialization in the posterodorsal medial amygdala of male and female rats. J Comp Neurol 522:2075-2088.

[10] Bupesh M, Legaz I, Abellán A, Medina L. 2011. Multiple telencephalic and extratelencephalic embryonic domains contribute neurons to the medial extended amygdala. J Comp Neurol 519:1505-1525

[11] Canteras NS, Simerly RB, Swanson LW. 1995. Organization of projections from the medial nucleus of the amygdala: a PHAL study in the rat. J Comp Neurol 360:213-245.

[12] Carney RS, Mangin JM, Hayes L, Mansfield K, Sousa VH, Fishell G, Machold RP, Ahn S, Gallo V, Corbin JG. 2010. Sonic hedgehog expressing and responding cells generate neuronal diversity in the medial amygdala. Neural Dev 5:14.

[13] Carrillo B, Pinos H, Guillamón A, Panzica G, Collado P. 2007. Morphometrical and neurochemical changes in the anteroventral subdivision of the rat medial amygdala during estrous cycle. Brain Res 1150:83–93.

[14] Cavalcante JC, Sita LV, Mascaro MB, Bittencourt JC, Elias CF. 2006. Distribution of urocortin 3 neurons innervating the ventral premammillary nucleus in the rat brain. Brain Res 1089:116-125.

[15] Cavalcante JC, Bittencourt JC, Elias CF. 2014. Distribution of the neuronal inputs to the ventral premammillary nucleus of male and female rats. Brain Res 1582:77-90.

[16] Cooke BM, Woolley CS. 2009. Effects of prepubertal gonadectomy on a male-typical behavior and excitatory synaptic transmission in the amygdala. Dev Neurobiol 69:141-152.

[17] Coolen LM, Peters HJ, Veening JG. 1997. Distribution of Fos immunoreactivity following mating versus anogenital investigation in the male rat brain. Neuroscience 77:1151-1161.

[18] Coolen LM, Wood RI. 1999. Testosterone stimulation of the medial preoptic area and medial amygdala in the control of male hamster sexual behavior: redundancy without amplification. Behav Brain Res 98:143-153.

[19] Choi GB, Dong HW, Murphy AJ, Valenzuela DM, Yancopoulos GD, Swanson LW, Anderson, DJ. 2005. Lhx6 delineates a pathway mediating innate reproductive behaviors from the amygdala to the hypothalamus. Neuron 46: 647–660.

[20] Choleris E, Clipperton-Allen AE, Phan A, Kavaliers M. 2009. Neuroendocrinology of social information processing in rats and mice. Front Neuroendocrinol 30:442-459.

[21] Cunningham RL, Clairborne BJ, McGinnis MY. 2007. Pubertal exposure to anabolic androgenic steroids increases spine densities on neurons in the limbic system of male rats. Neuroscience 150: 609-615.

[22] Dall'Oglio A, Gehlen G, Achaval M, Rasia- Filho AA. 2008a. Dendritic branching features of posterodorsal medial amygdala neurons of adult male and female rats: further data based on the Golgi method. Neurosci Lett. 430: 151-56.

[23] Dall'Oglio A, Gehlen G, Achaval M, Rasia-Filho AA. 2008b. Dendritic branching features of Golgi-impregnated neurons from the "ventral" medial amygdala subnuclei of adult male and female rats. Neurosci Lett 439: 287-292

[24] Dass SAH, Vyas A. 2014. Copulation or sensory cues from the female augment Fos expression in arginine vasopressin neurons of the posterodorsal medial amygdala of male rats. Front Zool 11:42.

[25] de Castilhos J, Marcuzzo S, Forti CD, Frey RM, Stein D, Achaval M, Rasia-Filho AA. 2006. Further studies on the rat posterodorsal medial amygdala: dendritic spine density and effect of 8-OH-DPAT microinjection on male sexual behavior. Brain Res Bull 69:131-139.

[26] de Castilhos J, Forti CD, Achaval M, Rasia-Filho AA. 2008. Dendritic spine density of posterodorsal medial amygdala neurons can be affected by gonadectomy and sex steroid manipulations in adult rats: a Golgi study. Brain Res 1240:73-81.

[27] De Olmos J, Beltramino CA, Alheid GF. 2004. Amydala and extended amydala of the rat: cytoarchitectonical, fibroarchitectonical and chemoarchitectonical survey. The Rat Nervous System. Amsterdam. Elsevier Academic Press 1:509-603.

[28] Dielenberg RA, McGregor IS. 2001. Defensive behavior in rats towards predatory odors: a review. Neurosci Biobehav Rev 25:597-609.

[29] Dominguez JM, Hull EM. 2001. Stimulation of the medial amygdala enhances medial preoptic dopamine release: implications for male rat sexual behavior. Brain Res 917:225-229.

[30] DonCarlos LL, Sarkey S, Lorenz B, Azcoitia I, Garcia-Ovejero D, Huppenbauer C. 2006. Novel cellular phenotypes and subcellular sites for androgen action in the forebrain. Neuroscience 138:801-807.

[31] Ferguson JN, Aldag JM, Insel TR, Young LJ. 2001. Oxytocin in the medial amygdala is essential for social recognition in the mouse. J Neurosci 21:8278-8285.

[32] Fiala JC, Harris KM. Dendritic structure. 1999. In: Stuart G, Spruston N, Häusser M. Dendrites. New York: Oxford University Press. p 1-34.

[33] Gréco B, Edwards DA, Michael RP, Clancy AN. 1996. Androgen receptor immunoreactivity and mating-induced Fos expression in forebrain and midbrain structures in the male rat. Neuroscience 75:161-171.

[34] Gréco B, Edwards DA, Zumpe D, Michael RP, Clancy AN, 1998. Fos induced by mating or noncontact sociosexual interaction is colocalized with androgen receptors in neurons within the forebrain, midbrain, and lumbosacral spinal cord of male rats. Horm Behav 33: 125–138.

[35] Gréco B, Blasberg ME, Kosinski EC, Blaustein JD. 2003. Response of ERα-IR nad ERβ-IR cells in the forebrain of female rats to mating stimuli. Horm Behav 43: 444–453.

[36] Harris KM, Jensen FE, Tsao B. 1992. Three-dimensional structure of dendritic spines and synapses in rathippocampu at postnatal day 15 and adult ages: Implications for the maturation of synapticphysiology and long-term potentiation. J Neurosci 12:2687-2705.

[37] Hermel EE, Ilha J, Xavier LL, Rasia-Filho AA, Achaval M. 2006a. Influence of sex and estrous cycle, but not laterality, on the neuronal somatic volume of the posterodorsal medial amygdala of rats. Neurosci Lett 405:153-158.

[38] Jacobs B, Driscoll, L, Schall M. 1997. Life-span dendritic and spine changes in areas 10 and 18 of human cortex: a quantitative Golgi study. J Comp Neurol. 386, 661–680.

[39] Kasai H, Matsuzaki M, Noguchi J, Yasumatsu N, Nakahara H. 2003. Sructure-stability-function relationships of dendritic spines. Trends Neurosci 26:360-368.

[40] Kasai H, Fukuda M, Watanabe S, Hayashi-Takagi A, Noguchi J. 2010. Structural dynamics of dendritic spines in memory and cognition. Trends Neurosci 33:121-129.

[41] Kondo Y. 1992. Lesions of the medial amygdala produce severe impairment of copulatory behavior in sexually inexperienced male rats. Physiol Behav 51:939-943.

[42] Kow LM, Pfaff DW. 1998. Mapping of neural and signal transduction pathways for lordosis in the search for estrogen actions on the central nervous system. Behav Brain Res 92:169-180.

[43] Lazzari VM, Becker RO, Azevedo MS, Morris M, Rigatto K, Almeida S, Lucion AB, Giovenardi M. 2013. Oxytocin modulates social interaction but is not essential for sexual behavior in male mice. Behav Brain Res 244:130-136.

[44] Lee HJ, Macbeth AH, Pagani JH, Young III WS. 2009. Oxytocin: the great facilitator of life. Prog Neurobiol 88:127-151.

[45] Malsbury CW, McKay K. 1994. Neurotrophic effects of testosterone on the medial nucleus of the amygdala in adult male rats. J Neuroendocrinol 6:57–69.

[46] Marcuzzo S, Dall'Oglio A, Ribeiro MF, Achaval M, RasiaFilho AA. 2007. Dendritic spines in the posterodorsal medial amygdala after restraint stress and ageing in rats. Neurosci Lett 424: 16-21.

[47] Meisel RL, Sachs BS. Physiology of male sexual behavior. In: Knobil E, Neill ID. The physiology of reproduction, New York: Raven. 1994. p. 3-105.

[48] Meredith M, Westberry JM. 2004. Distinctive responses in the medial amygdala to same-species and different-species pheromones. J Neurosci. 24:5719– 5725.

[40] Neumann ID. 2008. Brain oxytocin: a key regulator of emotional and social behaviours in both females and males. J Endocrinol 20:858-865.

[50] Newman SW. 1999. The medial extended amygdala in male reproductive behavior. A node in the mammalian social behavior network. Ann NY Acad Sci 877:242-257.

[51] Niimi K, Horie S, Yokosuka M, Kawakami-Mori F, Tanaka K, Fukayama H, Sahara Y. 2012 Heterogeneous electrophysiological and morphological properties of neurons in the mouse medialamygdala in vitro. Brain Res 1480:41-52.

[52] Nimchinsky EA, Sabatini BL, Svoboda K. 2002. Structure and function of dendritic spines. Annu Rev Physiol 64:313–353.

[53] Nishizuka M, Arai Y. 1983. Male-female differences in the intraamygdaloid input to the medial amygdala. Exp Brain Res 52:328–332.

[54] Nuriya M, Jiang J, Nemet B, Eisenthal KB, Yuste R. 2006. Imaging membrane potential in dendritic spines. Proc Natl Acad Sci U S A 103:786-790.

[55] Peters A, Kaiserman-Abramof IR. 1970. The small pyramidal neuron of the rat cerebral cortex. The perikaryon, dendrites and spines. Am J Anat 127: 321-356.

[56] Petrovich GD, Canteras NS, Swanson LW. 2001. Combinatorial amygdalar inputs to hippocampal domains and hypothalamic behavior systems. Brain Res Brain Res Rev 38:247-289.

[57] Petrulis A. 2013. Chemosignals, hormones and mammalian reproduction. Horm Behav 63:723–741.

[58] Phillips-Farfán BV, Fernández-Guasti A. 2007. c-Fos expression related to sexual satiety in the male rat forebrain. Physiol Behav 91:609-619.

[59] Phillips-Farfán BV, Lemus AE, Fernández-Guasti E. 2007. Increased estrogen receptor alpha immunoreactivity in the forebrain of sexually satiated rats. Horm Behav 51:328– 334.

[60] Quagliotto E, Casali KR, Dal Lago P, Rasia-Filho AA. 2014. Neuropeptides in the posterodorsal medial amygdala modulate central cardiovascular reflex responses in awake male rats. Braz J Med Biol Res 12:1-14.

[61] Rasia-Filho AA, Peres TM, Cubilla-Gutierrez FH, Lucion AB. 1991. Effect of estradiol implanted in the corticomedial amygdala on the sexual behavior of castrated male rats. Braz J Med Biol Res 24:1041-1049.

[62] Rasia-Filho AA, Lucion AB. 1996. Effects of 8-OH-DPAT on sexual behavior of male rats castrated at different ages. Horm Behav 30:251–258.

[63] Rasia-Filho AA, Fabian C, Rigoti K, Achaval M. 2004. Influence of sex, estrous cycle and motherhood in dendritic spine density in the rat medial amygdala revealed by the Golgi method. Neuroscience 126:839-847.

[64] Rasia- Filho AA, Brusco J, Rocha L, Moreira J. 2010. Dendritic spines observed by extracellular DiI dye and immunolabeling under confocal microscopy. Nature Protocols/Protocol Exchange doi:10.1038/nprot.2010.153.

[65] Rasia-Filho, AA, Dalpian F, Menezes, IC, Brusco J, Moreira JE, Cohen RS. 2012a. Dendritic spines of the medial amygdala: plasticity, density, shape, and subcellular modulation by sex steroids. Histol Histopathol 8:985-1011.

[66] Rasia-Filho AA, Haas D, de Oliveira AP, de Castilhos J, Frey R, Stein D, Giovenardi M. 2012b. Morphological and functional features of the sex steroid-responsive posterodorsal medial amygdala of adult rats. Mini Rev Med Chem 12:1090-1106.

[67] Russell JA, Leng G, Douglas AJ. 2003. The magnocellular oxytocin system, the fount of maternity: adaptations in pregnancy. Front Neuroendocrinol 24:27-61.

[68] Sarkey S, Azcoitia I, Garcia-Segura LM, Garcia-Ovejero D, DonCarlos LL. 2008. Classical androgen receptors in non-classical sites in the brain. Horm Behav 53:753-64.

[69] Segal M. 2005 Dendritic spines and long-term plasticity. Nature Rev. Neurosci 6: 277-284.

[70] Segal M. 2010. Dendritic spines, synaptic plasticity and neuronal survival: activity shapes dendritic spines to enhance neuronal viability. Eur J Neurosci 31:2178-2184.

[71] Scalia F, Winans SS. 1975. The differential projections of the olfactory bulb and accessory olfactory bulb in mammals. J Comp Neurol 161:31-55.

[72] Sheridan PJ. 1979. The nucleus interstitialis stria terminalis and the nucleus amygdaloideus medialis: Prime targets for androgen in the rat forebrain. Endocrinol 104:130-136.

[73] Simerly RB, Chang C, Muramatsu M, Swanson LW. 1990 Distribution of androgen and estrogen receptor mRNA-containing cells in the rat brain: An in situ hybridization study. J Comp Neurol 294:76–95.

[74] Simerly RB. 2004. Anatomical substrates of hypothalamic integration. In: The Rat Nervous System. Paxinos, G Ed. Academic Press: San Diego. p 335–368

[75] Simmons DA, Yahr P. 2003. GABA and glutamate in mating-activated cells in the preoptic area and medial amygdala of male gerbils. J Comp Neurol 459:290-300.

[76] Smock T, Arnold S, Albeck D, Emerson P, Garritano J, Burrows K, Derber W, Sanson C, Marrs K, Weatherly H, et al. 1992. A peptidergic circuit for reproductive behavior. Brain Res 598:138-142.

[77] Spruston N, Häusser M, Stuart G. Information processing in dendrites and spines. 2013 In: Squire LR, Berg D, Bloom FE et al. Fundamental Neuroscience. Academic Press, Waltham, p 231-260.

[78] Stark CH. 2005. Behavioral effects of stimulation of the medial amygdala in the male rat are modified by prior sexual experience. J. Gen. Psychol 132:207–224.

[79] Stark CP, Alpern HP, Fuhrer J, Trowbridge MG, Wimbish H, Smock T. 1998. The medial amygdaloid nucleus modifies social behavior in male rats. Physiol Behav 63:253-9.

[80] Stuart G, Sprutson N, Häusser M. 1999. Dendrites. Oxford University Press: New York.

[81] Takagi K, Kawashima S. 1993. Culture of rat brain preoptic area neurons: effects of sex steroids. Int J Dev Neurosci 11:63-70.

[82] Tao-Cheng JH, Gallant PE, Brightman MW, Dosemeci A, Reese TS. 2007. Structural changes at synapses after delayed perfusion fixation in different regions of the mouse brain. J Comp Neurol 501:731-740.

[83]Thompson ML, McGill TE, McIntosh SM, Manning A. 1976. Effects of adrenalectomy on the sexual behaviour of castrated and intact BDF1 mice. Anim Behav 24:519-522.

[84] Toni N, Buchs PA, Nikonenko I, Bron CR, Muller D. 1999. LTP promotes formation of multiple spine synapses between a single axon terminal and a dendrite. Nature 402:421-425.

[85] Vasudevan N, Pfaff DW. 2007. Membrane-initiated actions of estrogens in neuroendocrinology: emerging principles. Endocr Ver 28:1-19.

[86] Veening JG, Coolen LM. 2014. Neural mechanism of sexual behavior in the male rat: Emphasis on ejaculation- related circuits. Pharmacol Biochem Behav 121:170–183.

[87] Veinante P, Freund-Mercier MJ. 1997. Distribution of oxytocin- and vasopressin-binding sites in the rat extended amygdala: a histoautoradiographic study. J Comp Neurol 383: 305-325.

[88] Verzi DW, Noris OY. 2009. A compartmental model for activity-dependent dendritic spine branching. Bull Math Biol 71:1048-1072.

[89] Yuste R. 2013. Electrical Compartmentalization in dendritic spines. Annu Rev Neurosci 36:429-49

[90] Will RG, Hull EM, Dominguez JM. 2014. Influence of dopamine and glutamate in the medial preoptic area on male sexual behavior. Pharmacol Biochem Behav 121: 115-123.

[91] Wood R. 1996. Estradiol, but not dihydrotestosterone, in the medial amygdala facilitates male hamster sex behavior. Physiol Behav 59: 833-841.

3.2.9 Legends

Figure 1. Schematic diagram of the ventral aspect of a coronal brain section showing the posterodorsal medial amygdala (MePD; at – 3.3 mm posterior to the bregma) lateral to the optic tract (opt) and ventral to the stria terminalis (st) in rats. Adapted from Paxinos and Watson (2008).

Figure 2. Digitized fluorescent images of spiny neurons labeled with DiI reconstructed by confocal microscopy. Proximal dendritic branches showed pleomorphic spines in the posterodorsal medial amygdala of intact, sham operated or long-term castrated (GDX) adult male rats. Corresponding samples with higher magnification in the left. Note the reduction in the density of dendritic spines, but the predominance of spines with a stubby/wide shape in GDX males compared to controls. Spines were classified as thin (t), stubby (s), wide (w), mushroom-like (m), ramified (r) or atypical (a). Scale bar = 10 μm for left images and 2 μm for the higher magnification ones at the right μm.

Figure 3. Values (mean and standat deviation) of **(A)** the density of dendritic spine in the posterodorsal medial amygdala (MePD) of intact (n= 6), sham operated (n= 4), or long-term castrated (n= 5) adult male rats. *p< 0.05 compared to intact male data (ANOVA test followed by Bonferroni test). The density of differently shaped dendritic spine was significantly different in the right **(B)** and **(C)** left MePD of GDX males, with both reduction and increased in this values, depending on the morphology of the spine. See text fot details. **p<0.01 and *p<0.05 compared to control data (ANOVA test and Tukey post hoc tes).

Figure 1

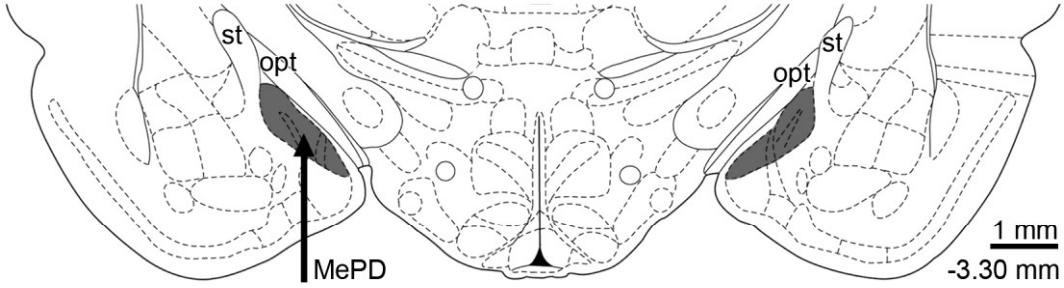


Figure 2

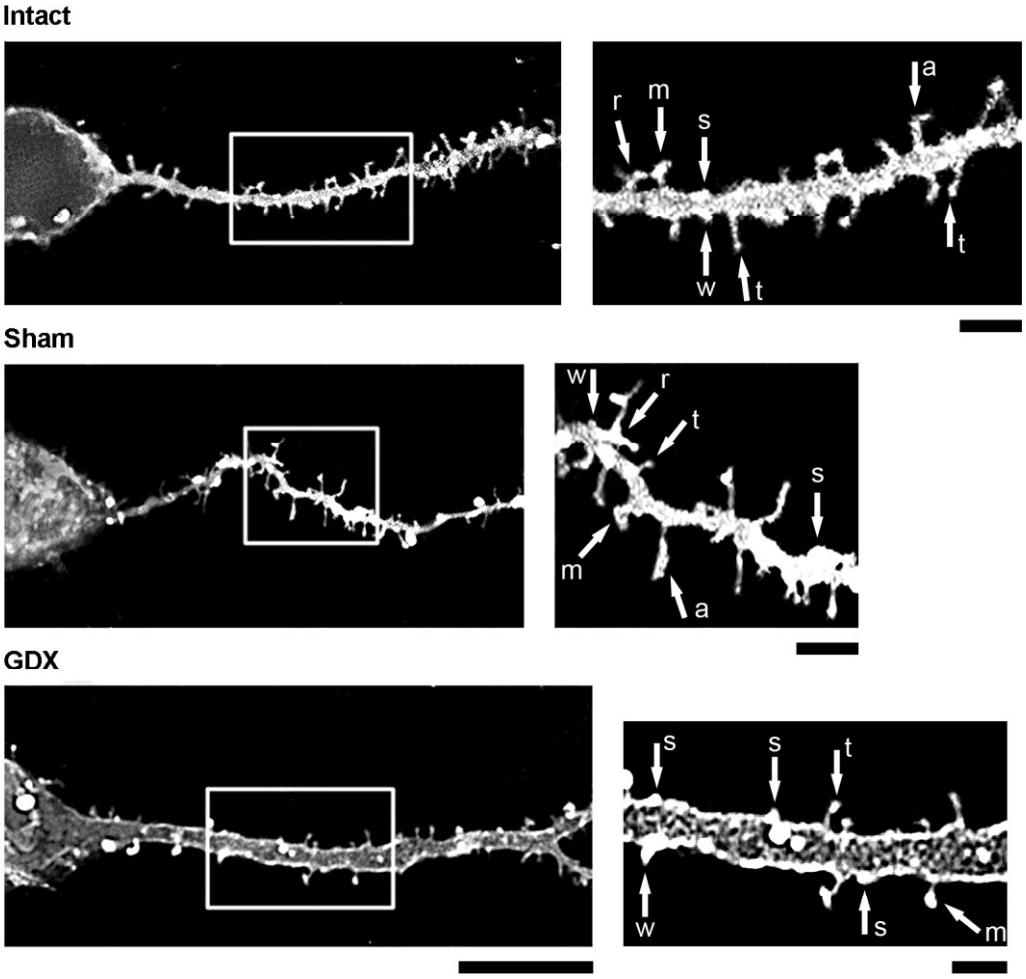
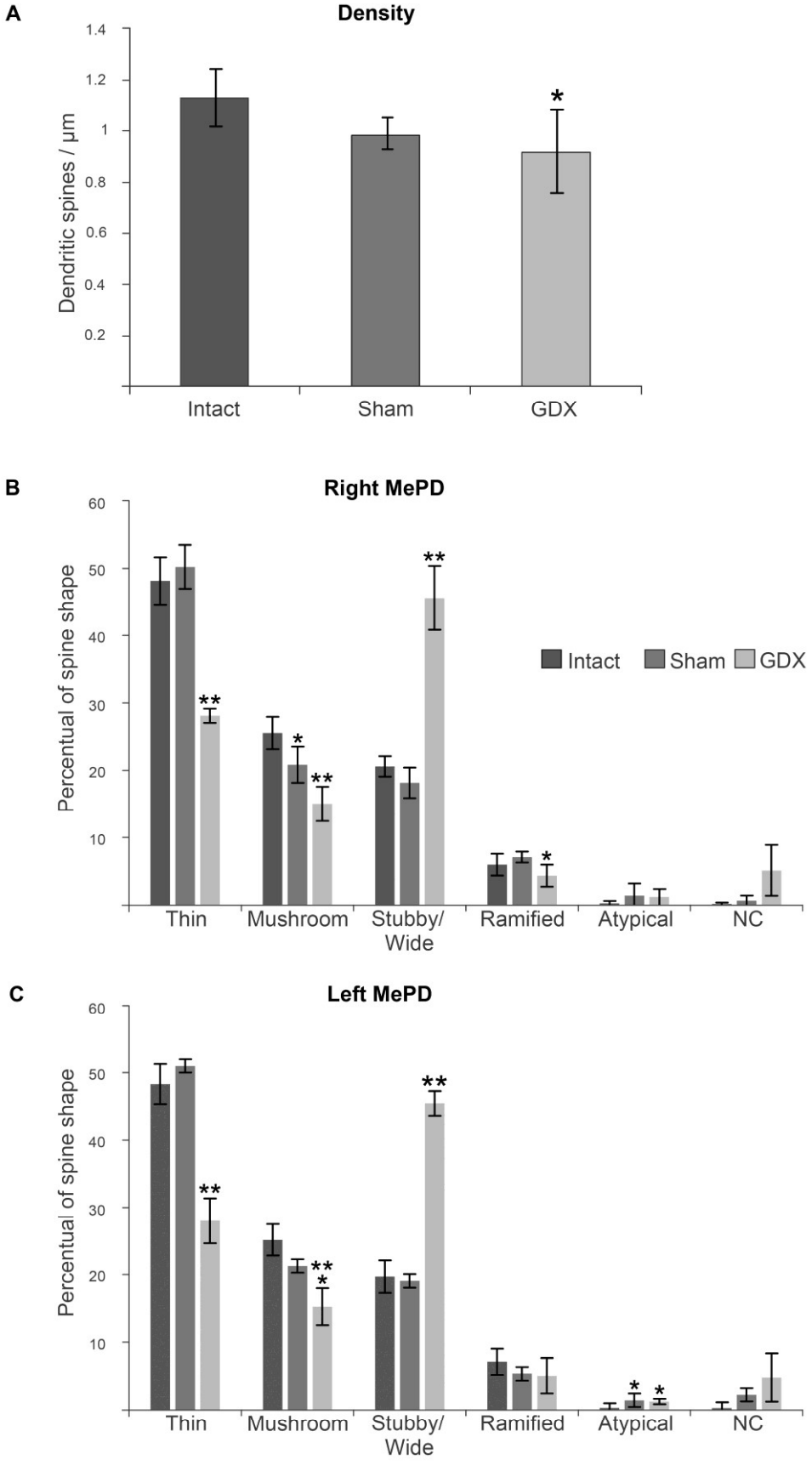


Figure 3


A
Density
Dendritic spines / µm
1.4
1.2
1
0.8
0.6
0.4
0.2
*
Intact
Sham
GDX
B
Right MePD
Percentual of spine shape
60
50
40
30
20
10
Intact
Sham
GDX
**
*
**
**
*
Thin
Mushroom
Stubby/ Wide
Ramified
Atypical
NC
C
Left MePD
Percentual of spine shape
60
50
40
30
20
10
**
**
*
*
*
Thin
Mushroom
Stubby/ Wide
Ramified
Atypical
NC

4 Conclusões

Os dados da microscopia eletrônica revelaram que a membrana somática do MePD dos ratos é, em sua maior parte, coberta por processos gliais, e possui um percentual relativamente alto de processos axonais em contato com o corpo celular neuronal. Não houve diferença estatisticamente significativa entre machos e fêmeas ao longo do ciclo estral nesses parâmetros no MePD. Não obstante, ocorreu uma maior densidade de espinhos somáticos em fêmeas na fase final do proestro em comparação com fêmeas em estro. Tais espinhos somáticos apresentaram-se com formas mais variáveis durante o proestro, indicando uma plasticidade no processamento sináptico do MePD de ratas coincidente com os momentos de secreção neuroendócrina e emissão de comportamentos relacionados com a reprodução.

Os dados da microscopia confocal mostraram que a castração foi capaz de reduzir a densidade de espinhos dendríticos proximais nos neurônios do MePD de ambos os hemisférios cerebrais em ratos adultos. Ademais, a remoção dos testículos e queda da ação androgênica induziu o remodelamento da morfologia dos diferentes tipos de espinhos locais, com diminuição de espinhos dendríticos dos tipos fino e cogumelo, e notável aumento dos espinhos dendrítcos dos tipos achatado e largo, quando comparados aos grupos controle. Os espinhos do tipo ramificado tiveram sua densidade diminuída no MePD direita do grupo castrado.

Em conjunto, esses dados experimentais contribuem de forma inédita para avanço do entendimento da plasticidade morfológica e das possíveis implicações funcionais do MePD em ratos, machos e fêmeas ao longo do ciclo ovulatório, na modulação de comportamento reprodutivo dependente da ação contínua ou da secreção cíclica e dinâmica dos hormônios gonadais em circulação.

5 Perspectivas

Visando dar continuidade a estes achados e estudar novos aspectos do dimorfismo sexual é interessante que sejam feitos estudos onde se relacione a presença e ação locais do fator neurotrófico derivado do encéfalo (BDNF), da molécula de adesão celular neuronal (NCAM) e do receptor do fator de crescimento semelhante à insulina (IGF-1) na plasticidade numérica e na forma de espinhos dendríticos. Dados na literatura apontam para isso, sem que existam dados para o MePD, haja vista que esses fatores estão intimamente relacionados com a densidade de espinhos dendríticos[123], eventos subcelulares mediados por hormônios gonadais[5,6] e remodelamento da morfologia neuronal[124]. Técnicas de imunohistoquímica e *Western blot* deverão ser utilizadas para tanto, comparando-se machos e fêmeas ao longo do ciclo estral e quantificando os dados de imunohistoquímica regional e celular por densitometria óptica. Isso já faz parte de projeto de doutorado a ser desenvolvido em nosso meio, com projeto aprovado pelo CEUA-UFCSPA.

6 Referências Bibliográfica

[1] Alheid GF, Olmos JS, Beltramino CA. Amygdala and extended amygdala. In: Paxinos G. The Rat Nervous System. San Diego: Academic Press. 1995. p. 495-498.

[2] de Olmos JS, Beltramino CA, Alheid GF. Amygdala and extended amygdala of the rat: a cytoarchitectonical, fibroaschitecnonical and chemoarchitectonical survey. In: Paxinos G. The Rat Nervous System. Amsterdam: Elsevier Academic Press. 2004. p. 509- 603.

[3] Rasia-Filho AA, Hilbig A. Papel da amígdala e do hipocampo no transtorno do estresse pós-traumático. In: CAMINHA R. Transtornos do estresse póstraumático. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005. p. 37-53.

[4] de Olmos JS, Heimer RL. The concepts of ventral striatopallidal system and extended amygdala. Annals of the New York Academy of Science. 1999; 887: 1-32.

[5] Rasia-Filho, AA, Dalpian F, Menezes, IC, Brusco J, Moreira JE, Cohen RS. Dendritic spines of the medial amygdala: plasticity, density, shape, and subcellular modulation by sex steroids. Histol Histopathol. 2012a; 8: 985-1011.

[6] Rasia-Filho AA, Haas D, de Oliveira AP, de Castilhos J, Frey R, Stein D, Giovenardi M. Morphological and functional features of the sex steroid-responsive posterodorsal medial amygdala of adult rats. Mini Rev Med Chem.2012b;12 (11): 1090-106.

[7] Swanson LM, Petrovich, GD. What is the amygdala? Trends Neurosci. 1998; 21: 323- 31.

[8] Kamal AM, Tömöl T. Golgi studies on the amygdaloid nucleio of the cat. J Hirnforschung. 1975; 16: 175- 201.

[9] de Olmos JS, Alheid GF, Beltramino CA. Amygdala. In: Paxinos G. The Rat Nervous System, Australia.1985. p. 223- 34.

[10] Rasia- Filho AA, Londero RG, Achaval M. Funcional activities of the amygdala: na overview. J Psychiatry Neurosci. 2000; 25 (1): 14- 23.

[11] Rasia- Filho AA, Brusco J, Moreira JE. Spine plasticity in the rat medial amygdala. In: Dendritic spines: Biochemistry, Modeling and Properties. Louis, R. Baylog, 2009.

[12] Petrovich GD. Forebrain networks and the control of feeding by environmental learned cues. Physiol Behav. 2013; 21.

[13] Petrovich GD, Canteras NS, Swanson LW. Combinatorial amygdalar inputs to hippocampal domains and hypotalamic behavior system. Brain Res Rev. 2001; 38: 247-89.

[14] Aizawa H, Sato Y, Maekawa M, Fujisawa H, Hirata T Yuasa S. Development of the amygdalohypotalamic projection in the mouse embrionic forebrain. Anatomy and Embriology. 2004: 249-264.

[15] Kling KS, Brothers LA. The amygdala and social behavior. In: Aggleton JP. The Amygdala. New York: Wiley- Liss, 1992. p. 353- 77.

[16] LeDoux JE. Emotion and amygdala. In: Aggleton JP. The Amygdala. New York: Wiley- Liss. 1992. p. 339- 52.

[17] Davis M. The role of the amygdala in conditioned fear. In: Aggleton JP. The Amygdala. New York: Wiley- Liss. 2000. p. 255- 306.

[18] Cádiz- Moretti B, Otero- Garcia M, Martinez- Garcia F, Lanuza E. Afferent projections to the different medial amygdala subdivisions: a retrograde tracing study in the mouse. Brain Struct Funct. 2014; published online.

[19] Rasia- Filho AA, Peres TN, Cubilla- Gutierrez FH, Lucion AB. Effect of estradiol implanted in the corticomedial amygdala on the sexual behavior of castrated male rats. Braz J Med Biol Res. 1991; 24: 1041- 49.

[20] Rasia- Filho AA, Fabian C, Rigotti KM, Achaval M. Influence of sex, estrous cycle and motherhood on dendritic spine density in the rat medial amygdala revealed by Golgi method. Neurosci. 2004; 126: 839-47.

[21] Wood RL, Newman SW. Hormonal influence on neurons of the mating behavior pathway in male hamster. In: MICIVYCH, P. E.; HAMMER Jr, R. P. Neurobiological Effects of Sex Steroid Hormones. New York: Cambridge,1995; 3- 39.

[22] Pitkanen A. Conectivity of the rat amygdaloid complex. In: Aggleton JP. The Amygdala. New York: Wiley- Press. 2000. 31-115.

[23] de Castilhos J, Marcuzzo S, Forti CD, Frey RM, Stein D, Achaval M, Rasia-Filho AA. Further studies on the rat posterodorsal medial amygdala: Dendritic spine density and effect of 8-OH-DPAT microinjection on male sexual behavior. Brain Res Bull. 2006; 69 (2): 131-39.

[24] Hines M, Allen LS, Gorski RA. Sex differences in subregions of the medial nucleus of the amygdala and the bed nucleus of stria terminalis of the rat. Brains Res. 1992; 579: 321- 26.

[25] Malsbury CW, McKay, K. Neurotrophic effects of testosterona on the medial nucleus of the amygdala in adult male rats. J Neuroendrocrinol. 1994; 6 (1): 57-69.

[26] Mizukami S, Nishizuka M, Arai Y. Sexual difference in nuclear volume and ist ontogeny in the rat amygdala. Exp Neurol. 1983; 79: 569-75.

[27] De Lormea CK, Schulza MK, Salas-Ramirez KY, Siska LC. Pubertal testosterone organizes regional volume and neuronal number within the medial amygdala of adult male Syrian hamsters. Brain Res. 2012. 1460: 33-40.

[28] Gomez DM, Newman SW. Medial nucleus of the amygdala in Syriam hamster: A quantitative Golgi analiysis of gonadal hormones regulation of neuronal morphology. Anat Rec. 1991; 231: 498-509.

[29] Rasia- Filho AA, Londero RG, Achaval M. Effects of gonadal hormones on the morphology of neurons from the medial amygdaloid nucleus of rats. Brain Res Bull. 1999; 48 (2): 73-83.

[30] He F, Wu R, Yu P. Study of Fos, androgen receptor and testosterone expression in the sub-regions of medial amygdala, bed nucleus of stria terminalis and medial preoptic area in male Mandarin voles in response to chemosensory stimulation. Behav Brains Res. 2014; 258: 65-74.

[31] Simerly RB, Chang C, Muramatsu M, Swanson LM. Distribuition of androgen and estrogen receptor mRNA containing cells in the rat brain: na in situ hybridization study. J Comp Neurol. 1990; 294:76-95.

[32] Li X, Schawartz PE, Rissmon EF. Distribuition of estrogen receptor- β- like imunoreactivity ir rat forebrain. Neuroendodrinol. 1997; 66 (2): 63- 67.

[33] Cooke BM, Wooley CS. Effects of prepubertal gonadectomy on a male-typical behavior and excitatory synaptic transmission in the amygdala. Dev Neurobiol. 2009; 69 (2-3): 141-52

[34] Arai Y, Matsumoto A. Synapse formation on the hypothalamic arcuate nucleus during post- natal development in the female rats and its modification by neonatal estrogen treatment. Psychoneuroendocrinol. 1978; 3 (1): 31-45.

[35] Frankfurt M, Gould E, Wooley C, McEwen BS. Gonadal steroids modify dendritic spine density in ventromedial hyphotalamic neurons: a Golgi study in the adult rat. Neuroendocrinol. 1990; 22 (5): 530-35.

[36] Silva I, Mello LE, Freymüller E, Haidar MA, Bacarat EC. Estrogen, progestogen and tamoxifen increase synaptic density of the hipocampus of ovariectomized rats. Neurosci Lett. 2000; 291:183- 86.

[37] Wooley C, Gould E, McEwen BS. Exposure to excesso glucocorticoids alters dendritic morphology of adult hippocampal pyramidal neurons. Brain Res.1990; 531: p 225- 31.

[38] Wooley C, McEwen BS. Roles of estradiol and progesterone in regulation of hippocampal dendritic spine density during the estrous cycle in the rat. J Comp Neurol.,1993; 336: 293- 306.

[39] Paxinos G, Watson C. The Rat Brain in Stereotaxic Coordinates. San Diego, Academic Press. 1998.

[40] Dall'Oglio A, Gehlen G, Achaval M, Rasia- Filho AA. Dendritic branching features of posterodorsal medial amygdala neurons of adult male and female rats: further data based on the Golgi method. Neurosci Lett. 2008a; 430 (2): 151-56.

[41] Dall'Oglio A, Gehlen G, Achaval M, Rasia- Filho AA. Dendritic branching features of Golgi-impregnated neurons from the "ventral" medial amygdala subnuclei of adult male and female rats. Neurosci Lett. 2008b; 439 (3): 287-92.

[42] Pro- Sistiaga P, Mohedano- Moriano A, Ubeda- Bañonn I, Del Mar Arroyo - Jimenez M, Marcos P, Artacho- Pérula E, Crespo C, Insausti R, Martinez- Marcos A. Convergence of olfatory and vomeronasal projections in the rat basal telencephalon. J Comp Neurol. 2007; 1 (504): 346-62.

[43] Bayer SA. Quantitative 3H-thymidine radiographic analyses of neurogenesis in the rat amygdala. J Comp Neurol. 1980; 194 (4): 845-75.

[44] Sheridan PJ. The nucleus intersticialis stria terminalis and the nucleus amygdaloideus medialis: prime targets for androgen in the rat forebrain. Endocrinology. 1979;104(1): 130-36.

[45] Cooke BM, BreedloveSM, Jordan, CL. Both estrogen receptors and androgen receptors contribute to testosterone-induced changes in the morphology of the medial amygdala and sexual arousal in male rats. Horm Behav. 2003; 43 (2): 336-46.

[46] Gréco B, Blasberg ME, Kosinski EC, Blaunstein JD. Response of ERα- IR and ERβ- IR cells in the forebrain of female rats to mating stimuli. Hormone Behavior. 2003; 43: 444-53.

[47] Blake CB, Meredith M. Change in number and activation of androgen receptor-immunoreactive cells in the medialamygdala in response to chemosensory input. Neuroscience. 2011; 190:228-38.

[48] Wagner CK, Morrel JI. Distribuition and steroid hormone regulation of aromatase mRNA expression in the forebrain of adult male and females rats: A cellular level analysis using in situ hybridization. J Comp Neurol. 1996; 370: 71-84.

[49] Voigt C, Gahr M, Leitner S, Lutermann H, Bennett N. Breeding status and social environment differentially affect the expression of sex steroid receptor and aromatase mRNA in the brain of female Damaraland mole-rats. Front Zool. 2014; 11:38

[50] Gréco B, Edwards DA, Michael RP, Clancy NA. Androgen receptors and estrogen receptors are colocalized in male rat hypotalamic and limbic neurons that express Fos imunoreactivity induced by mating. Neuroendocrinol. 1998; 142 (1): 18-28.

[51] Portillo W, Díaz NF, Cabrera EA, Fernández-Guasti A, Paredes RG. Comparative analysis of immunoreactive cells for androgen receptors and oestrogen receptor alpha in copulating and non-copulating male rats. J Neuroendocrinol. 2006; 18(3):168-76.

[52] Österlund M. Differential distribuition and regulation of estrogen receptor –alpha and –beta mRNA within the female rat brain. Mol Brain Res.1998; 54:175-180.

[53] Shughrue PJ, Lane MV, Merchenthaler I. Comparative distribuition of estrogem receptor- α and –β mRNA in the central nervous system. J Comp Neurol. 1997; 338: 507-25.

[54] de Vries GJ, Simerly RB. Anatomy, development and function of sexually dimorphic neural circuits in the mammalian brain. In: Hormones, Brain and Behavior. Pfaff DW, Arnold AP, Etgen AM, Fahrbach SE, Rubin RT. Editores. San Diego: Academic Press. 2002 p. 137-191.

[55] Clipperton-Allen AE, Lee AW, Reyes A, Devidze N, Phan A, Pfaff DW, Choleris E. Oxytocin, vasopressin and estrogen receptor gene expression in relation to social recognition in female mice. Physiol Behav. 2012; 105(4):915-24.

[56] Canteras NS, Simerly RB, Swanson LW. Organization of projections from de medial nucleus of the amygdala: A PHAL study in the rat. J Comp Neurol.1995; 360: 213- 45.

[57] McDonald AJ. Cortical pathway to the mammaliam amygdala. Prog Neurobiol.,1999; 55: 257- 332.

[58] Choi GB, Dong HW, Murphy AJ, Valenzuela DM, Yancopoulos GD, Swanson LW, Anderson DJ. Lhx6 delinates a pathway mediating innate reproductive behaviors from the amygdala to the hypothalamus. Neuron. 2005; 46: 647-60.

[59] Dong HW, Petrovich G, Swanson LW. Topography of projections form amygdale to bed nuclei of stria terminalis. Brain Research, v.38, p. 192- 246, 2001.

[60] Guillamón A, Segovia S. Sex diferences in the vomeronasal system. Brain Reser Bull. 1997; 44: 377- 82.

[61] Dielemberg RA, Hunt GR, McGregor LS. When a Rat Smells a Cat: The distribuition of FOS immunoreactivity in the rat brain following exposure a predatory odor. Neurosci. 2001; 104 (4): 1085- 97.

[62] Meredith M, Westberry JM. Distinctive response in the medial amygdala to same- species and diferente- species pheromones. J Neurosci. 2004; 24: 5719- 25.

[63] Newman SW. The medial extended amygdala in male reproductive behavior. A node in the mammalian social behavior network. Annals of the New York Academy of Science. 1999; 877: 242- 57.

[64] Newman SW. Pheromonal signals acess the medial extended amygdala: one node in a proposed social behavior network. In: Hormones, Brain and Behavior. Pfaff DW, Arnold AP, Etgen AM, Fahrback SE, Rubin RT., editores, San Diego, 2012. p. 17- 31.

[65] Coolen LM, Peters HJPW, Veening JG. Distribuition of Fos immunoreactivity following mating versus anogenital investigationin the male rat brain. Neurosci.1997; 77: 1151- 61.

[66] Seehan TP, Amaral E, Numam MJ, Numam M. Evidence that medial amygdala projects to the anterior/ ventromedial hypotalamic nuclei to inhibit maternal behavior in rats. Neurosci. 2001; 106: 341-56.

[67] Roozendaal B, McGauch JL. Amigdaloid nuclei lesions differentially affect glucocorticoid- induced mamory enhancement in na inhibitory avoidance task. Neurobiol Learn Mem. 1996; 65: 1-8.

[68] Lu VN, Hattori Y, Moriwaki A, Hayashi Y, Hori Y. Inhibition of neurons in the rat medial amygdaloid nucleus in vitro by somatostatin. J Physiol Pharmacol. 1995; 73: 670-74.

[69] Kubo T, Okatani H, Nishigori T, Hagiwara Y, Fukumori R, Goshima Y. Involvement of the medial amygdaloid nucleus in restrait stress- induced pressor responses in rats. Neurosci Lett. 2004; 354: 84-86.

[70] Li C, Maglinao TL, Takahashi LK. Medial amygdala modulation of predator odor-induced unconditioned fear in the rat. Behav Neurosci. 2004; 118 (2): 324-32.

[71] Quagliotto E, Neckel H, Riviero DF, Casali KR, Mostarda C, Irigoyen MC, Dal Lago P, Rasia- Filho AA.. Histamine in the posterodorsal medial amygdala modulates cardiovascular reflex responses inawake rats. Neurosci. 2008; 157 (4): 709-19.

[72] Quagliotto E, Casali KR, Dal Lago P, Rasia-Filho AA. Neurotransmitter and neuropeptidergic modulation of cardiovascular responses evoked by the posterodorsal medial amygdala of adult male rats. In: Yilmazer-Hanke, D. (ed.) Amygdala: Structure, Functions and Disorders. Hauppauge: Nova Science Publisher. 2012.

[73] Neckel H, Quagliotto E, Casali KR, Montano N, Dal Lago P, Rasia-Filho AA. Glutamate and GABA in the medial amygdala induce selective central sympathetic/parasympathetic cardiovascular responses. Can J Physiol Pharmacol. 2012;90 (5): 525-36.

[74] Kondo Y. Lesions of the medial amygdala produce severe impairment of copulatory behavior in sexually inexperience male rats. Physol Behav. 1992; 51: 939-43.

[75] Kondo Y, Arai Y. Functional association between the medial amygdala and the medial preoptic area in regulation of mating behavior in male rat. Physol Behav. 1995; 57: 69-73.

[76] Dominguez JM, Hull EM. Stimulation of medial amygdala enhances medial preoptical dopamine release: implication for male rat sexual behavior. Brain Research. 2001; 917: 225-29.

[77] Meisel RL, Sachs BS. Physiology of male sexual behavior. In: Knobil E, Neill ID. The physiology of reproduction, New York: Raven. 1994. p. 3-105.

[78] Zehr JL, Tood BJ, Schulz KM, McCarthy MM, Sisk CL. Dendritic pruning of the medial amygdala during pubertal development of the male Syriam hamster. Neurobiol.,2006; 44: 578-90, 2006.

[79] Hermel ES, Ilha J, Xavier LL, Rasia- Filho AA, Achaval M. Influence of sex and estrous cycle, but not laterality, on the neuronal somatic volume of the posterodorsal medial amygdala of rats. Neurosci Lett. 2006a; 405: 153-58.

[80]Garcia- Segura LM, Chowen JA, Dueñas M, Torres- Aleman I, Naftolin F. Gonadal steroids as promoters of neuro-glial plasticity. Psychoneuroendocrinol. 1994; 19: 445-53.

[81] Garcia- Segura LM, McCarthy MM. Minireview: Role of glia in neuroendocrine function. Endocrinol. 2004; 145: 1082-6.

[82] Garcia- Segura LM, Torres- Aleman I, Naftolin F. Astrocytic shape and glial fibrillary acid protein immunoreactivity are modified by estradiol in primary rat hypothalamic cultures. Brain Res Dev. 1989; 47(2): 298-302.

[83] Olmos G, Naftolin F, Perez J, Tranque PA, Garcia-Segura LM. Synaptic remodeling in the rat arcuate nucleus during the estrous cycle. Neurosci. 1989; 32: 663-67.

[84] Párducz A, Perez J, Garcia- Segura LM. Estradiol induces plasticity of GABAergic synapses in the hypothalamus. Neurosci. 1993; 53: 395-401.

[85] Martinez FG, Hermel EE, Xavier LL, Viola GG, Riboldi J, Rasia-Filho AA. Gonadal hormone regulation of glial fibrillary acidic protein immunoreactivity in the medial amygdala subnuclei across the estrous cycle and in castrated and treated female rats. Brain Res. 2006; 1108: 117-26.

[86] Rasia- Filho AA, Xavier LL, Santos P, Gehlen G, Achaval M. Glial fibrillary acid protein imunodetection and imunoreactivity in the anterior and in the posterior medial amygdala of male and female rats. Brain Res Bull. 2002; 58: 67-75.

[87] de Castilhos J, Forti CD, Achaval M, Rasia-Filho AA. Dendritic spine density of posterodorsal medial amygdala neurons can be affected by gonadectomy and sex steroid manipulations in adult rats: a Golgi study. Brain Res. 2008. 1240: 73-81.

[88] Arpini M, Menezes IC, Dall'Oglio A, Rasia- Filho AA. The density of Golgi-impregnated dendritic spines from adult rat posterodorsal medial amygdala neurons displays no evidence of hemispheric or dorsal/ventral differences. Neurosci Lett. 2010; 469 (2): 209-13.

[89] Etheel IM, Pasqualle EB. Molecular mechanisms of dendritic spine development and remodeling. Progress in Neurobioly. 2005; 75: 161- 205.

[90] Peters A, Palay SL, Webster HD. Dendrites. Ind: The fine structure of the Nervous System: neurons and their suporting cells, New York: Oxford University Press. 1991; 70-100.

[91] Hayashi Y, Majewska AK. Dendritic spine geometry: functional implication and regulation. Neuron. 2005; 46: 529-32.

[92] Hill TC, Zito K. LTP-induced long-term stabilization of individual nascent dendritic spines. J Neurosci. 2013; 33 (2): 678-86.

[93] Brusco J, Merlo S, Ikeda ÉT, Petralia RS, Kachar B, Rasia-Filho AA, Moreira JE. Inhibitory and multisynaptic spines and hemispherical synaptic specialization in the posterodorsal medial amygdala of male and female rats. J Comp Neurol. 2014; 522:2075-2088.

[94] Larriva-Sahd J. Histological and cytological study of the bed nuclei of the stria terminalis in adult rat. II. Oval nucleus: extrinsic inputs, cell types, neuropil, and neuronal modules. J Comp Neurol. 2006; 497: 772-807.

[95] Nimchinsky EA, Sabatini BL, Svoboda K. Structure and function of dendritic spine. Annual Rewies of Physiology, 2002; 64: 313-53.

[96] Rochefort NL, Konnerth A. Dendritic spines: from structure to in vivo function. EMBO Rep. 2012; 13 (8): 699-708.

[97] Harris KM, Kate SB. Dendritic spine: cellular specialization imparting both stability and flexibility to synaptic function. Annual Review Neuroscience. 1994; 17: 341-71.

[98] Marcuzzo S, Dall'Oglio A, Ribeiro MF, Achaval M, Rasia- Filho AA. Dendritic spine in the posterodorsal medial amygdala after restraint stress and ageing in rats. Neurosci Lett. 2007; 424: 16- 21.

[99] Sheperd GM. The Dendritic Spine: A Multifunctional Integrative Unit. J of Neurophy. 1996; 75 (6): 2197- 210.

[100] Tada T, Sheng M. Molecular mechanisms of dendritic spine morphogenesis. Curr Opin Neurobiol. 2006;16; 1-7.

[101] Yuste R. Dendritic spines and distributed circuits. Neuron. 2011; 71 (5): 772-81.

[102] Alvarez VA, Sabatini BL. Anatomical and physiological plasticity of dendritic spines. Annu Rev Neurosci. 2007; 30: 79-97.

[103] de Vivo L, Landi S, Panniello M, Baroncelli L, Chierzi S, Mariotti L, Spolidoro M, Pizzorusso T, Maffei L, Ratto GM. Extracellular matrix inhibits structural and functional plasticity of dendritic spines in the adult visual cortex. Nat Commun. 2013; 4: 1484.

[104] Bourne J, Harris KM. Do thin spines learn to be mushroom spines that remember? Curr Opin Neurobiol. 2007; 17 (3): 381-86.

[105] Popov VI, Deev AA, Klimenko AO, Kraev IV, Kuz´Minykh SB, Medvedev N, Patrushev IV, Popov RV, Rogachevskii VV, Khutsiyan AS, Stewart MG, Fesenko EE. Three- dimensional reconstruction of synapses and dendritic spines in the rat and ground squirrel hippocampus: new structural- functional paradigms for synaptic function. Neuroscience and Behavior Physiology. 2005; 35 (4).

[106] McKinney RA. Excitatory amino acid involvement in dendritic spine formation, maintenance and remodelling. J Physiol. 2010; 588:107-16.

[107] Arellano JI, Benevides- Piccione R, Defelipe J, Yuste R. Ultrastructure of dendritic spines: correlation between synaptic and spine morphologies. Front Neurosci. 2007; 1 (1): 131-43.

[108] Maggio N, Vlachos A. Synaptic plasticity at the interface of health and desease: New insights on the role of endoplasmic reticulum intarcellular calcium stores. Neurosci. 2014; 281: 135-46.

[109] Svoboda K, Tank DW, Denk W. Direct measurement of coupling between dendritic spines and shafts. Science. 1996; 272: 716-19.

[110] Holtmaat A, Svoboda K. Experience-dependent structural synaptic plasticity in the mammalian brain. Nat Rev Neurosci. 2009; 10: 647-58.

[111] Peters A, Kaiserman- Abramof IR. The small pyramidal neuron of the rat cerebral córtex. The perikaryon, dendrites and spine. The American Journal of Anatomy. 1970; 127: 321-56.

[112] Brusco J, Dall'Oglio A, Rocha LB, Rossi MA, Moreira JE, Rasia- Filho AA. Descriptive findings on the morphology of dendritic spines in the rat medial amygdala. Neurosci Lett. 2010; 483 (2): 152-56.

[113] Penzes P, Rafalovich I. Regulation of the actin cytoeskeleton in dendritic spine. Adv Exp Med Biol. 2012; 970: 81-95

[114] Niimi K, Horie S, Yokosuka M, Kawakami- Mori F, Tanaka K, FUKAYAMA, H.; SAHARA, Y .Heterogeneous electrophysiological and morphological properties of neurons in the mouse medial amygdala in vitro. Brain Res. 2012; 1480: 41-52.

[115] Matus, A. Growth of dendritic spine: a continuing story. Curr Opin Neurobiol. 2005; 15: 67-72.

[116] Hermel ES, Faccioni- Heuser MC, Marcuzzo S, Rasia- Filho AA, Achaval M. Ultrastructural features of neurons and synaptic contacts in the posterodorsal medial amygdala of adult male rats. J Anat. 2006b; 208 (5): 65-575, 2006b.

[117] Oberlander JG, Erskine MS. Receipt of vaginal-cervical stimulation modifies synapsin content in limbic areas of the female rat. Neurosci. 2008; 153: 581-93.

[118]Cooke BM, Wooley CS. Sexually dimorphic synaptic organization of the medial amygdala. J Neurosci. 2005; 25: 10759–767.

[119] Rasia-Filho AA, Brusco J, Moreira JE, Rocha LB. Dendritic spines observed by extracellular DiI dye and immunolabeling under confocal microscopy. Nat Protocols. 2010; 15.

[120] Sherazee N, Alvarez VA. DiOlistics: delivery of fluorescet dyes into cells. Methods Mol Biol. 2013; 940: 391- 400.

[121]Cooke BM, Stokas MR, Wooley CS. Morphological sex differences and laterality in the prepubertal medial amygdala. J Comp Neurol. 2007; 20 (501): 904– 15.

[122] Morris JA, Jordan CL, Breedlove SM. Sexual dimorphism in neuronal number of the posterodorsal medial amygdala is independent of circulating androgens and regional volume in rats. J Comp Neurol. 2008; 506: 851–59.

[123] Orefice LL, Waterhouse EG, Partridge JG, Lalchandani RR, Vicini S, Xu B. Distinct roles for somatically and dendritically synthesized brain-derived neurotrophic factor in morphogenesis of dendritic spines. J Neurosci. 2013; 33: 11618-32.

[124] Guirado R, Sanchez-Matarredona D, Varea E, Crespo C, Blasco-Ibáñez JM, Nacher J. Chronic fluoxetine treatment in middle-aged rats induces changes in the expression of plasticity-related molecules and in neurogenesis. BMC Neuroscience. 2012;13:5.

7 Anexos

A- Parecer da Comissão de Ética no uso de Animais

CEUA –COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS

PARECER CONSUBSTANCIADO DE PROJETO DE PESQUISA E ENSINO

1) PROTOCOLO Nº:139/13 Parecer 248/13

2) DATA DO PARECER: 15/01/2014

3) TÍTULO DO PROJETO:

Sinapses axo-somáticas e contatos gliais na membrana do pericário de neurônios da amígdala medial póstero-dorsal de ratos e ratas ao longo do ciclo estral

4) PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Alberto A Rasia-Filho

5) RESUMO DO PROJETO:

A variação ao longo do ciclo estral na densidade de espinhos dendríticos sugere que possa ocorrer diferença entre machos e fêmeas e uma modificação dinâmica relacionada aos hormônios ovarianos em circulação nos neurônios e na glia da amídala medial póstero-dorsal.

6) OBJETIVOS DO PROJETO:

Estudar a presença e possível modificação cíclica nas sinapses axó-somáticas e na extensão dos prolongamentos gliais sobre a membrana do corpo celular de neurônios da amídala medial póstero-dorsal de ratas adultas ao longo do ciclo estral e ratos

7) FINALIDADE DO PROJETO: [ ] Ensino [x] Pesquisa

8) ITENS METODOLÓGICOS E ÉTICOS DO PROJETO:				
Título	x	Adequado		Comentários
Introdução	**x**	Adequada		Comentários
Objetivos	x	Adequados		Comentários
Relevância e Justificativa	x	Adequados		Comentários
Materiais e Métodos	x	Adequados		Comentários

Cronograma para execução da pesquisa	[x]	Adequado	[ ]	Comentários
Orçamento e fonte financiadora	[x]	Adequados	[ ]	Comentários
Referências Bibliográficas	[x]	Adequadas	[ ]	Comentários

9) O PROJETO ESTÁ ADEQUADO À LEGISLAÇÃO VIGENTE:

[x] Sim [ ] Não

10) INFORMAÇÕES RELATIVAS AOS ANIMAIS:

Grau de dor/estresse: **B** [ ] **C** [ ] **D** [x] **E** [ ]

Justifique:

Espécie: Ratos Wistar **Número Amostral:** 30

Redução Amostral: [ ] Sim [x] Não

Justifique:

Substituição de Metodologia: [ ] Sim [x] Não

Se achar necessário, justifique e sugira uma nova metodologia:

Aprimoramento da Metodologia: [ ] Sim [x] Não

Se achar necessário, justifique e sugira aprimoramentos da metodologia:

Acomodação e manutenção dos animais: [x] Adequada [ ] Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Manipulação dos animais: [x] Adequada [ ] Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Analgesia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com analgésico substituto:

Anestesia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com anestésico substituto:

Eutanásia dos animais (se aplicável): [x] Adequada [ ] Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com metodologia substituta:

Local de Realização (Biotério/Laboratório):

Laboratório de Fiisiologia-UFCSPA

Outra instituição. Qual? Instituto de Ciências Básicas, UFRGS

11) CRONOGRAMA DE UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS

Data	Espécie	Sexo	Quantidade
Março	Ratos	M	06
Março	Ratos	F	24

12) RECOMENDAÇÃO:

[X] Aprovado

[ ] Com Pendência

[ ] Não aprovado

Data de início 17/01/14 Data de Término 31/07/2014

Comentários gerais sobre o projeto:

Projeto aprovado.

Informação relativa ao preenchimento do formulário denominado Protocolo para uso de animais na Pesquisa - CEUA – UFCSPA.

No referido formulário, o item 7.1 refere-se as substâncias que serão administradas aos animais, bem como dose, volume, via, intervalo, duração, quando as mesmas são objetos (intervenção, modulação) de estudo ou fazem parte do modelo. No caso de analgésicos, anestésicos e outros fármacos com propósitos de minimizar os danos, a dor, etc estes deverão ser descritos no item 7.3

B- Parecer da Comissão de Ética no uso de Animais

CEUA –COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS

PARECER CONSUBSTANCIADO DE PROJETO DE PESQUISA E ENSINO

1) PROTOCOLO Nº: 116/13 Parecer 186/13

2) DATA DO PARECER: 08/05/2013

3) TÍTULO DO PROJETO:

Influência da gonadectomia na morfologia dos espinhos dendríticos na amígdala medial póstero-dorsal de ratos adultos

4) PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Alberto Antônio Rasia Filho

5) RESUMO DO PROJETO:

O projeto se baseia na sensibilidade das células localizadas no subnúcleo póstero-dorsal da amígdala medial de ratos aos esteróides sexuais. Alterações nos níveis hormonais promovem mudanças plásticas nas células e modulação do comportamento social. Serão utilizados cortes histológicos previamente processados pela técnica de Golgi. A hipótese do trabalho é que a castração dos animais por longo tempo cause uma alteração na morfologia dos espinhos dendríticos, tornando-os menos complexos.

6) OBJETIVOS DO PROJETO:

O objetivo geral é estudar a plasticidade de neurônios quanto à sua morfologia e modulação por hormônios gonadais. O objetivo específico é determinar o efeito da retirada dos hormônios gonadais sobre a morfologia de espinhos dendríticos proximais no MePD de ratos machos castrados em idade adulta.

7) FINALIDADE DO PROJETO: [ ] Ensino [X] Pesquisa

8) ITENS METODOLÓGICOS E ÉTICOS DO PROJETO:

Título	x	Adequado		Comentários
Introdução	**x**	Adequada		Comentários
Objetivos	x	Adequados		Comentários
Relevância e Justificativa	x	Adequados		Comentários
Materiais e Métodos	x	Adequados		Comentários
Cronograma para execução da pesquisa	**x**	Adequado		Comentários
Orçamento e fonte financiadora	**x**	Adequados		Comentários
Referências Bibliográficas	**x**	Adequadas		Comentários

9) O PROJETO ESTÁ ADEQUADO À LEGISLAÇÃO VIGENTE:

X Sim ☐ Não

10) INFORMAÇÕES RELATIVAS AOS ANIMAIS:

Grau de dor/estresse: **B** ☐ **C** ☐ **D** ☐ **E** ☐

Justifique:

Não se aplica

Espécie: **Número Amostral:**

Redução Amostral: ☐ Sim ☐ Não

Justifique:

Não se aplica

Substituição de Metodologia: ☐ Sim **x** Não

Se achar necessário, justifique e sugira uma nova metodologia:

Aprimoramento da Metodologia: ☐ Sim **x** Não

Se achar necessário, justifique e sugira aprimoramentos da metodologia:

Acomodação e manutenção dos animais: ☐ Adequada ☐ Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Não se aplica

Manipulação dos animais: ☐ Adequada ☐ Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias:

Não se aplica

Analgesia dos animais (se aplicável): ☐ Adequada ☐ Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com analgésico substituto:

Não se aplica

Anestesia dos animais (se aplicável): ☐ Adequada ☐ Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com anestésico substituto:

Não se aplica

Eutanásia dos animais (se aplicável): ☐ Adequada ☐ Inadequada

Se achar inadequada cite abaixo as melhorias necessárias com metodologia substituta:

Não se aplica

Local de Realização (Biotério/Laborarório): Laboratório de Fisiologia (306) – prédio principal – UFCSPA

11) CRONOGRAMA DE UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS

Data	Espécie	Sexo	Quantidade
--	--	--	--
--	--	--	--

12) RECOMENDAÇÃO:

☒ Aprovado

☐ Com Pendência

☐ Não aprovado

Comentários gerais sobre o projeto:

O projeto analisado envolve a utilização de material biológico animal previamente processado em cortes histológicos armazenados de outro projeto de pesquisa. Não haverá manipulação ou qualquer uso de animais.

UFCSPA

COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS - CEUA
UFCSPA

A Comissão de Ética no uso de Animais, analisou o Projeto:

Projeto: 13-116 **Versão do Projeto:** **Versão do TCLE:**

Pesquisadores:
ALBERTO ANTÔNIO RASIA FILHO
MARIANA ZANCAN

Título: INFLUÊNCIA DA GONADECTOMIA NA MORFOLOGIA DOS ESPINHOS DENTRÍTICOS NA AMÍGDALA MEDIAL PÓSTERO-DORSAL DE RATOS ADULTOS.

Este projeto foi aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos. Todo e qualquer alteração do projeto, assim com eventos adversos graves, deverão ser comunicados a esta CEUA.

Porto Alegre, 18 de outubro de 2013.

Katya V. Rigatto
Coordenadora do CEUA
UFCSPA

C - Instrução aos autores da The Anatomical Record

The Anatomical Record

Edited By: Kurt H. Albertine, PhD Online ISSN: 1932-8494

Author Guidelines

For additional tools visit Author Resources (http://olabout.wiley.com/WileyCDA/Section/id-404516.html) - an enhanced suite of online tools for Wiley journal authors, featuring Article Tracking, E-mail Publication Alerts and Customized Research Tools.

Author Guidelines

Preparing Digital Illustrations for Print

Search Engine Optimization for Your Paper
Consult our SEO Tips for Authors page (http://www.wiley.com/legacy/wileyblackwell/pdf/SEOforAuthorsLINKSrev.pdf) in order to maximize online discoverability for your published research. Included are tips for making your title and abstract SEO-friendly, choosing appropriate keywords, and promoting your research through social media.

Note to NIH Authors:

AAA JOURNALS SUPPORT AUTHORS VIA SUBMISSION TO PUBMED CENTRAL : AAA journal authors whose research is funded by NIH will not have to worry about submitting their accepted manuscripts to PubMed Central (PMC). AAA's publisher, Wiley-Blackwell, will support authors by posting the accepted version of articles by NIH grant-holders to PubMed Central upon acceptance by the journal. The accepted version is the version that incorporates all amendments made during peer review, but prior to the publisher's copy-editing and typesetting. This accepted versio n
will be made publicly available on PMC 12 months after publication. The Anatomical Record is already freely available one year following publication on Wiley Online Library. The NIH public access mandate applies to all articles based on research that

has been wholly or partially funded by the NIH and that are accepted for publication o n or after April 7, 2008. In addition to depositing manuscripts on behalf of NIH-funded authors, Wiley has reached an agreement with the Howard Hughes Medical Institute (HHMI) to make post-peer reviewed articles publicly available six months after final publication. HHMI will cover the cost of this service. For other authors of primary research articles whose funding agency requires earlier public access, Wiley-Blackw ell
offers a $3,000 funded access option for public availability in PubMed Central and on the journal's website immediately upon publication. Details are available at Author Resources - Funded Access (http://wileyonlinelibrary.com/onlineopen).
The Anatomical Record is an official publication of the American Association of Anatomists. (http://www.faseb.org/anatomy/) The Anatomical Record's purpose is to publish new discoveries in the morphological aspects of molecular, cellular, organ systems, whole-organism, and evolutionary biology. Areas of particular interest include: studies using an integrative approach that incorporates methods and technologies from different disciplines; hypothesis-driven studies; studies that use imaging approaches in contemporary biological, biomedical, and evolutionary biology research, particularly when framed in the context of experimental models or questios. **The Anatomical Record** is particularly interested in the morphological consequence s ofnormal growth, disease, and/or interventions such as gene disruption, activation o rover-expression on cell, tissue, organ, or whole-organism architecture. Submission o f new findings made through the use of imaging modalities ranging from real-time signaling processes to gene or protein expression in individual cells, tissues or whole organisms to structural assessment of organ systems or whole-organism phenotype are also strongly encouraged.

In recognition and support of the growing importance of imaging, we are pleased to cover costs for use of color illustrations and images. High-quality, glossy paper is use for each journal issue, making color figures large and brilliant. The journal also does not charge for printed pages.

CATEGORIES OF MANUSCRIPTS CONSIDERED FOR PUBLICATION

The Anatomical Record accepts four categories of publications:

1. Full-Length Papers

2. Reviews

3. Commentaries

4. Letters to the Editor

Full length papers present results or original studies dealing with morphological aspects of any vertebrate or invertebrate molecular pathway, cell type, organ system, whole-organism, or evolutionary biology. Inclusive topics are developmental,compara tive, or evolutionary biology. With respect to developmental biology, our sister jornal Developmental Dynamics (http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)1097-0177) focuses on biochemical and molecular mechanisms of vertebrate and invertebrate development. Thus, some overlap exists between the two journals. However, the area of coverage f or developmental biological studies published in The Anatomical Record will be directed primarily to the organ, organ system, or whole-organism level, where descriptive studies of normal and abnormal development may become an important consideratio n in characterizing phenotypes.

Reviews of topics related to imaging or morphological aspects of any vertebrate or invertebrate molecular pathway, cell type, organ system, whole-organism, or topics in evolutionary biology are encouraged, either through invitation or original submission. Educational topics dealing with the anatomical disciplines will be referred to our sister journal Anatomical Sciences Education (http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)1935-9772). The criteria for acceptance of all review papers are the quality of the writing, originality, and significance.

Commentaries are welcome from the readership. Commentaries should be focused to highlight a topic or controversy, and may include references and figures. These contributions will be peer-reviewed by the Editorial Board and/or Board of Reviewers.

Letters to the Editor also are welcome from the readership. Letters should be focused to highlight a topic or controversy, and may include references. These contributions will be peer-reviewed by the Editorial Board and/or Board of Reviewers.
No paper having appeared previously will be accepted, regardless of the language in which the previous publication was written. Simultaneous publication elsewhere will not be considered. All submissions will be evaluated for plagiarism. If plagiarism is discovered, management of the manuscript will stop while the Editorial Office communicates with the authors.

PROCESS

Submission of Manuscripts: Each manuscript must be accompanied by a cover lett er which includes the following elements:

The category of manuscript (full-length papers)
The names, e-mail addresses, telephone, and fax numbers of the authors
The title of the paper and a statement of its specific results and significance
A statement that the material has not been published and is not under current consideration elsewhere
The names, addresses, telephone numbers, and fields of interest of three to five persons outside your institution who are qualified to referee the paper. Similarly, identify those whom you would not want to referee the paper.
NOTE: submissions that do not include at least three (3) potential reviewers will be delayed in the review process while the editorial office communicates with the corresponding author to provide at least three (3) potential reviewers.

ALSO INCLUDE WITH THE MANUSCRIPT:

Any paper that is in press or being considered elsewhere and includes information that would be helpful in evaluating the work submitted to The Anatomical Record.

Written permission from any author whose work is cited as a personal communication, unpublished work or work in press, who is not an author of your manuscript. Please contact the Editorial Office if you have an element which requires permission; the Editorial Office will supply you with the proper permission form to use when soliciting written permission.

SUBMISSION PROCESS: Online submission of manuscripts is required at ScholarOne Manuscripts (http://mc.manuscriptcentral.com/ar-wiley). Check for an existing account. If you are submitting for the first time, and you do not have an existing account, create a new account.

Submit manuscript and all figures as separate files. DO NOT MAIL ANY PAPER COPIES. At the end of a successful submission, a confirmation screen with manuscri pt
number will appear and you will receive an e-mail confirming that the manuscript has been received by the journal. If this does not happen, please check your submission and/or contact tech support at support@scholarone.com (mailto:support@scholarone.com).

Notice of Wiley's Compliance with NIH Grants and Contracts Policy. The NationalInstitutes of Health (NIH) has requested that its grantees submit copies of an uscripts
upon their acceptance for publication to PubMed Central (PMC), a repository housed within the National Library of Medicine. On behalf of our authors who are also NIH grantees, Wiley will deposit in PMC at the same time that the article is published in o ur
journal the peer-reviewed version of the author's manuscript. Wiley will stipulate that the manuscript may be available for public access in PMC 12 months after the date o f publication. By assuming this responsibility, Wiley will ensure that authors are in compliance with the NIH request, as well as make certain that the appropriate version of the manuscript is deposited. When an NIH grant is mentioned in the Acknowledgements or any other section of a manuscript, Wiley will assume that the author wants the manuscript deposited in PMC, unless the author states otherwise. Theauthor can communicate this via email, or a note in the manuscript. The version o f themanuscript that Wiley sends to PMC will be the accepted version, i.e., the versio n that the journal's Editor-in-Chief sends to Wiley for publication. Wiley will notify the author when the manuscript has been sent to PMC. Wiley reserves the right to chang e or rescind this policy. For further information, please get in touch with your editorial contact at Wiley, or see the NIH Policy on Public Access, located at: http://www.nih.gov/about/publicaccess/ (http://www.nih.gov/about/publicaccess/).

FORM

The manuscript should have uniform style according to **The Anatomical Record**, as detailed below. It should be written in English and be as concise as possible, without omitting relevant results. Literature surveys, overly detailed methods, or extensive bibliographies will not be published.

Supplemental material will be published electronically by **The Anatomical Record**. However, supplemental material is limited to video clips, 3-D files, sound files, and/or description of detailed methods. Not permitted as supplementary material is primary data (results), such as digital images, schemas, or data tables. Primary data are to b eincluded as part of the manuscript files so that reviewers can evaluate the data. The editorial office will look at uploaded files and if digital image files, schema files, or data table files are uploaded as supplemental material, the editorial office will contact the corresponding author to correct the submission. Review will be delayed until the correction is made to the uploaded submission.

Text should be supplied in a format compatible with Microsoft Word for Windows. Mac users are asked to save their files with their appropriate file extension (i.e., .doc, .xls, .tif, .eps, etc.). For example, when saving a Word document on a Mac, please ad d a suffix of ".doc". **ScholarOne Manuscripts (formerly known as Manuscript Central) does NOT accept .pdf files.**

Abbreviations and style of references are contained in the current edition of the CBE style manual (sixth edition, 1994, Council of Biology Editors, Inc., Suite 230 N. Michigan Ave., Chicago, IL 60601). Spelling reference is to the current edition of Webster's International Dictionary.

Manuscripts should be subdivided into the following sequence:

Title Page

Abstract

Text

Acknowledgments

Literature Cited

Footnotes

Tables

Figure

Legends

Each subdivision should start on a new page.

Title page: The first page of the manuscript should include: Title of paper Full name of author(s) Institutional affiliation and complete address Telephone and facsimile numbers and e-mail address of the corresponding author Running title not to exceed 45 letters and spaces
Individual and address to whom correspondence concerning manuscript should be s ent All grant information in the following format: Grant sponsor(s): _____; Grant number(s): _____.

Abstract: Submit an abstract of 250 words or less that will serve in lieu of a concluding summary. The abstract must be written in complete sentences. It should concisely state the significant findings without reference to the rest of the paper. Append three to eight key words at the end of the abstract for the purposes of citing your work by the secondary services.

Text: This is divided into an Introduction, Materials and Methods, Results, and Discussion sections.

Literature Cited:

Text references to literature should be arranged chronologically by author's name

Text references to literature should be arranged chronologically by author's name followed by year of publication:

. . . studies by Gheerbrandt et al., (2005) reveal

. . . studies by Geisler and Uhen (2005) shown . . .

a recent report (Buchholtz, 2007)

. . . (Uhen, 2007)

When references are made to more than one paper by the same author, published in thesame year, they are to be designated in the text as (Kelley, 1970a,b) and in the lit erature list as follows:

Kelley RO. 1970a. An electron microscopic study of mesenchyme during developme nt of interdigital spaces in man. Anat Rec 168:43-54.

Kelley RO. 1970b. Fine structure of apical, digital and interdigital cells during limb morphogenesis in man. In: Proceedings of the VIIth International Congress of Electro n Microscopy. Vol. III: p 381-382.

Literature Cited is to be arranged alphabetically in the following style: Author's name (or names), year of publication, complete title, volume, and inclusive pages.

Journal:
Bartsiokas A. 2002. Hominid cranial bone structure: a histological study of Omo 1 specimens from Ethiopia using different microscopic techniques. Anat Rec 267:52-59 .

Bräuer G, Collard M, Stringer C. 2004. On the reliability of recent tests of the Out of Africa hypothesis for modern human origins. Anat Rec 279:701-707.

Broadfield DC, Holloway RL, Mowbray K, Silvers A, Yuan MS, Márquez M. 2001. Endocast of Sambungmacan 3 (Sm 3): a new Homo erectus from Indonesia. Anat Re c 262:369-379.

Bruner E, Manzi G. 2005. CT-based description and phyletic evaluation of the archai c human calvarium from Ceprano, Ital. Anat Rec 285:643-657.

Bush EC, Simons EL, Allman JM. 2004. High-resolution computed tomography study of the cranium of a fossil anthropoid primate, Paraphithecus grangeri: new insights int o the evolutionary history of primate sensory systems. Anat Rec 281:1083-1087.

Martin RD, MacLarnon AM, Phillips JL, Dobyns WB. 2006. The Flores hominid: new species or microcephalic dwarf? Anat Rec 288:1123-1145.

Book Chapter:

Depew MJ, Tucker AS, Sharpe PT. 2002. Craniofacial development. In: Rossant J, Tam PPL, editors. Mouse Development: Patterning, Morphogenesis and Organogenesis. San Diego: Academic Press. p 421-498.

Book:

Sternberger LA. 1986. Immunocytochemistry. 3rd ed. New York: John Wiley & Sons.

Footnotes: Number footnotes to the text consecutively. The corresponding reference numbers must be clearly indicated in the text. Additional references to the identical footnote must be numbered with the next consecutive number, for example:

[1]Material used for this experiment was . . .

[2]provided by . . .

[3]See footnote 2, page . . .

Type table footnotes directly beneath the table and number them 1, 2, 3 etc. They mu st not be numbered in sequence with text footnotes.

Tables: All tables must be cited in the text and have titles. Table titles should be complete but brief. Information other than that defining the data should be presented as footnotes. Since tabular matter is expensive to reproduce, it should be simple and uncomplicated with as few vertical and horizontal rules as possible.

Figure legends: All figures must be cited in the text and must have legends. Number figures, including charts and graphs, consecutively throughout the text. Give text references to figures only in terms of the figure number. Whenever possible, integrat e figures into the text. Group figures to fit a single page with their appropriate legend. References to relevant text passages can often reduce the length of legends and avo id redundancy.

Abbreviations: Spell out all nonstandard abbreviations the first time used. Abbreviations for all figures should be listed alphabetically and placed before the first figure in which they are mentioned, e.g.,

AchE Acetylcholinesterase

CP Cortical Plate

Smc Primary somatosensory cortex

V Ventral

Digital Illustrations: The Anatomical Record is known for its free-of-charge publication of high-quality figures. To maintain this level of quality, it is necessary to require images to be submitted and processed with this goal in mind. Therefore, whe n
preparing digital art, please submit figures in separte .tif or .eps file formats, with the following attributes:

CMYK format for color figures (color figures are FREE to all authors)
300 DPI/PPI for picture-only (without text of any kind) figure files
600 DPI/PPI for figures containing pictures and lie elements (i.e., text labels, thin lines, arrows, etc.)
1200 DPI/PPI for black and white images such as line drawings, graphs, or charts
Scaling, cropping, and rotating should be performed in the originating application. To ensure that your figures will not be too large to upload, be sure to adjust the height a nd
width to approximately 2500 pixels. If the figure(s) does not meet the specifications shown above (including not exceeding the maximum size of 2500 pixels), please use graphics software (e.g., Adobe Photoshop or Illustrator) to modify the figure(s).

ATTENTION AUTHORS: Please verify that figure files meet the printer's specifications for format and resolution, at the time that you submit the original version of your manuscript. **Note that .tif (or .eps) file formats for figures (black and white,color, and grays cale) is recommended**. We recommend creating your graphics, with
all fonts and scale bars included, using Photoshop, Illustrator, or Freehand and then uploading the figure files into ScholarOne Manuscripts (formerly known as Manuscrip tCentral). File formats that are NOT acceptable are JPG/JPEG, GIF, ONG, PCX, PN G, XBM, Word, and Excel. **For further guidance on preparing digital figure files, authors are encouraged to visit http://cjs.cadmus.com/da/applications.asp (http://cjs.cadmus.com/da/applications.asp)**. Figure files that do not conform to th e required format and resolution will delay review of your manuscript, because the

editorial office will return the files to you for correction before sending your manuscript to reviewers.

Cover Illustrations: Authors are encouraged to submit CMYK color figures for consideration as cover illustrations. These figures must be submitted with the manuscript, preferably sized to 21 x 26 cm, with 600 DPI/PPI resolution.

Care and Use of Experimental Animals: The Anatomical Record and the America n Association of Anatomists require that all studies involving experimental animals be conducted in a humane manner and in accordance with all local, state and federal guidelines for the care and utilization of laboratory animals. Husbandry of the animals must meet the NIH Guidelines for the Care and Use of Laboratory Animals (http://grants.nih.gov/grants/olaw/references/phspol.htm). Each manuscript must include details of the a) food and water regimen, b) light cycles, c) appropriate tranquilizers, analgesics, anesthetics, and care performed in association with all surgi calprocedures, d) manner by which the animals were euthanized, including drugs and their dosages, and e) written assurance that an Institutional Animal Care and Use Committ ee (or equivalent) approved the protocol.

Protection of Human Subjects: The Anatomical Record and the American Association of Anatomists also require that all studies involving human subject adher e to the principles of the Declaration of Helsinki or research in Human Beings. Each manuscript must include details of the a) number of subjects, b) age, c) gender, d) women, children and other minorities, e) inclusion and exclusion criteria, and f) writte n assurance that an Institutional Review Board (or equivalent) approved the protocol.

AAA Guidelines for Research Involving Human Subjects and Vertebrate Animals: The authors signify by submission of their manuscript that research involvin g use of human subjects—including research for educational studies— has been conducted according to the principles of the Declaration of Helsinki and Title 45, U.S. Code of Federal Regulations, Part 46, Protection of Human Subjects, Revised November 13, 2001 (http://www.hhs.gov/ohrp/humansubjects/guidance/45cfr46.html) ,unless regulated by more restrictive state or local laws. Research involving vertebrat e animals must adhere to AAA's Guiding Principles in the Care and Use of Animals

(http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)19328494/homepage/AAA_Guidelines_Human_and_Animal_Guidelines.pdf). For investigations involving human subjects or vertebrate animals, a statement of protocol approval from an Institutional Review Board (IRB) or Institutional Animal Care and

Use Committee (IACUC) or its equivalent, respectively, must be included in the Methods section of the paper. Editors/Associate Editors are expected to refuse papers in which evidence of adherence to these principles is not stated explicitly.

MISCELLANEOUS

Do not hyphenate words at the end of the lines.

Corrections to the manuscript should be typed or printed legibly in ink.

Do not begin sentences with abbreviations.

Spell out the word Figure in the text except when it appears in parentheses: Figure 2, (Figs. 4-6).

Always spell out numbers when they stand as the first word in a sentence, abbreviations cannot follow such numbers. Numbers indicating time, weight and measurements are to be in Arabic numerals when followed by abbreviations (e.g., 2mm; 1sec; 3ml). In general, write out the numbers one to ten in the text. All higher numbers should be given as numerals.

The metric system should be used for all measurements, weights, etc.

The author will be asked to sign a Copyright Transfer Agreement (http://mc.manuscriptcentral.com/societyimages/ar-wiley/ECTA_INFO.pdf) transferring rights to the publisher, who reserves copyright.

It is the current policy to underwrite all normal black-and-white tabular and illustration costs.

Proofs: A single set of page proofs will be sent via E-mail to the corresponding author. All corrections should be marked clearly directly on page proofs.

Reprints: Reprints may be purchased at https://caesar.sheridan.com/reprints/redir.php? pub=10089&acro=ar (https://caesar.sheridan.com/reprints/redir.php?

pub=10089&acro=ar). It is important to order initially a sufficient quantity of reprints, since the price is substantially higher is they are ordered after the paper has been published.

COPYRIGHT TRANSFER AGREEMENT POLICY

If your paper is accepted, the author identified as the formal corresponding author for the paper will receive an email prompting them to login into Author Services; where via the Wiley Author Licensing Service (WALS) they will be able to complete the license agreement on behalf of all authors on the paper.

For authors signing the non-standard CTA

If the OnlineOpen option is not selected the corresponding author will be presented with The Anatomical Record non-standard CTA to sign. The terms and conditions of the non-standard CTA can be previewed below:
Terms and Conditions (http://mc.manuscriptcentral.com/societyimages/arwiley/ECTA_INFO.pdf). Please do not complete this PDF until you are prompted to login into Author Services as described above.

Note to Contributors on Deposit of Accepted Version

Funder arrangements

Certain funders, including the NIH, members of the Research Councils UK (RCUK) and Wellcome Trust require deposit of the Accepted Version in a repository after an embargo period. Details of funding arrangements are set out at the following website: http://www.wiley.com/go/funderstatement (http://www.wiley.com/go/funderstatement). Please contact the Journal production editor if you have additional funding requirements. Institutions
Wiley has arrangements with certain academic institutions to permit the deposit of th e Accepted Version in the institutional repository after an embargo period. Details of such arrangements are set out at the following website: http://www.wiley.com/go/funderstatement (http://www.wiley.com/go/funderstatement)

For authors choosing OnlineOpen

If the OnlineOpen option is selected the corresponding author will have a choice of th e following

Creative Commons License Open Access Agreements (OAA):

Creative Commons Attribution License OAA

Creative Commons Attribution Non-Commercial License OAA

Creative Commons Attribution Non-Commercial -NoDerivs License OAA

To preview the terms and conditions of these open access agreements please visit th e Copyright FAQs hosted on Wiley Author Services http://authorservices.wiley.com/bauthor/faqs_copyright.asp (http://authorservices.wiley.com/bauthor/faqs_copyright.asp) and visit http://www.wileyopenaccess.com/details/content/12f25db4c87/Copyright-License.htm l (http://www.wileyopenaccess.com/details/content/12f25db4c87/Copyright-License.ht ml).

If you select the OnlineOpen option and your research is funded by The Wellcome Trust and members of the Research Councils UK (RCUK) you will be given the opportunity to publish your article under a CC-BY license supporting you in complyin g

with Wellcome Trust and Research Councils UK requirements. For more information on this policy and the Journal's compliant self-archiving policy please visit: http://www.wiley.com/go/funderstatement (http://www.wiley.com/go/funderstatement).

Visit the new Author Services (http://authorservices.wiley.com/) today! Feature s include:

Free access to your article for 10 of your colleagues; each author of a paper may nominate up to 10 colleagues. This feature is retrospective — even articles already published offer this feature for free colleague access

Access in perpetuity to your published article

Production tracking for your article and easy communication with the Production Editor via e-mail.

A list of your favorite journals with quick links to the Editorial Board, Aims & Scope, Author Guidelines, and the Online Submission website. Journals in which you have tracked production of an article are automatically added to your Favorites.

Guidelines on optimizing your article

(http://authorservices.wiley.com/bauthor/seo.asp) for maximum discoverability.

Editorial office:

Editor Kurt H. Albertine, Ph.D. Univeristy of Utah School of Medicine Department of Pediatrics PO Box 581289 Salt Lake City, Utah 84158 USA National Tel: 801-213-3213 Fax: 801-585-7395 International Tel: 011-801-213-3213 Fax: 011-801-585-7395 E-mail: AR@hsc.utah.edu (AR@hsc.utah.edu) (lijichen@zju.edu.cn) AR Production E-mail: jrnlprod.AR@cadmus.com (jrnlprod.AR@cadmus.com).